

PERSPECTIV@S

um novo olhar para a educação de jovens e adultos

nº 2, Janeiro de 2016

Ensino e aprendizagem
na educação de jovens e adultos



ISSN: 2446-7677

PRIMEIRAS PALAVRAS

O caminho? Se faz caminhando...

Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
(...)

Antonio Machado (1875 – 1939)

Trecho de Poema XXIX de Provérbios y Cantares

Não é fácil o caminho para a edição de uma revista. O desafio começa com os autores, educadores acostumados em superar obstáculos no dia-a-dia da prática escolar, sempre lutando contra o tempo, tão exíguo, além das dificuldades que, se arroladas, dariam para contornar a circunferência da Terra! Autores-educadores, heróis às vezes pouco familiarizados com a escrita científica, humildes em divulgar seus sucessos na sala de aula, mas que aceitaram o desafio de colocar no papel suas reflexões, suas pesquisas, suas experiências.

E então, eis que apresentamos aqui o 2º número da revista!

Os 15 artigos publicados apresentam enfoques variados, da utilização de TICs, metodologias específicas e visita técnica à importância da afetividade e da contextualização para otimização do processo de aprendizagem; dos aspectos da avaliação, da inclusão social, até a educação de jovens e adultos em assentamentos de reforma agrária, textos baseados em pesquisas bibliográficas, estudos de caso, relatos de experiências que revelam a riqueza da vivência desses educadores.

O enfoque na educação dos adultos e dos jovens-adultos compõe o horizonte dos artigos.

Caminhamos passo a passo, na expectativa de a cada edição ampliar o grupo de caminhantes.

Boas leituras!

Eva Chow Belezia

Professora coordenadora de projetos

Janeiro, 2016.

EXPEDIENTE

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

DIRETORA SUPERINTENDENTE

Laura Laganá

VICE-DIRETOR SUPERINTENDENTE

César Silva

CHEFE DE GABINETE DA SUPERINTENDÊNCIA

Luiz Carlos Quadrelli

COORDENADORA DA UNIDADE DE PÓS GRADUAÇÃO, EXTENSÃO E PESQUISA

Helena Gemignani Peterossi

COORDENADORA DO ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO

Mariluci Alves Martino

COORDENADOR DO ENSINO MÉDIO E TÉCNICO

Almério Melquíades de Araújo

COORDENADORA DO PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO

Silvana Maria Brenha Ribeiro

PROFESSORA RESPONSÁVEL PELO CURSO ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eva Chow Belezia

CORPO EDITORIAL

Profª MS. Eva Chow Belezia
Profª MS. Ivone Marchi Lainetti Ramos
Profª Dra. Juliana Nazaré Alves
Profª MS. Lidia Ramos Aleixo de Souza
Prof. MS. Paulo Roberto Prado Constantino
Profª Dra. Senira Anie Ferraz Fernandez

EQUIPE TÉCNICA E PEDAGÓGICA

Adriana Nunes Medroni
Erika Cristina Silva Batista Queiroz
Eva Chow Belezia
Geraldo José Sant'Anna
Gislayno Ficuciello Monteiro da Silva
Ivone Marchi Lainetti Ramos
Juliana Nazaré Alves
Lidia Ramos Aleixo de Souza
Lucilene Santos Silva Fonseca
Marta Louzada Zen Fujita
Paulo Roberto Prado Constantino
Senira Anie Ferraz Fernandez
Silvana Maria Brenha Ribeiro
Silvia Petri Dalla Nora Silva
Sonia Maria Valsecchi Ribeiro de Souza
Sueli Medeiros Nanni

EQUIPE DE APOIO

Ana Paula Marinho Ribeiro
Elizabeth Silva
Joyce da Silva Costa
Michel Fares Breidi
Regina Célia Luz Vieira de Moraes

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <u>O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</u> | |
| Ana Elisa Ribeiro Vieira | 08 |
| <u>A VISITA TÉCNICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM</u> | |
| Arno Costa | 22 |
| <u>METODOLOGIAS DE ENSINO APLICADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM BASE NOS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO</u> | |
| Bruna Fiore Silveira | 34 |
| <u>CURRÍCULO DA HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE REFLEXÃO À LUZ DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA</u> | |
| Carlos Alberto Diniz | 43 |
| <u>A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</u> | |
| Cristiano Augusto de Oliveira | 57 |
| <u>A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO MEDIADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA</u> | |
| Denise de Cássia Mello | 65 |
| <u>PERSPECTIVAS E MOTIVAÇÕES PESSOAIS DE ALUNOS DA TERCEIRA IDADE DE CURSOS DE PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL E A RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM COM O PÚBLICO DA EJA</u> | |
| Janaína Dias Goulart | 71 |
| <u>A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ALUNOS DA EJA</u> | |
| Leonardo Lirussi | 84 |
| <u>VISÃO DIAGNÓSTICA SOBRE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS</u> | |
| Lígia Maria Trolezi | 92 |

INCLUSÃO SOCIAL EJA – EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

Luciano Tronchini 104

CRIAÇÃO DE ROTEIROS DE APRENDIZAGEM DE INFORMÁTICA NOS CURSOS DE MODALIDADE EJA

Máira Salles Báz 115

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA

Márcio Adriano Bredariol 127

METODOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mislene Beatriz Ciconi 138

A GEOMETRIA ESPACIAL NO MUNDO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Nélia Aparecida Vasiulis Abu-Jamra 147

A INTERATIVIDADE E AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Pablo de Souza Vespasiano 155

O DESEMPENHO ESCOLAR DAS GERAÇÕES X, Y E Z NO CURSO DE TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO DA ETEC PREFEITO JOSÉ ESTEVES, EM RELAÇÃO AOS MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Ronaldo Alves da Silva 164

CHAMADA DE TRABALHOS 173



O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Elisa Ribeiro Vieira

ana.vieira112@etec.sp.gov.br

Professora na Etec Prof. Marcos Uchôa dos Santos Penchel, Cachoeira Paulista, São Paulo. Centro Paula Souza. Orientada por Prof. Esp. Regina Haeffner.

Este trabalho apresenta a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos (EJA) apontando os desafios e as oportunidades da utilização da tecnologia no ensino. Neste trabalho, primeiramente é exposto através da revisão da literatura o conceito da EJA. São apresentadas as TICs, sua utilização no ambiente escolar e os recursos disponíveis para auxiliar os professores no processo de ensino-aprendizagem. Quanto à metodologia empregada optou-se pela pesquisa bibliográfica em livros, artigos e sites. Com este trabalho pode-se compreender que as ferramentas que as TICs proporcionam podem ser utilizadas como uma aliada ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos do EJA.

PALAVRAS CHAVE: Educação; Tecnologia da Informação e Comunicação; Educação de Jovens e Adultos.

This work presents the use of Information and Communication Technologies (ICT) in Education for Youth and Adults (EJA) pointing out the challenges and opportunities of using technology in teaching. This work first presents, through the literature review, the concept of adult education. The ICT are presented, as well as their use in the school environment and the resources available to assist teachers in the teaching-learning process. As for the methodology opted is for biographic search in books, articles and websites. This work shows the tools that ICTs provide can be used as an ally to the learning process of adult education students.

KEY-WORDS: Education; Technology of Information and Communication; Youth and Adult Education.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as discussões sobre as dificuldades e desafios dos docentes.

Entende-se que o princípio básico da EJA, no início do século XX, não foi de qualificação para o mercado de trabalho, mas sim com o propósito de adquirir conhecimento da leitura e da escrita. Porém nas décadas de 80 e 90 iniciou-se a busca por uma educação de qualidade e de desenvolvimento dos educandos, com a ampliação do acesso a educação a todos, por meio de políticas governamentais de inclusão social e digital.

O objetivo primordial desta pesquisa é investigar a contribuição das TICs na EJA (Educação de Jovens e Adultos) e os seus desafios. Neste sentido, a escolha do tema, O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Jovens e Adultos, foi motivada pela expansão das TICs na sociedade e a sua importância para estimular os docentes e os discentes no processo de ensino-aprendizagem.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica composta por meio de estudos em literaturas como livros, artigos, estudos de caso, sites entre outros.

A sociedade situa-se em um contexto histórico e cultural no qual a tecnologia faz parte do nosso cotidiano, as mídias participam da formação cultural dos alunos de forma mais articulada. As experiências com as tecnologias fazem parte dos padrões culturais, modificando modos de viver.

Neste contexto atual, o desafio da EJA é proporcionar aos alunos a possibilidade de utilizar-se das linguagens modernas para produzir conhecimentos. Esse trabalho pretende-se constatar a utilização da TIC no processo de ensino-aprendizagem nos cursos de EJA, além de destacar que a TIC pode apresentar importantes contribuições, dentre elas destaca-se o aprimoramento de metodologias pedagógicas por parte dos docentes envolvidos proporcionando maior interação entre discentes e docentes através de aulas mais dinâmicas e atrativas.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Entende-se que a EJA é uma forma de ensino da rede pública no Brasil, com o objetivo de desenvolver o Ensino Fundamental e Médio com qualidade, para as pessoas que não tiveram oportunidade de seguir os estudos de forma regular, com idade e série indicada. A Lei de Diretrizes e Bases, LDB 9394/96 esclarece em seu Art. 37 e 38:

Da Educação de Jovens e Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Portanto pode-se apontar pontos característicos dos alunos que procuram a EJA, como sendo aqueles provenientes de camadas mais carentes da população.

Percebe-se que na EJA há um grupo de alunos que podem ser considerados desinteressados ou desmotivados, por isso é preciso verificar a necessidade de

considerar a aprendizagem levando em conta as experiências de vida de cada aluno e o seu contexto social, que interfere diretamente no ritmo, na forma e nos resultados de seu aprendizado.

A principal da tarefa da EJA é fazer valer o que a Constituição Federal determina em seu art. 208, que é garantir o acesso e a permanência do ensino fundamental a todos, “inclusive a sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988).

Compreende-se que o professor da EJA tem inúmeros desafios para transmitir os conhecimentos, considerando que os seus alunos estão há algum ou muito tempo fora da escola. Esse é um dos motivos pelos quais os docentes precisam ser criativos e dinâmicos em suas aulas.

2. ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2013 realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) a EJA apresentou queda de 3,4% (134.207), totalizando 3.772.670 matrículas em 2013, conforme gráfico 1. Desse total, 2.447.792 (64,9%) estão no ensino fundamental (inclui EJA integrado à educação profissional e Projovem Urbano) e 1.324.878 (35,1%) no ensino médio (inclui EJA integrado à educação profissional). Embora a EJA atenda a cerca de 100 mil idosos (60 anos e mais), a faixa etária de 15 a 44 anos responde por 86,1% de suas matrículas.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)/IBGE, o número de pessoas sem ensino fundamental completo na faixa de 15 a 44 anos – público que potencialmente pode ser atendido pela EJA – passou de 33,7 milhões em 2007 para 26,7 milhões de pessoas em 2012, representando uma queda de 20,9%.

Apesar da queda no número de pessoas sem ensino fundamental completo, os dados indicam que o atendimento de EJA tem espaço para expansão. A oferta de EJA segue a mesma distribuição do ensino regular, ou seja, a rede municipal é predominante no ensino fundamental, e a rede estadual, no ensino médio.

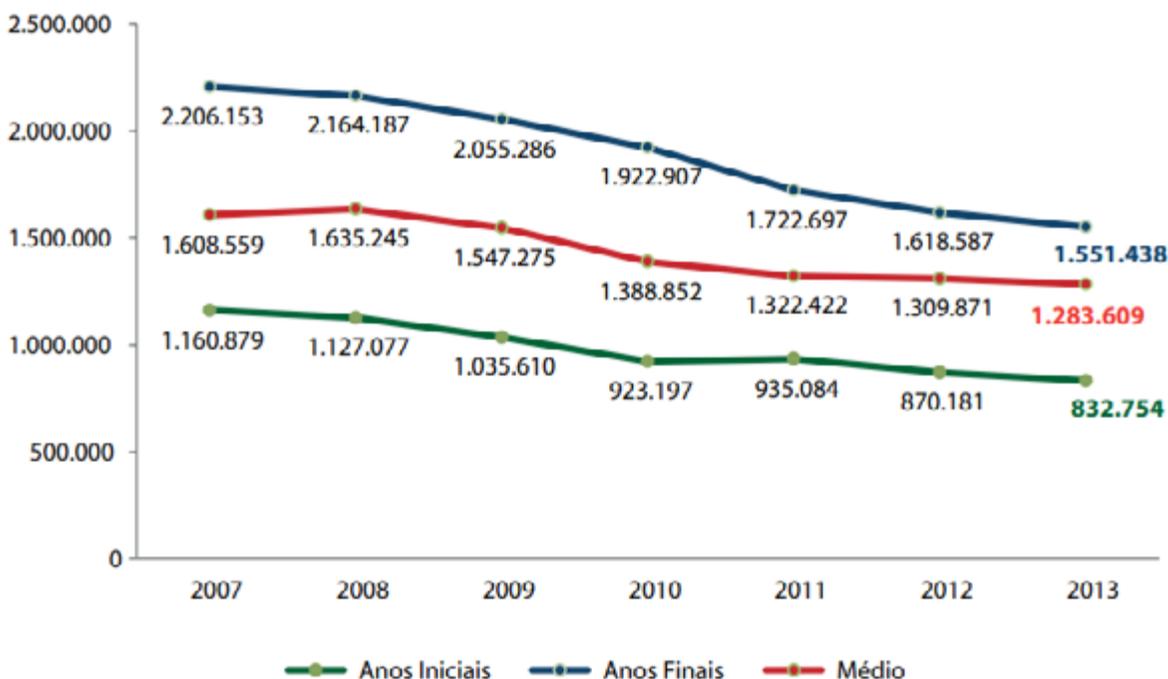


Gráfico 01 - Número de Matrículas na Educação de Jovens e Adultos por Etapa de Ensino - Brasil - 2007-2013 - Fonte: MEC/Inep/Deed

O Censo Escolar 2013 mostra que os alunos que frequentam os anos iniciais do ensino fundamental da EJA têm perfil etário superior aos que frequentam os anos finais e o ensino médio dessa modalidade, conforme gráficos 2, 3 e 4.

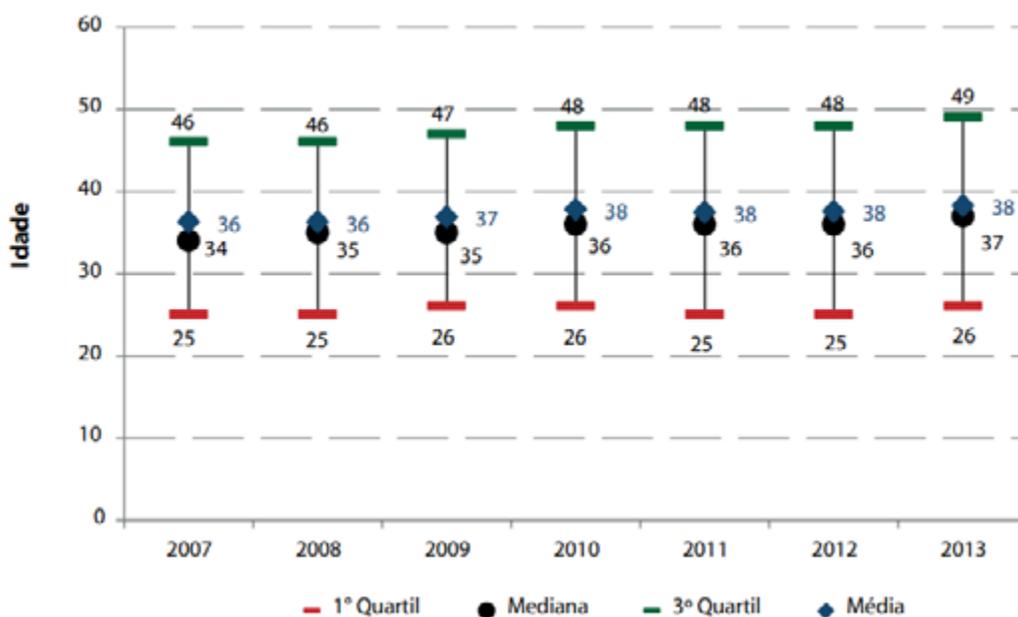


Gráfico 02 - Educação de Jovens e Adultos - Medidas de Posição da Idade dos Alunos Matriculados nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Brasil - 2007-2013 - Fonte: MEC/Inep/Deed

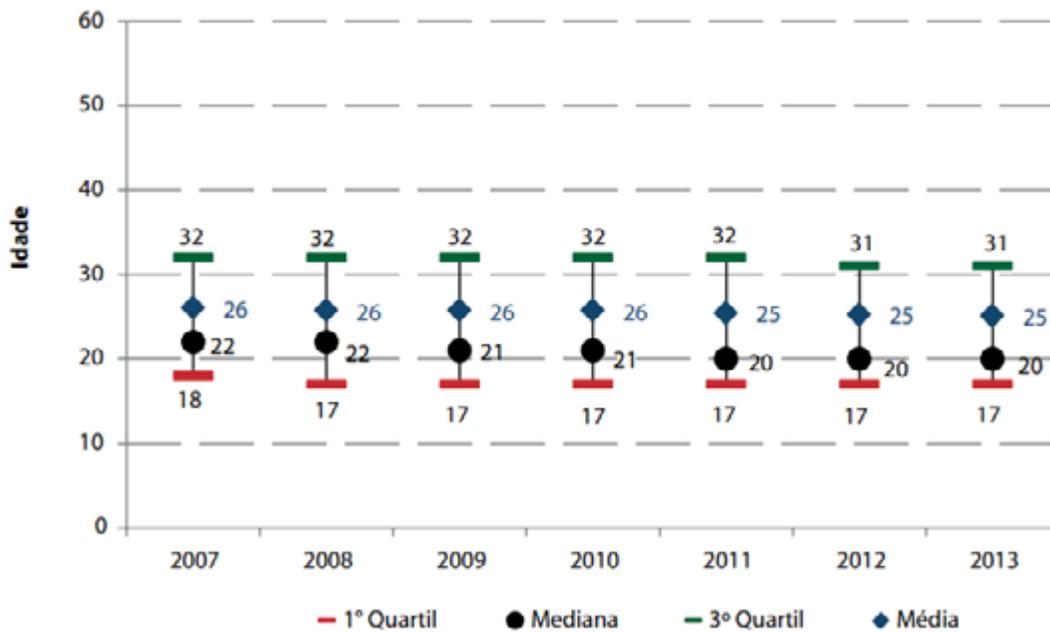


Gráfico 03 - Educação de Jovens e Adultos - Medidas de Posição da Idade dos Alunos Matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental - Brasil - 2007-2013 - Fonte: MEC/Inep/Deed.

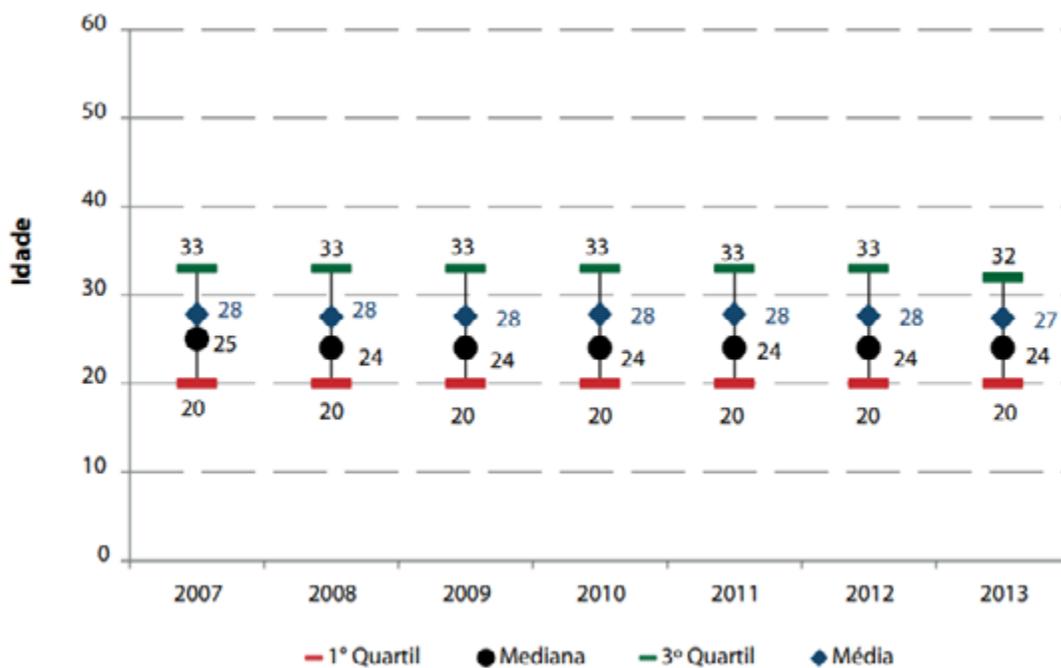


Gráfico 04 - Educação de Jovens e Adultos - Medidas de Posição da Idade dos Alunos Matriculados no Ensino Médio - Brasil - 2007- 2013 - Fonte: MEC/Inep/Deed

Esse fato sugere que os anos iniciais não estão produzindo demanda para os anos finais do ensino fundamental de EJA. Considerando as idades dos alunos nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio de EJA, há evidências de que essa modalidade está recebendo alunos provenientes do ensino regular, por iniciativa do aluno ou da escola.

3. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A prática docente deve ser constantemente revista não apenas pelos professores de maneira individual, mas também em reuniões pedagógicas da equipe docente e com os próprios alunos. Kenski alerta que:

Os avanços tecnológicos reorientam a leitura na escola para outros textos e imagens. O ato de ler se transforma historicamente. Não mais a leitura obrigatória dos densos compêndios, clássicos das ciências ou dos herméticos textos cheios de erudição, alguns incompreensíveis para seus jovens leitores. Textos curtos, cartazes, intercalados com imagens, desenhos, filmes, literatura e conversas fazem a intermediação entre os textos clássicos e os hipertextos digitais. A escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas por meio do uso das tecnologias digitais. (KENSKI 2003, p. 62)

É fundamental que o professor selecione suas metodologias e ferramentas tecnológicas de trabalho pedagógico considerando os objetivos. O estudante, por sua vez, deve desenvolver competências para acessar informações, compreendê-las, criticá-las e aplicá-las em situações e contextos diversos.

Compreende-se que uma boa proposta pedagógica simultaneamente com as novas tecnologias é de grande importância, considerando que são ferramentas educacionais facilitadoras da aprendizagem, levando o aluno a construir seu próprio conhecimento, passando a ter um papel ativo, na busca de solução de suas necessidades.

O aumento da TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) incentiva a mudança de comportamento dos indivíduos na sociedade contemporânea, contexto em que

o processo de globalização contribuiu efetivamente para essa mudança cultural, de modo que o conhecimento tornou-se essencial na sociedade da informação.

Na educação com a difusão e o uso de novas tecnologias de informação e comunicação nas práticas educacionais, ocorreram mudanças na produção de materiais didáticos e nas metodologias de ensino-aprendizagem.

De acordo com Laudon e Laudon (2007) as TICs são constituídas por cinco elementos, sendo eles: Hardware, software, tecnologia de gerenciamento de dados, tecnologia de comunicação e de redes e serviços de tecnologia.

É fundamental que o professor selecione suas metodologias e ferramentas tecnológicas de trabalho pedagógico considerando os objetivos.

Na educação, a tecnologia tem sido utilizada nos processos de ensino-aprendizagem, abrangendo todas as atividades desenvolvidas pelos recursos da informática, envolvendo desde o processo de matrícula, cadastros de alunos, interatividade com o corpo de funcionários e docentes até a divulgação virtual das notas. (SAMPAIO, 2007).

4. TECNOLOGIA NA ESCOLA

Nota-se que há diversas maneiras de interação do professor com os alunos e disseminação do conhecimento através das TICs, sendo eles: utilização de blogs, sites, e-mails, comunidades virtuais, salas de bate-papo, dentre outras. Lopes (2006) cita alguns exemplos de recursos tecnológicos que são utilizados no ensino, como por exemplo: Software de apresentações, lousas interativas que permitem a integração de recursos de som, vídeo, vídeo conferência e o acesso à internet, softwares de comunicação entre alunos e professores, disponibilização de rede sem fio de internet, salas com diversos aparelhos eletrônicos, softwares acadêmicos, bibliotecas virtuais e outros mais.

Atualmente, os profissionais de todas as áreas, procuram se adaptar às novas tecnologias, procurando utilizá-las de forma a obter um melhor desempenho na sua atividade profissional. Na docência não pode ser diferente, os docentes precisam estar atentos ao surgimento de novas tecnologias que possam agregar no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto o docente precisa introduzir as TICs no contexto da EJA devendo considerar que os jovens e adultos não foram alfabetizados na idade própria e é possível que haja dificuldades ou resistência com essas tecnologias. O docente deve incentivar o uso de forma saudável e benéfica dessas mídias. Citelli nos afirma que:

Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação e projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a sociedade. (CITELLI 2004, p. 22)

Portanto entende-se que o aluno que já tiver um conhecimento sobre essas mídias poderá expandir seus conhecimentos e auxiliar o docente nas atividades em sala. Os alunos que ainda não têm acesso as mídias poderão começar a ter sentindo assim incluídos nesta nova era digital na qual estamos.

5. TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

De acordo com o estudado compreende-se que os alunos da EJA precisam de incentivo e motivação maior que os demais alunos regulares para continuar os estudos. Por isso as TIC's podem ser uma opção de atratividade para as aulas. Os alunos da EJA precisam inserir em seu cotidiano a inclusão digital, como forma de melhoria nas condições humanas, além de incentivá-los pela busca do conhecimento.

Encontra-se nas escolas os mesmos problemas que se encontrava há um tempo, como por exemplo, a evasão escolar, a repetência e o desinteresse do aluno em permanecer na sala de aula assistindo aulas tradicionais. Ensinar com lápis, papel e borracha de um lado, quadro e giz de outro, ou seja, a educação tradicional é confrontada com a obsolescência do conteúdo programático e a dificuldade em manter a atenção do aluno em uma aula clássica.

De acordo com Ponte (1997) as novas tecnologias da informação provocam o aparecimento de novos saberes e novas competências e que ao contrário do que se pensa não traduzem necessariamente num ensino em que tudo se baseia no computador. De fato este é o discurso de muitos profissionais que são contrários ao uso de TIC, alguns até alegam que o computador irá substituir o professor em sala de aula. Mas o verdadeiro intuito de usar a TIC é ter o computador como uma ferramenta auxiliar para o professor e não como detentor do conhecimento, sendo o computador um instrumento que facilitará no ensino-aprendizagem e não será ele que irá gerar o conhecimento.

Segundo Takahashi (2000) “O que a sociedade nos cobra é o uso do computador para integrar escola e sociedade, ou seja, formar cidadãos para tomada de decisões sobre aspectos distintos de vida”. E é esse o objetivo do EJA, não formar cidadãos para a leitura e para a escrita, mas sim para a autonomia e o desenvolvimento integral da pessoa. Silva (2010) nos afirma que:

O uso de computadores nas salas de aula, sobretudo na EJA, vem para transformar as aulas tradicionais, buscando um espaço de criação, de envolvimento, de desenvolvimento da criatividade, para que, estudantes e professores, possam juntos aprender e ensinar usando imagens, sons, formas textuais e dialogando, tendo posições críticas sobre determinados assuntos vividos em nosso cotidiano.

Paulo Freire (1976) nos acrescenta que a aprendizagem do aluno da EJA, precisa ser ampla de modo que o indivíduo possa “ler o mundo e, ao lê-lo transformá-lo”, e isso se aplica também quando os alunos começam a fazer uma leitura do mundo através dos recursos digitais.

A EJA contribui para a integração do aluno ao ensino e a cultura, o uso de materiais tecnológicos, pode servir como prática social e bem estar social, pontos positivos no desenvolvimento, inclusão e crescimento do aluno.

Neste sentido, é necessário conhecer as especificidades dos recursos midiáticos para incorporá-los com objetivos didáticos claros, considerando à vivência dos alunos, seus conhecimentos prévios, com mediação adequada do professor que deve valer-se dos recursos disponíveis para implementar uma nova prática construída pelo dinamismo das imagens e sons.

Segundo Oliveira:

Vale ressaltar, que a utilização das TIC requer habilidades específicas e os alunos da EJA podem apresentar dificuldades ao utilizá-las. Nesse caso, o professor como mediador do conhecimento, deve estabelecer uma maneira para que o aluno não se sinta desmotivado, ressaltando sempre a sua competência, e se possível estimular reflexões críticas e trabalhos de conscientizações. (OLIVEIRA, et al, 2012).

Portanto o docente não deve somente incorporar as tecnologias no ensino, mas sim procurar utilizá-las com inovação. É aconselhável ao docente realizar a avaliação diagnóstica da sala, para avaliar o nível de conhecimento dos alunos em relação a tecnologia antes de iniciar o uso das mesmas.

Ainda de acordo com Oliveira:

Esse novo panorama da educação seria como um incentivo maior a construção de uma escola renovada, inovadora, crescente nas ideias de que o aluno é um ser pensante em pleno desenvolvimento social, educacional e comportamental. Isso levaria a uma maior inclusão social e diminuiria os problemas considerados graves, como e evasão escolar, abandono e repetência. (OLIVEIRA, et al, 2012).

A tecnologia precisa ser integrada na realidade do educando da EJA para que eles possam se sentir incluídos na sociedade que está cada dia mais digital. O conhecimento da tecnologia beneficia também a sua entrada e permanência no mercado de trabalho, visto que cada vez mais as atividades precisam de conhecimento de informática.

Portanto, o professor do século XXI necessita adequar-se aos avanços e recursos metodológicos respeitando o pensamento, o gosto, a curiosidade do educando da EJA, para melhor compreendê-lo. Dessa forma, deixará de ser professor mecanicista e perceberá que o discente é sujeito capaz de transformar a sua realidade, podendo abrir novas possibilidades na vida e despertando habilidades.

CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi o de estudar a utilização das TICs no contexto da EJA. O presente estudo aponta para o fato que o cenário educacional se modificou e fez com que os docentes, por necessidade, buscassem o auxílio da tecnologia para aprimorar o processo de ensino-aprendizado.

Em face do exposto neste trabalho, pode-se considerar que a tecnologia da Informação oferece inúmeros recursos para os docentes neste processo. A partir da revisão da literatura é possível analisar os componentes, conceitos, ferramentas, e benefícios das TICs. Diante das citações dos teóricos, é notável a interferência das TICs nos resultados finais do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, entende-se que a relação entre as TICs e a EJA nos mostra necessidade do envolvimento da educação com os avanços tecnológicos, uma vez que a sociedade em que estamos inseridos exige esse envolvimento.

Atualmente, a comunicação se dá basicamente por meio de instrumentos tecnológicos, a inserção no mercado de trabalho não é diferente, pois o mínimo de conhecimento de informática é exigido na maior parte das profissões.

Os educadores não podem deixar de lado a preocupação em relação à inclusão de TICs nas salas de EJA, pois os professores não podem ficar à margem ao processo da evolução tecnológica. Enquanto participantes do processo de ensino e aprendizagem, é preciso estar à frente das inovações tecnológicas buscando, sempre, o preparo e a motivação para levar aos alunos novos instrumentos de aprendizagem, que os conduzam ao desenvolvimento humano, como meio de realização pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CITELLI, Adilson. Outras linguagens na escola: publicidade, cinema, TV, rádio, jogos, informática. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica 2013: resumo técnico. Brasília : O Instituto, 2014.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P.. Sistemas de informação gerenciais. 7. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 01 jul. 2015.

LOPES, Fabiana. Bye-bye quadro negro. Disponível em: <http://www.abt-br.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=354:bye-bye-quadro-negro&catid=14:tecnologias&Itemid=80>. Acesso em: 15 jul. 2015.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. São Paulo: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Jacob Alexandre Souza; FERREIRA, Maria Kueirislene Amâncio; BRAGA, Cristiane Borges. As Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/3340/2705>>. Acesso em 29 jun. 2015.

PONTE, J.P.; CANAVARRO, A. P. Matemática e novas tecnologias. Lisboa: Universidade aberta, 1997.

SAMPAIO, Elaine Regina de Mesquita. A Tecnologia da Informação (TI) na Educação Superior Brasileira. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/a-tecnologia-da-informacao-ti-na-educacao-superior-brasileira/13965/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

SILVA, Angélica Paulino da. Educação de Jovens e Adultos: Sociedade da Inclusão e Exclusão Digital. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35817/000815780.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

Takahashi, Tadao (org). Sociedade da Informação no Brasil. Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>>. Acesso em 29 jun. 2015.



A VISITA TÉCNICA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM

Arno Costa

arno.costa@etec.sp.gov.br

Professor nas Etecs Guaracy Silveira, Zona Leste e José Rocha Mendes em São Paulo, Centro Paula Souza. Orientado por Prof. Ms. Cathia Lima Petroni.

As aulas expositivas já não bastam para manter o aluno atento aos conteúdos. A inserção do vídeo, revistas, livros ajudam no processo de aprendizagem, mas ainda são insuficientes. O objetivo deste artigo é destacar a importância da visita técnica como forma de aproximar o conteúdo teórico visto em classe com o cotidiano do mundo do trabalho. Para atingir os objetivos desse estudo, foi necessário realizar pesquisa bibliográfica, estudo de caso, aplicação de questionário no evento para professores, instrumentos eficazes para demonstrar que a visita técnica pode ser utilizada como uma importante ferramenta que pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS CHAVE: Visita técnica; Parcerias; Metodologia de ensino; Educação profissional; Motivação.

Contar con tan sólo la ayuda de la tiza y la pizarra las clases expositivas ya no basta para mantener al alumno atento a los contenidos. La inserción de vídeo, revistas, libros ayudan en el proceso de aprendizaje, sin embargo son todavía insuficientes si pensamos en una formación profesional que se acerque más al mundo real, con más motivación y agregación. El propósito de este artículo es poner de relieve la importancia de la visita técnica como una manera de acercar el contenido teórico visto en clase al mundo cotidiano del trabajo. Para lograr los objetivos de ese estudio, fue necesario llevar a cabo una investigación bibliográfica, estudio de caso, aplicación de cuestionario en el evento para los profesores, herramientas eficaces para demostrar que la visita técnica puede utilizarse como una herramienta importante capaz de ayudar en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

PALABRAS CLAVE: Visita técnica; Asociaciones; Metodología de enseñanza; Educación profesional; Motivación.

INTRODUÇÃO

De acordo com as novas abordagens na educação, o aprendizado vai muito além dos muros da escola. A aula expositiva, apenas com o auxílio do giz e da lousa já não são suficientes para manter o aluno atento aos conteúdos. A inserção do vídeo, revistas, livros ajudam no processo de aprendizagem, mas ainda são insuficientes se pensarmos em uma educação profissional mais próxima do mundo real, mais motivadora e agregadora.

Aulas tradicionais contribuem para a formação de um indivíduo passivo, desmotivado, desinteressado e indisciplinado, contribuindo para a evasão da escola.

Com o rápido desenvolvimento e a conseqüente introdução de novas tecnologias, os alunos ficaram mais exigentes, e esse cenário requer dos professores a utilização de diferentes metodologias. Assim as aulas podem se tornar mais dinâmicas, menos impositivas e mais reflexivas, através de discussões, troca de ideias que visam estimular a argumentação, o senso criativo e crítico, fazendo do aluno o protagonista no processo ensino-aprendizagem.

O professor é visto neste contexto não mais como um transmissor de informações, mas como um facilitador capaz de auxiliar na organização, seleção e na construção de novos conhecimentos.

Os métodos de avaliação também devem acompanhar essas transformações, não podendo ser mais quantitativas e fragmentadas e que privilegiam a repetição de conceitos prontos. Mudar e introduzir novas formas de avaliação não é fácil, mas que exigem do professor métodos capazes.

Com o desenvolvimento tecnológico e econômico ocorreram gradativas mudanças sociais importantes, principalmente em relação às empresas que buscam profissionais competentes e preparados para assumir seus postos de trabalho. Esses profissionais devem chegar “prontos” para atuar diretamente na função para a qual foram contratados.

A educação profissional não pode ficar alheia a este cenário e deve inserir-se como parte de um processo de construção que visa promover a capacitação do aluno, necessária para o mercado de trabalho. Além de contribuir com a capacitação, deve

promover a formação integral do aluno como cidadão, abrindo espaço para reflexões profissionais e éticas.

A necessidade de aliar a prática da teoria aplicada em sala de aula é um dos maiores desafios da educação profissional e uma busca incessante do professor de disciplinas técnicas, que deve estar atento às exigências do aluno e do mercado de trabalho e deve promover mudanças em suas aulas aproximando-as do contexto real.

A realidade se encontra fora dos muros da escola e a visita técnica, objeto deste artigo, é um recurso didático-pedagógico que contribui para a aprendizagem, complementando os conteúdos teóricos adquiridos em classe e que pode aperfeiçoar a prática profissional dos estudantes que se preparam para ingressar no mercado de trabalho.

Para que a visita técnica não se transforme num simples passeio, o planejamento é indispensável, com a escolha de métodos mais simples que contribuem para uma resposta mais rápida e eficaz. Para tanto, os objetivos devem ser claros em pautar na identificação, pelos alunos, das peculiaridades das atividades práticas e situações profissionais das empresas. Desta maneira, o processo de aprendizagem se torna mais motivador e significativo.

Tendo em vista a importância da visita técnica na prática pedagógica, esse trabalho se propõe investigar seu propósito e a inter-relação nos conteúdos da área de gestão, através de pesquisa bibliográfica e da organização de um evento com posterior aplicação de questionários para os alunos, bem como de professores que se utilizam desse recurso.

1. PARCERIA ESCOLA / EMPRESA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Historicamente, na educação brasileira, a escola foi vista como a única instituição responsável pelo processo de aprendizagem, porém tinha um papel paralelo e alheio às demandas impostas pelo mundo do trabalho, exercendo nesse ponto papéis incompatíveis, como indica Silva Filho (1994, p.87): “No passado, os anseios da oferta (educadores) e as necessidades da demanda (empresários) eram conflitantes”.

Segundo ele, a única escola com qualidade igual para todos não era necessária, pois na primeira etapa do processo de industrialização, foi possível a países como o nosso estabelecer um parque industrial razoável contando com uma base estreita de mão de obra qualificada, somada a um contingente enorme de trabalhadores com pouca ou nenhuma qualificação e a uma quantidade enorme de trabalhadores mal preparados para enfrentar desafios mais complexos.

Hoje, a educação escolar faz parte de um amplo contexto e protagoniza a principal fonte propulsora do crescimento econômico, atendendo as premissas impostas pela globalização.

Existe uma incongruência entre as demandas sociais, cada vez maiores e mais complexas, que, de fato, não prepara os jovens nem para a vida social, nem para o trabalho.

A educação profissional vai mais além, pois é condição básica para garantir o desenvolvimento de competências e habilidades requeridas do trabalhador para ingressar e permanecer no mercado de trabalho.

O atendimento a essa premissa fica mais clara quando analisamos a retomada do desenvolvimento econômico de nosso país, que não estava em sintonia com a qualificação dos jovens que buscavam postos de trabalho nas empresas. Sobravam postos a serem ocupados e também trabalhadores qualificados. Atualmente, mesmo com o mercado de trabalho em declínio, as vagas não são preenchidas.

O desenvolvimento inclui a exigência do domínio da tecnologia e a aceitação das novas relações de trabalho.

Nesse princípio Martino (2012, p. 33) afirma que, por mais paradoxal que possa parecer, a tecnologia, quanto mais sofisticada, torna-se também mais acessível a um maior número de pessoas e aumenta o reconhecimento do valor do capital humano como vantagem competitiva das empresas.

As inovações tecnológicas têm papel importante nas modificações profundas que vem ocorrendo no mundo do trabalho. Face a esse cenário, as empresas exigem empregados habilitados em contrapartida com as exigências impostas pelo mercado globalizado.

A tecnologia interferiu não somente nos processos de trabalho, mas na própria cultura organizacional e no perfil do trabalho e emprego. A legislação de pessoal vem caminhando para mudanças mais radicais.

Também Carvalho (1994, p. 98) ressalta que as tendências recentes no progresso técnico têm implicado em mudanças substanciais nos processos de trabalho nas economias mais avançadas, com reflexos sobre o emprego e o uso do trabalho.

A tecnologia é somente uma das forças externas que tem importância nesse contexto. Isso nos remete a Fleury (1994, p. 23) *que destaca a ação do mercado nacional e Internacional, que coloca para as empresas novos patamares de competitividade em termos de especificações e qualidade de seus produtos ou serviços e de preço; a ação do Estado e suas políticas econômicas e sociais, a ação dos movimentos sociais pressionando por novas formas de interação.*

Fleury (1994, p.23) elenca ainda as forças internas capazes de exigir amplas modificações: As mudanças na cúpula diretiva da organização refletindo nas políticas mercadológicas, financeiras, de recursos humanos e nas formas de gestão de trabalho. Para atender os anseios impostas por essas mudanças sociais e econômicas, a escola deve ter uma nova postura.

Melo e Urbanetz (2011, p.10), por exemplo, afirmam categoricamente que existe uma incongruência entre as demandas sociais, cada vez maiores e mais complexas, que, de fato, não prepara os jovens nem para a vida social, nem para o trabalho, ao não oferecer meios mais eficazes de inserção social, ou mesmo não cumprindo seu papel mais básico, que é o de fomentar o acesso ao conhecimento historicamente acumulado, de forma efetiva.

Cabe então a intervenção da escola, representada aqui pela educação profissional, para propor e executar ações educativas efetivas para a transformação da realidade do mercado, cada vez mais excludente.

Segundo Martino (2012, p. 15), as instituições de ensino profissional, tais como os demais atores sociais, passam por profundos questionamentos sobre as suas ações, buscam compreender qual o seu papel na atualidade, tentam identificar o que se tornou obsoleto e quais as novas possibilidades de ação nesse novo panorama social. Esse panorama novo social exige que as instituições de ensino, formada por professores, funcionários e alunos, incluam nesse processo novos atores sociais, uma vez que todos serão contemplados com desenvolvimento escolar.

Nesse sentido, permite-nos fazer uma relação entre o mundo do trabalho e o universo escolar, até então distanciados, cada qual agindo isoladamente.

“A educação, por exemplo, está hoje sendo significativamente afetada pelo debate da colaboração, do trabalho cooperativo, enfim, pela parceria”. (FOERSTE, 2005, p. 68).

A parceria (...) num sentido bastante genérico, sempre envolve instituições e/ou indivíduos que se agregam de forma voluntária para desenvolver objetivos comuns, estabelecendo negociações coletivas como partilha de compromissos e responsabilidades entre si (FOERSTE, 2005, p. 70).

De acordo com a etimologia, o termo parceria tem origem no latim – *partiairu*, que significa companheiro, sócio, que tem a parte.

O estabelecimento de parcerias é fundamental para a cooperação, complementaridade, convergência de interesses, aprendizado mútuo e compartilhamento de recursos. (Martino, 2012, pp. 40/41).

Para a educação profissional, firmar parcerias com as empresas é fundamental quando se pretende aproximar suas aulas com o mundo real.

A visita técnica é um instrumento didático pedagógico que pode ser objeto de parcerias, pois dá a oportunidade para que o acadêmico visualize na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula e observe importantes variáveis que influem no processo produtivo, como os fluxos de trabalho e interação dos profissionais.

Ao abrir suas portas, a empresa permite que os jovens observem seus métodos de trabalho e participe diretamente no processo de aprendizagem, auxiliando na sua formação geral.

Essa parceria, fundamental para a melhoria da qualidade de ensino e para a aprendizagem, só traz resultados positivos: para o professor, empresa, aluno e sociedade.

Além de empregar e contribuir com impostos, a empresa deve assumir sua cota no tocante a sua contribuição com a responsabilidade social correspondente ao poder que tem no mundo contemporâneo, seja com saúde, meio ambiente, segurança e, principalmente, educação. Tem ainda a obrigação de ajudar a resolver os problemas sociais no espaço onde está inserida, porque quando a sociedade melhora, a empresa se beneficia. Esses jovens, futuramente farão parte delas e, qualificados, vão colaborar para o seu desenvolvimento.

É de suma importância que a educação profissional cumpra o seu papel de formadora de profissionais qualificados para o mercado de trabalho, bem como e mais precisamente do professor na Educação de Jovens e Adultos no que diz respeito à adoção de metodologias adequadas, capazes de motivar, promover o aprimoramento do aprendizado do aluno e ampliar horizontes para novas reflexões.

2. OS OBJETIVOS DA VISITA TÉCNICA

As visitas técnicas são atividades pedagógicas realizadas em ambiente externo à instituição, com o objetivo de integrar a escola e a sociedade.

Com a finalidade de complementar o ensino e aprendizagem, a visita técnica oferece ao aluno a oportunidade de visualizar os conceitos aplicados em sala de aula.

As visitas técnicas devem ser planejadas, avaliadas e fazer parte do Plano de Trabalho Docente. Obrigatoriamente devem estar relacionadas às bases tecnológicas da disciplina.

Podem ser consideradas visitas técnicas a participação em feiras, congressos, visita a instituições públicas e privadas como museus, bolsa de valores, institutos de pesquisas, fazendas agrícolas, shoppings e empresas de todas as áreas.

Em relação a este artigo, a visita técnica se limita àquela realizada em empresas pelos alunos dos cursos de gestão.

De maneira geral, os objetivos da visita técnica são:

- Agregar valores pessoais e profissionais;
- Estimular a análise, observação, reflexão e crítica;
- Aprimorar e desenvolver a visão sistêmica;
- Contribuir para uma formação escolar mais ampla do educando, através da observação de atividades práticas e situações profissionais reais desenvolvidas no ambiente de trabalho, bem como as suas técnicas, de modo geral;
- Promover a integração entre os conhecimentos teóricos visto em classe e a prática e desenvolvidas pelas instituições;
- Observar in loco as ações administrativas com vistas a aperfeiçoar a prática profissional;
- interagir criativamente em face dos diferentes contextos técnicos e produtivos;
- Coligar o conhecimento sistematizado com a ação profissional;
- Verificar in loco as ações administrativas desenvolvidas pelas instituições;
- Interagir com os diferentes profissionais da área, com vistas a ampliar e aprofundar o conhecimento e a prática profissional;
- Estimular o aluno à pesquisa científica e a pesquisa de campo.

3. A PESQUISA

Em relação ao procedimento adotado para a coleta de dados, foram utilizados inicialmente a pesquisa bibliográfica e, posteriormente, a aplicação da pesquisa exploratória estruturada para uma amostra de professores que se utilizam da visita técnica como prática pedagógica, não importando a área ou nível de ensino.

Os professores selecionados para esta pesquisa fazem parte da rede estadual e das Etecs Guaracy Silveira, José Rocha Mendes e Zona Leste na capital de São Paulo, além de uma professora do município de Içara, no litoral sul de Santa Catarina.

Para tanto, foram entregues pessoalmente e por e-mail 30 (trinta) formulários com 6 (seis) questões e obtivemos cerca de 63% de formulários respondidos. Com esse percentual pudemos verificar, entre outros dados obtidos, a influência da visita técnica em suas aulas.

A frequência anual da visita técnica é um importante fator da utilização desse meio. 21% utilizam uma vez, 58% utilizam duas vezes e 21% utilizam três vezes mais. 70% disseram que o evento consta do Plano do Trabalho Docente o que afasta a tendência da utilização desse meio como algo improvisado.

Na última questão questionou-se como o docente avalia os resultados da visita técnica: 79% afirmaram satisfeitos com os resultados, enquanto 21% afirmaram que o evento extrapolou as expectativas.

Na questão sobre a receptividade do aluno, 69% atendeu as expectativas. Foi apresentado uma escala de 1 (menor atribuição) a 5 (maior atribuição) para que o professor avaliasse como a visita técnica contribuiu para as suas aulas. Apresentamos abaixo os dados tabulados:

| | | Atribuição | | | | |
|----------|----------------------------------|------------|----|-----|-----|------|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Quesitos | Interação aluno-professor | | | 5% | 32% | 63% |
| | Interdisciplinaridade | | | 5% | 32% | 63% |
| | Aquisição de novos conhecimentos | 5% | 5% | 32% | 21% | 37% |
| | Despertou o interesse do aluno | | | | 15% | 85% |
| | Sair da rotina | | | | | 100% |

Tabela 1

Os resultados mostram que a maioria dos respondentes (63%) considera que a interação aluno-professor uma questão que se fortalece durante as visitas e que para 100%, sair da rotina da sala de aula indica que um espaço entre às aulas é importante forma de aproximação com o aluno, dá “fôlego” para o enfrentamento do dia a dia. A visita técnica também desperta interesse dos alunos, para a maioria 85% na nota 5 e 15% na nota 4.

Os resultados no quesito interdisciplinaridade indica que o planejamento de uma visita técnica exige o envolvimento de outras disciplinas. A distribuição das atribuições entre 1 (um) e 5 (cinco) mostra a necessidade de aproximação de professores e a confecção de um planejamento compartilhado.

Além das questões específicas, foi dada a oportunidade de apresentar comentários ou incluir um dado que não constasse do questionário. Vamos destacar alguns: “Interação e socialização aluno-aluno” e a “interação professor-professor”.

Como curiosidade, um professor destacou que: “Os adolescentes precisam ter mais contato com a vida real. A filha de uma professora com 17 anos nunca tinha andado de ônibus. Os alunos plantam árvores, fazem inspeção em rodoviária, relatório sobre o estado das praças, e muito mais”.

Embora possamos considerar satisfatória esta pesquisa, os resultados positivos para alguns itens não surpreenderam. O resultado poderia ser mais significativo se todos os professores consultados tivessem dado sua contribuição, mas indica uma preocupação na utilização de técnicas que visam firmar o aprendizado e motivar seus alunos.

4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão do Centro Paula Souza é a de promover a educação profissional pública dentro de referências de excelência, visando ao atendimento das demandas sociais e do mundo do trabalho. Estabelece como um de seus objetivos estratégicos, atender e antecipar as demandas sociais e do mercado de trabalho, bem como estimular e consolidar parcerias (internas e externas), sinergia e inovação tecnológica.

Essas premissas estabelecem um norte para seus colaboradores, em especial ao corpo docente, para que busquem um modelo pedagógico que inclua a aproximação de seus conteúdos com o ambiente externo - profissional e social, com o intuito de aprimorar a qualidade do ensino ofertado. A formação integral do aluno é compromisso de qualquer docente.

Ao pensar e planejar a sua prática pedagógica, o docente deve focar o trabalho como princípio educativo, visando formar trabalhadores capazes e responsáveis.

Diante da escassez de literatura sobre o tema específico dentro da metodologia de ensino, a pesquisa exploratória direcionada a professores só veio comprovar a importância da visita técnica como importante instrumento didático-pedagógico.

A partir dos resultados da pesquisa e de relato dos alunos e professores, o uso desse instrumento pedagógico é importante pois além de sair da rotina diária é uma oportunidade de relacionar-se com o que aprende na sala de aula com o mundo produtivo.

Para o docente, um meio para reforçar o conteúdo aplicado. Para ambos, promove a interatividade, desperta a satisfação e contribui para a motivação, a exemplo do que mostra o filme "Escritores da Liberdade (Freedom Writers).

Para que não se transforme em um simples e agradável passeio, o docente deve planejar com cuidado a realização desse evento. Na pesquisa, quase todos afirmaram que a mesma é incluída antecipadamente em seu Plano de Trabalho Docente, afastando a suspeita do imprevisto, porém é importante pensarmos numa forma da atuação interdisciplinaridade de disciplinas e conteúdos, essencial para a eficácia de tal instrumento.

REFERÊNCIAS

Livros:

FOERSTE, E. Parceria na formação de professores. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

MARTINO, M. A. A importância das parcerias na educação profissional. São Paulo: Centro Paula Souza, 2012.

MELO, A. de, URBANETZ, S. T. Organização do trabalho pedagógico. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2011.

Capítulo de Livro:

CARVALHO, R.Q. Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação, in FERRETTI., C. J. - I et al I. (orgs.).Tecnologias, trabalho e educação - um debate multidisciplinar, Petrópolis: Vozes, 1994.p. 93-128

FLEURY, M. T. L.. A cultura da qualidade e a qualidade da mudança, in FERRETTI., C. J. - I et al I. (orgs.).Tecnologias, trabalho e educação - um debate multidisciplinar, Petrópolis: Vozes, 1994. p.21-35

SILVA FILHO, H. P.F.. O empresariado e a educação, in FERRETTI., C.J. ..I et al I (orgs.) Tecnologias, trabalho e educação - um debate multidisciplinar, Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87-92.

Artigo online:

CENTRO PAULA SOUZA, Missão, visão, objetivos e diretrizes. Disponível em: <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/missao-visao-objetivos-e-diretrizes/>. Acesso em: 8 jul. 2015.

Filme:

FREEDOM WRITERS. Direção: Richard LaGravenese.. Produção de Danny DeVito. Manaus: Videolar, 2005. DVD (122 min), som, color. Produzido no Polo Industrial de Manaus.

METODOLOGIAS DE ENSINO APLICADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM BASE NOS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

Bruna Fiore Silveira

brunafiore@uol.com.br

Professora Responsável por Projetos do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer na Cetec Capacitações/ Etec Benedito Storani, São Paulo, Centro Paula Souza. Orientada por Prof. Ms. Lídia Ramos Aleixo de Souza.

O presente artigo tem como objetivo analisar as metodologias de ensino aplicadas no componente curricular de Planejamento e Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos com base nos quatro pilares da educação, bem como refletir sobre as teorias e as práticas curriculares desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos. A oferta do curso busca “constituir-se como uma política pública de inclusão social e estimular o retorno dos trabalhadores à escola, quando prevê o reconhecimento e a validação de saberes construídos ao longo de suas trajetórias de vida e de trabalho, dando-lhes a oportunidade de prosseguimento de estudos e/ou exercício de atividades laborais”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de jovens e adultos; Metodologias de ensino; Quatro pilares da educação.

This article aims at analysing teaching methodologies applied to the curricular component “Planejamento e Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso do Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio” (Planning and Development of Final Term Paper for the Technical Kitchen Course integrated with Highschool) Youth and Adult Education type based in the Four Pillars of Education, as well as reflecting upon theories and practices involved in Youth and Adult Education. The course offer meets decree 5840/2006, which seeks “to be a social inclusion public policy and foster working class return to school, as it recognises and validates knowledge that has been built up along their working and living background, providing them with the opportunity to resume studying and/or working”.

KEY-WORDS: Youth and adult education; teaching methodologies; Four Pillars of Education.

INTRODUÇÃO

Visando analisar as metodologias aplicadas no componente curricular de Planejamento e Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso do Técnico em Cozinha do Curso integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um primeiro momento buscou-se conceituar a EJA pensando nos procedimentos didáticos, e nos conteúdos a serem abordados, por meio de diretrizes curriculares baseadas no processo de escolarização que seja o mais próximo possível da realidade dos alunos, tornando-o mais rico e significativo para suas vidas.

Fez-se importante também uma reflexão acerca dos quatro pilares da educação preparando o aluno para enfrentar o mercado profissional, despertando a curiosidade, satisfação, segurança, e o desejo de querer continuar. Além da análise das metodologias de ensino pautadas no público EJA, que apresenta como principal característica a independência do aluno para a resolução de problemas, articulando-as com seu interesse e motivando-os para enfrentar problemas de sua vida pessoal e profissional, sendo necessária a construção de expectativas realistas quanto ao processo de ensino-aprendizagem.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos (EJA), designação do ensino supletivo, caracteriza-se como uma proposta pedagógica flexível que considera as diferenças individuais e os conhecimentos informais dos alunos, adquiridos a partir das vivências diárias e no mundo do trabalho.

O aluno da EJA traz consigo uma experiência de vida, mudando assim a forma de se ensinar, tornando este ensino atrativo e significativo, motivando o aluno a ficar em sala de aula.

Os alunos da EJA normalmente são homens e mulheres desempregados, que estão em busca de melhores condições de vida e lutam diariamente para sobreviver e superar as condições em que se encontram.

Os alunos jovens e adultos ou o público EJA devem ser tratados sem desprezo, e há de se levar em consideração que na maioria das vezes eles trazem consigo uma

bagagem, uma história de vida não tão positiva.

O professor da EJA deve estar preparado para trabalhar com diversas situações que remetam à história de vida da maior parte dos alunos, ou seja, ele deve trazer à tona as experiências de cada aluno, utilizando-as para o processo de ensino, fazendo-se deste uma prática mais atrativa para o aluno. A interação entre professor e aluno faz-se também muito importante e contribuirá significativamente para o desenvolvimento do aluno no meio escolar.

Os saberes devem sempre ser trabalhados de forma contextualizada, a fim de que sejam percebidos como importantes para o crescimento profissional e pessoal dos alunos.

Quando se fala na educação de jovens e adultos, deve-se saber que na sala de aula existirão grupos de diferentes idades, e estes terão que interagir entre si, formando um único grupo.

Há de se pensar nos procedimentos didáticos, nos conteúdos a serem abordados, sendo que estes não devam parecer estranhos para o grupo de jovens e adultos. Além disso o professor deverá partir da vivência de cada aluno, resultando no processo de ensino e aprendizagem.

O Curso Técnico em Cozinha na modalidade EJA atende o Decreto nº 5840/2006 que institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, conforme as diretrizes estabelecidas neste Decreto e, pela Portaria Interministerial nº. 1082, e busca “constituir-se como uma política pública de inclusão social e estimular o retorno dos trabalhadores à escola, quando prevê o reconhecimento e a validação de saberes construídos ao longo de suas trajetórias de vida e de trabalho, dando-lhes a oportunidade de prosseguimento de estudos e/ou exercício de atividades laborais”. Ao conceber diretrizes curriculares para a EJA alguns princípios e recursos devem ser baseados na teoria crítica a fim de que o processo de escolarização seja o mais próximo possível da realidade dos alunos, tornando-o mais rico e significativo para suas vidas.

Os saberes devem sempre ser trabalhados de forma contextualizada, a fim de que sejam percebidos como importantes para o crescimento profissional e pessoal dos alunos. Quando os conhecimentos passados não demonstram ter aplicabilidade prática, isso gera um descontentamento e um desinteresse pelo que é repassado pela instituição escolar. O currículo não é um pacote pronto de métodos e práticas educativas e sim um eixo norteador para o trabalho docente, podendo assim se adequar caso necessário.

Para Coll, a elaboração curricular deve levar em conta a análise da realidade, operada com referenciais específicos:

- Sócio-antropológico, que considera os diferentes aspectos da realidade social em que o currículo será aplicado;
- Psicológico, que se volta para o desenvolvimento cognitivo do aluno;
- Epistemológico, que se fixa nas características próprias das diversas áreas do saber tratadas pelo currículo.

O currículo pode ser interpretado como um produto elaborado por especialistas, a partir de diretrizes, visando uma programação das atividades de ensino que direcionam o aluno para atingir comportamentos desejados e pré-requisitos determinados.

2. OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

RODRIGUES apud Jacques Delors (1998) aponta como principal consequência da sociedade do conhecimento a necessidade de uma aprendizagem ao longo de toda vida, fundamentada em quatro pilares, que são, concomitantemente, do conhecimento e da formação continuada. A seguir, é apresentada uma síntese dos quatro pilares para a educação no século XXI:

- **Aprender a conhecer** – é necessário tornar prazeroso o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento para que não seja efêmero, para que se mantenha ao longo do tempo e para que valorize a curiosidade, a autonomia e a atenção permanentemente. É preciso também pensar o novo, reconstruir o velho e reinventar o pensar;

- **Aprender a fazer** – não basta preparar-se com cuidados para inserir-se no setor do trabalho. A rápida evolução por que passam as profissões pede que o indivíduo esteja apto a enfrentar novas situações de emprego e a trabalhar em equipe, desenvolvendo espírito cooperativo e de humildade na reelaboração conceitual e nas trocas, valores necessários ao trabalho coletivo. Ter iniciativa e intuição, gostar de uma certa dose de risco, saber comunicar-se e resolver conflitos e ser flexível. Aprender a fazer envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas;
- **Aprender a conviver** – No mundo atual, este é um importantíssimo aprendizado por ser valorizado quem aprende a viver com os outros, a compreendê-los, a desenvolver a percepção de interdependência, a administrar conflitos, a participar de projetos comuns, a ter prazer no esforço comum;
- **Aprender a ser** – É importante desenvolver sensibilidade, sentido ético e estético, responsabilidade pessoal, pensamento autônomo e crítico, imaginação, criatividade, iniciativa e crescimento integral da pessoa em relação à inteligência. A aprendizagem precisa ser integral, não negligenciando nenhuma das potencialidades de cada indivíduo.

Tendo em vista os quatro pilares da educação, é interessante que o aluno mantenha-se curioso, que queira aprender cada vez mais, e que não tenha medo de resolver situações problema, pois é certo que o mercado de trabalho espera que os profissionais ao menos dêem uma resposta para seus clientes, sejam eles internos ou externos, e se por acaso, os mesmos não souberem a resposta, terão a iniciativa de perguntar a quem saiba, sendo de fundamental importância saber conviver com os colegas de trabalho e com os superiores, pois certamente, qualquer profissional, independentemente de sua formação, se deparará com problemas e conflitos em seu ambiente de trabalho, além de é claro estar minimamente preparado para ser independente, crítico, e pensar antes de fazer. Sendo assim, essas são questões básicas que os educadores devem trazer à tona e aplicar em suas práticas pedagógicas, a fim de preparar o aluno para enfrentar o mercado profissional, despertando a curiosidade, satisfação, segurança, e o desejo de querer continuar.

3. METODOLOGIA DE ENSINO

O termo “Metodologia de Ensino” está voltado para a área de ensino e procura descrever os melhores métodos e técnicas para que o ensino - aprendizagem possa ser desenvolvido com maior qualidade e motivação.

Os principais métodos de ensino existentes atualmente no Brasil são o método Waldorf, baseado em Rudolf Steiner, o Construtivismo de Piaget, o Sociointeracionismo de Vygotsky, o Pragmatismo de Dewey, o método Montessoriano, com base nos ensinamentos de Maria Montessori e o método Tradicional ou Conteudista, que orientou a pedagogia nos anos 60 e 70 e que vem ganhando força novamente nos últimos anos após ser considerado ultrapassado.

A metodologia de ensino procura apresentar roteiros para diferentes situações didáticas, conforme a tendência pedagógica adotada pelo professor/instituição, de forma que o aluno se aproprie dos conhecimentos propostos e/ou apresente suas pesquisas e demais atividades pedagógicas.

VASCONCELLOS (1999), de acordo com a teoria do conhecimento que fundamenta o trabalho do professor, considera como referência a concepção dialética de conhecimento, destacando a problematização como elemento nuclear na metodologia de trabalho em sala de aula. Se forem adequadamente captadas, as perguntas deverão provocar e direcionar de forma significativa e participativa o processo de construção do conhecimento por parte do aluno, sendo também um elemento mobilizador para esta construção. Nesse sentido, ao preparar a aula, o professor já poderia destacar as possíveis perguntas e problemas desencadeadores para a reflexão dos alunos, pois o aluno adulto busca desafios e soluções de problemas.

De acordo com VILARINHO (1985) os métodos de ensino apresentam três modalidades básicas:

- Método de ensino individualizado: a ênfase está na necessidade de se atender às diferenças individuais, como por exemplo: ritmo de trabalho, interesses, necessidades, aptidões, etc., predominando o estudo e a pesquisa, o contato entre os alunos é acidental.

- Método de ensino socializado: o objetivo principal é o trabalho de grupo, com vistas à interação social e mental proveniente dessa modalidade de tarefa. A preocupação máxima é a integração do educando ao meio social e a troca de experiências significativas em níveis cognitivos e afetivos.
- Método de ensino sócio-individualizado: procura equilibrar a ação grupal e o esforço individual, no sentido de promover a adaptação do ensino ao educando e o ajustamento deste ao meio social.

Levando-se em conta os conceitos apresentados acima, tem-se que na educação de jovens e adultos a principal característica é centrar a aprendizagem na independência do aluno para a resolução de problemas, articulando-as com seu interesse e motivando-os para enfrentar problemas de sua vida pessoal e profissional, sendo necessária a construção de expectativas realistas quanto ao processo de ensino-aprendizagem, sendo o aluno responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades educativas e pedagógicas e valorizando as técnicas experimentais que permitam a participação do aluno construindo em conjunto o que será aprendido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação de jovens e adultos a principal característica é centrar a aprendizagem na independência do aluno para a resolução de problemas, mantendo-o curioso para que queira aprender cada vez mais. O aluno adulto, em geral, busca desafios e soluções de problemas, que farão diferença em suas vida e procura, de alguma forma, encontrar na escola a realização tanto profissional como pessoal.

A construção do currículo e do componente curricular, a partir de metodologias baseadas nos quatro pilares da educação, pauta-se em uma relação na qual educando e educadores compartilham e vivenciam experiências, constroem e reconstroem conhecimentos e saberes.

Por meio do trabalho de conclusão de curso, pode-se considerar a experiência trazida pelo aluno, suas vivências e aprendizados informais que lhe permitem, algumas vezes de maneira empírica, realizar diversas atividades profissionais.

Esta prática configura-se como uma metodologia, onde o aluno poderá relacionar o tema com a sua experiência, envolvendo-o num processo que conduz a resultados, conclusões ou compromissos com a prática, oferecendo um processo de autoaprendizagem.

Tem-se ainda que o currículo do curso Técnico em Cozinha Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), contempla também o domínio de linguagens, a compreensão de fenômenos, o enfrentamento de situações-problema, a construção da argumentação e a elaboração de propostas, baseadas nos eixos cognitivos da matriz de referência do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em articulação com os conteúdos específicos da área profissional.

Pode-se dizer que o trabalho de conclusão de curso já é uma metodologia de ensino, pois o aluno poderá pautar-se neste caso em específico no histórico da preparação gastronômica, ou ainda identificar nos contextos regionais oportunidades de criação de modelo de negócios e comercialização de um produto na área de cozinha, através do levantamento de uma situação-problema, sendo a busca pelo resultado conduzida por meio de pesquisas de campo e pesquisas documentais que poderão ser desenvolvidas através de questionários, entrevistas, formulários, diário de bordo, estruturando os dados obtidos, registrando as etapas do trabalho em modelos documentais, utilizando ferramentas de planejamento para viabilizar a construção de um modelo de negócios na gastronomia, otimizando o preparo e a apresentação do produto, comunicando-se de forma clara e objetiva por meio de textos e explicações orais.

REFERÊNCIAS

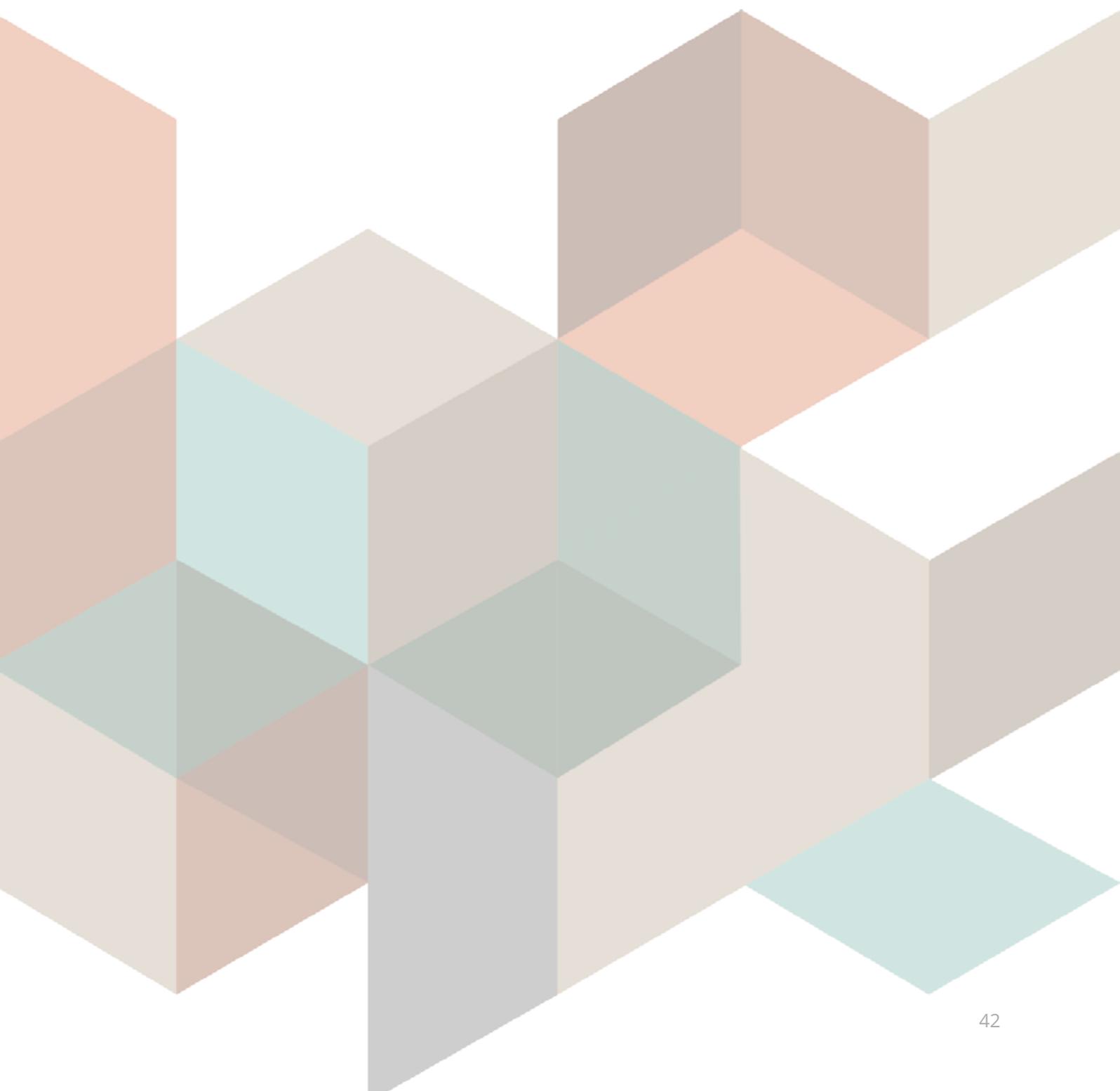
ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. JARDILINO, José Rubens Lima. Educação de jovens e adultos sujeitos, saberes e práticas. Cortez Editora, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 1999.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. Didática: Temas Selecionados. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.

Artigo online:

RODRIGUES. Zuleide Blanco. Os quatro pilares de uma educação para o século XXI e suas implicações na prática pedagógica. Portal Educacional - a diferença na educação brasileira. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/articulas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0056>. Acesso em: 10 jul. 2015.



CURRÍCULO DA HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: BREVE REFLEXÃO À LUZ DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Carlos Alberto Diniz

caco.diniz@uol.com.br

O objetivo deste artigo é analisar o Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Administração - Modalidade EJA, do CEETEPS, verificando em que medida a organização curricular atende os pressupostos da Educação de Jovens e Adultos. Para esta reflexão foram utilizados como fontes documentos escolares e a legislação educacional pertinente ao assunto. Essa documentação levou-nos a perceber a proposta curricular do curso analisado busca articular as dimensões do trabalho, ciência, tecnologia e cultura de acordo com o avanço do conhecimento tecnológico e científico, abarcando assim no seu currículo as competências essenciais para a vida social em comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Ensino Técnico; Currículo.

The purpose of this article is to analyze the Course Plan of the Technical Qualification in Business Administration - EYA mode (Education for Youth and Adults), available in the CEETEPS, checking the extent to which curricular organization meets the assumptions of Youth and Adult Education. For this reflection were used, as sources, school documents and the relevant educational legislation to the subject. That documentation led us to realize the proposed curriculum of the course analyzed seeks to articulate the dimensions of work, science, technology and culture according to the progress of scientific and technological knowledge, thus covering on your resume essences skills for social life in community.

KEYWORDS: Education for Youth and Adults; technical education; Curriculum.

INTRODUÇÃO

Ao assumir o Poder Executivo da Nação em novembro de 1930, instituindo assim o Governo Provisório, Getúlio Dornelles Vargas configurou uma centralização política que se acentuou durante o período do Estado Novo e, perdurando até a sua saída em 1945. A nova ordem política instaurada a partir da Revolução de 1930 desencadeou um processo de redefinição do papel do Estado no setor educacional.

Nas palavras de Rocha (2000, p. 33-34), esse novo papel, no que se refere à “ordem política produz efeitos nos diversos aspectos da política pública de educação. [...] O Estado, em sua expressão nacional, torna-se o fulcro da política educacional como um todo”, assumindo exclusivamente para si a competência do ensino secundário, enquanto que para o ensino elementar prevaleceria a tradição republicana de não interferência da União, relegando-o aos Estados e Municípios, ainda que algumas políticas educacionais tivessem sido implantadas para essa modalidade de ensino no período em questão.

Nesse tocante, a Constituição de 1934 formalizava um processo, nascido já na Primeira República, mas apenas realizado no período Vargas, de reconhecimento do dever do Estado em relação à oferta de ensino para todos:

Art. 149 - A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Art. 150 - Compete à União:

a) fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino de todos os graus e ramos, comuns e especializados; e coordenar e fiscalizar a sua execução, em todo o território do País;

[...]

Parágrafo único - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e e, só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas:

a) ensino primário integral gratuito e de freqüência obrigatória extensivo aos adultos; (BRASIL, 1934).

Em 1937, o Plano Nacional de Educação foi enviado para o Congresso para aprovação, que designou uma comissão para analisar o documento, que por sua vez não o aprovou, ficando em tramitação. Com a promulgação de uma nova Constituição Federal em 10 de novembro de 1937, consubstanciando o então regime do Estado Novo, o Congresso – assim como as outras casas legislativas nas esferas estadual e municipal – foi fechado em 1937 antes que o Plano Nacional de Educação fosse aprovado, permitindo que o ministério de Capanema tivesse autonomia para regulamentar a educação nacional. Tal regulamentação se deu, nessa conjuntura, a partir das chamadas Leis Orgânicas do Ensino.

De acordo com Haddad (1988, p. 41),

[...] no período que vai de 1934 até fins da década de cinqüenta, o primeiro momento de maior presença do Estado no campo da educação de adultos.

[...]

É verdade que tal direito já se encontrava formulado desde 1824, na primeira Constituição, mas é somente neste período, onde o corpo de nação começa a se constituir, com a centralização do poder público nas mãos de Vargas, que vão se criar as condições para tal realização.

O Estado Novo se encerrou em 1945 revelando que o desenvolvimento econômico do país, ora definido como meta primeira desse governo foi atingida em parte. Segundo Capelato (2010, p. 140), “o Brasil, nessa época, deu um salto em termos de superação do “atraso”, mas os resultados não chegaram a beneficiar as classes populares como um todo, pois o desemprego era apontado como um dos problemas mais sérios do momento”, mas que ainda assim é “possível concluir que as mudanças ocorridas nesse período foram de enorme importância para o futuro do país”.

Nos meados da década de 1950, Juscelino Kubitschek assumiu o governo federal e, a partir do seu Plano de Metas a serem alcançadas em diversos setores da economia no quinquênio 1956-1961, implantou uma plataforma nacionalista impulsionada pelo desenvolvimentismo a partir da

[...] industrialização, a presença do capital estrangeiro, a reforma agrária e o pacto social e político que deveria orientar e sustentar o processo de “desenvolvimento nacional”. A esses temas centrais seguiam-se outros, como [...] as reformas no sistema, administrativo, educacional etc. (MOREIRA, 2008, p.170).

O governo JK atribuía a educação como pré-requisito para um país moderno, valorizando dessa forma a educação para o trabalho, em consonância com as mudanças ocorridas no mundo a partir da segunda metade do século XX. Nesse contexto foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961) que reconheceu a articulação entre o ensino profissional e o ensino regular além de estabelecer a partir de então a continuidade dos estudos por ambas as modalidades.

Dez anos depois, em 1971, era promulgada a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que estabeleceu a educação de jovens e adultos na modalidade denominada Ensino Supletivo:

Art. 24. O ensino supletivo terá por finalidade:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

[...]

Art. 25. O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

§ 1º Os cursos supletivos terão estrutura, duração e regime escolar que se ajustem às suas finalidades próprias e ao tipo especial de aluno a que se destinam. (BRASIL, 1971)

Nesse âmbito, destacamos uma importante contribuição de tal legislação no que concerne à possibilidade da oferta do ensino profissionalizante à Educação de Jovens e Adultos:

Art. 27. Desenvolver-se-ão, ao nível de uma ou mais das quatro últimas séries do ensino de 1º grau, cursos de aprendizagem, ministrados a alunos de 14 a 18 anos, em complementação da escolarização regular, e, a êsse nível ou ao de 2º grau, cursos intensivos de qualificação profissional.

Parágrafo único. Os cursos de aprendizagem e os de qualificação darão direito a prosseguimento de estudos quando incluírem disciplinas, áreas de estudo e atividades que os tornem equivalentes ao ensino regular conforme estabeleçam as normas dos vários sistemas. (BRASIL, 1971).

Com a atual versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), a Educação de Jovens e Adultos tornou-se uma modalidade de ensino da Educação Básica, que deverá estar articulada, preferencialmente, com a educação profissional:

Art. 39. A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.

§ 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino.

§ 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos:

I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional;

II – de educação profissional técnica de nível médio;

III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação.

(BRASIL, 2008).

No último censo (escolar) realizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 2012, 8.376.852 alunos estavam matriculados regularmente e 1.345.864 cursavam o ensino médio pela Educação de Jovens e Adultos (EJA). A maioria das matrículas do ensino médio está na rede estadual de ensino (84,9%). As escolas privadas ficam com 12,7% das matrículas, as escolas federais com 1,5% e as municipais com 0,9%. A defasagem idade-série ainda é alta dos estudantes matriculados em 2012; 31,1% têm idade acima do esperado para a série que cursam.

Com o propósito de atender a esta demanda, o Centro Paula Souza incluiu recentemente, entre as suas metas prioritárias, a Educação de Jovens e Adultos de maneira Integrada ao Ensino Técnico. A possibilidade dessa inserção de modo significativo se dá, entre outros, no Eixo Tecnológico Gestão e Negócios, neste caso com a Habilitação Profissional de Técnico em Administração Integrado, objeto desse estudo.

1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS INTEGRADO AO ENSINO PROFISSIONALIZANTE DE NÍVEL TÉCNICO: ENFOQUE CURRICULAR

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a educação profissional que já era objeto de atenção por parte do Estado brasileiro, passou a ter uma relevância maior ainda que pode ser conferida às novas exigências do mercado mundial, decorrentes principalmente das inovações tecnológicas que, por sua vez, têm atribuído uma nova concepção de como bens e/ou serviços devem ser produzidos, impondo novos desafios a essa modalidade de ensino, impelindo-a a revisar constantemente seus currículos, metodologias e práticas pedagógicas das diversas habilitações técnicas ora oferecidas pelas instituições educacionais profissionalizantes do país.

No que tange ao currículo, Sacristán (2000, p. 17) afirma que, “os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realiza os fins da educação no ensino escolarizado”. Logo, assume juntamente com a escola em si uma função social a partir de uma dada realidade, cujos valores, pressupostos e interesses se refletem no currículo e, portanto, no cotidiano e nas práticas escolares.

Com efeito, o papel da escola ressoa com maior impacto frente à educação de jovens e adultos, haja vista a função que ela assume no sentido de proporcionar maior igualdade social:

a função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. (BRASIL, 2000).

Portanto, pelo viés do currículo da EJA, é preciso considerar que,

As novas competências exigidas pelas transformações da base econômica do mundo contemporâneo, o usufruto de direitos próprios da cidadania, a importância de novos critérios de distinção e prestígio, a presença dos meios de comunicação assentados na microeletrônica requerem cada vez mais o acesso a saberes diversificados. A igualdade e a desigualdade continuam a ter relação imediata ou mediata com o trabalho. Mas seja para o trabalho, seja para a multiformidade de inserções sócio-político-culturais, aqueles que se virem privados do saber básico, dos conhecimentos aplicados e das atualizações requeridas podem se ver excluídos das antigas e novas oportunidades do mercado de trabalho e vulneráveis a novas formas de desigualdades. Se as múltiplas modalidades de trabalho informal, o subemprego, o desemprego estrutural, as mudanças no processo de produção e o aumento do setor de serviços geram uma grande instabilidade e insegurança para todos os que estão na vida ativa e quanto mais para os que se veem desprovidos de bens tão básicos como a escrita e a leitura. O acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação social, ainda mais hoje quando novas exigências intelectuais, básicas e aplicadas, vão se tornando exigências até mesmo para a vida cotidiana (BRASIL, 2000).

Nesse contexto, os incisos I, II e III do Artigo 5º da Resolução CNE/CEB nº 1, de 05 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, nos auxiliam quanto à compreensão do que se espera de um currículo para essa modalidade de ensino.

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e

restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;

II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;

III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (BRASIL, 2000).

Do mesmo modo, o Parecer CNE/CBE n. 39/2004 esclarece sobre a articulação entre a Educação Profissional Técnica e a Educação de Jovens e Adultos, de nível médio:

Trata-se de um único curso, com projeto pedagógico único, com proposta curricular única e com matrícula única, [...] obedecidos os limites mínimos, em termos de cargas horárias, tanto para a Educação Profissional Técnica de nível médio, quanto para o Ensino Médio regular ou na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA de Ensino Médio). A duração dos cursos de Educação Profissional Técnica de nível médio realizados de forma integrada com o Ensino Médio deverá contemplar as cargas horárias mínimas definidas para ambos, isto é, para o Ensino Médio e para a Educação Profissional Técnica de nível médio. A esses mínimos exigidos, devem ser acrescidas as cargas horárias destinadas a eventuais estágios supervisionados, trabalhos de conclusão de curso ou provas finais e exames, quando previstos pelos estabelecimentos de ensino em seus projetos pedagógicos. (BRASIL, 2004).

Tendo em vista a intenção dessa reflexão, analisaremos a partir desse ponto, à luz da legislação educacional estudada, o Plano de Curso da Habilitação Profissional de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), elaborado pelo GFAC – Grupo de Formulação e Análises Curriculares, vinculado à Coordenadoria do Ensino Médio e Técnico do CEETEPS.

2. DA ESTRUTURA CURRICULAR DO PLANO DE CURSO DA HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE DE EJA DO CEETEPS

O Plano de Curso n. 226 do CEETEPS, que se refere ao curso de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (EJA), trata-se de um documento de 135 páginas, aprovado em 26 de setembro de 2013, dividido em 09 capítulos e 03 anexos, elaborado, como já dissemos, pelo GFAC, com a coparticipação de 22 colaboradores, em sua maioria, docentes de Etecs diversas do CEETEPS.

Tal documento apresenta inicialmente os pressupostos da referida proposta curricular, articulando-o aos quatro pilares da educação preconizados por Delors (2008): o aprender a ser, a viver juntos, a fazer a e conhecer e, nesse contexto, apresenta a justificativas, objetivos e os requisitos de acesso ao curso técnico em questão. Cabe ressaltar aqui que o objetivo geral desse curso é o de

oferecer a jovens e adultos oportunidades de escolarização que aliem a educação básica em nível médio e a educação profissional, com desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do aluno como cidadão e como profissional de qualidade. (CEETEPS, 2013, p. 9).

E o ingresso ao curso se dá por meio de processo seletivo para alunos que tenham concluído o Ensino Fundamental ou equivalente e que possuam a idade mínima de 18 anos. Ademais, o acesso aos demais semestres, ocorre por avaliação de competências adquiridas no trabalho, por aproveitamento de estudos realizados ou por reclassificação.

O curso de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (EJA), com carga horária de 2.000 horas (2.500 horas-aula), distribuídas modularmente ao longo de 05 semestres, está organizado em dois agrupamentos de componentes curriculares: o primeiro refere-se à formação propedêutica do Ensino Médio, e o segundo se refere à formação profissional, neste caso, correlato à área de Administração (do eixo tecnológico Gestão e Negócios).

Os dois primeiros ciclos modulares do curso em análise, diferentemente dos três ciclos seguintes, não possibilitam aos estudantes qualquer tipo de certificação técnica uma vez que os componentes curriculares de formação profissional estão alocados, sobretudo, entre o terceiro e quinto módulos. Entretanto, ao final do terceiro módulo, os alunos são certificados com a Qualificação Profissional Técnica de Nível Médio em Auxiliar Administrativo, profissional este habilitado em assessorar executivos no desempenho de suas funções, auxiliar na execução de rotinas administrativas, bem como coordenar e controlar equipes e documentos.

Nesse tocante, enfatizamos o perfil profissional adquirido ao final do curso:

O TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO é o profissional que, de forma sistêmica, adota postura ética na execução da rotina administrativa, protocola e arquiva, confecciona e expede documentos. Interpreta, compara e relaciona informações em diferentes linguagens. Contribui na elaboração do planejamento da produção e materiais, do controle de estoque, recursos humanos, financeiros e mercadológicos fazendo uso de critérios organizacionais ao selecionar metodologias de pesquisas e intervenções numa perspectiva solidária e cooperativa. Realiza atendimento a clientes internos e externos e auxilia nos processos; direciona as atividades e utiliza ferramentas da informática básica. Reconhece a importância da comunicação nas relações interpessoais e valoriza as novas tecnologias de informação para a obtenção de novos resultados. Fomenta ideias, dissemina informações e práticas empreendedoras. Desempenha suas atividades observando as normas de segurança, saúde e higiene de trabalho. Exerce cidadania e compartilha saberes. Valoriza a preservação e responsabilidade ambiental. (CEETEPS, 2013, p. 13).

Quanto à estrutura curricular dos componentes curriculares, destacamos que àqueles pertencentes à formação profissional estão organizados em competências, habilidades e bases tecnológicas, de maneira detalhada e articulada entre si e com os demais componentes curriculares de formação profissional. Além disso, ao final é apresentada uma bibliografia com o mesmo propósito, ou seja, destinada à formação profissional, seguida de uma relação de titulações docentes habilitados para lecionar os componentes curriculares da área profissional e do Ensino Médio.

Contudo, de maneira simplificada se comparada a forma de apresentação dos conteúdos de formação profissional, porém abarcando aspectos importantes como habilidade, valores e atividades integradoras, encontram-se dispostos os conteúdos dos componentes curriculares referentes à Base Nacional Comum do Ensino Médio, por áreas de conhecimento, notadamente: a) Linguagens (Língua Portuguesa e Literatura, Tecnologia da Informação e Comunicação, Espanhol, Inglês, Atividade Física e Qualidade de Vida e Artes); b) Matemática; c) Ciências da Natureza (Física, Química e Biologia); d) Ciências Humanas (História, Geografia e Sociologia do Trabalho). Da mesma maneira, é apresentado no já citado plano de curso a organização curricular dos componentes pertencentes à Parte Diversificada do Ensino Médio: a) Sociologia do Trabalho; b) Projetos Integradores (I e II), c) Filosofia e Ética.

Outros dois aspectos importantes para serem enfatizados são a sistematização da obrigatoriedade da elaboração de um trabalho de conclusão de curso, o qual é desenvolvido em dois componentes curriculares, Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, ministrados no 4º e 5º semestres, e a possibilidade da realização de prática profissional não obrigatória de estágio supervisionado, que somente poderá ser realizado concomitantemente ao curso, ou seja, enquanto o aluno estiver regularmente matriculado. No caso da participação de programas de estágio supervisionado, mediante acompanhamento realizado por docente designado pela Direção da Escola, o Plano de Curso ainda indica a necessidade de registrar as horas estagiadas no Histórico Escolar do aluno estagiário.

Quanto à avaliação, o Plano de Curso propõe a adoção de instrumentos e critérios diversificados que “permitam analisar de forma ampla o desenvolvimento de competências em diferentes indivíduos e em diferentes situações de aprendizagem” (CEETEPS, 2013, p. 73). Nesse contexto, os resultados de desempenho dos alunos são expressos em menções (MB, B, R, I) de acordo com o Regimento das Escolas Técnicas Estaduais do CEETEPS, cada qual com um conceito e definição operacional específicos.

O Capítulo 7, por sua vez, apresenta com certa riqueza de detalhes, aspectos infraestruturais necessários ao funcionamento do curso mencionado, em nosso entendimento condizentes com necessidades educativas atuais e, por conseguinte, com os objetivos elencados nessa proposta curricular. Por fim, seu nono capítulo evidencia questões inerentes a expedição de diplomas e certificados aos alunos que cursarem tal habilitação profissional.

Por fim, são apresentados roteiros de atividades (Anexos I, II e III) referentes aos componentes curriculares do Ensino Médio (Base Nacional Comum e Parte Diversificada), nos quais são indicadas habilidades, valores e atitudes a serem desenvolvidos no cotidiano escolar, bem como sugestão de duração das atividades, formas de avaliação e a indicação de relação destes com componentes curriculares da área profissional, possivelmente numa perspectiva interdisciplinar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta breve análise, verificamos uma congruência do Plano de Curso de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (EJA) com os pressupostos e legislação educacional que concernem à essa modalidade de ensino. Tal documento traz consigo os elementos indispensáveis para uma ampla compreensão do que se pretende de um curso profissionalizante de nível técnico integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA.

Contudo, ao que nos parece, verifica-se uma preponderância da organização curricular do eixo de formação profissional em detrimento aos componentes curriculares do Ensino Médio (Base Comum e Parte Diversificada), tanto pela forma de apresentação estética dos conteúdos a serem ministrados quanto dos próprios conteúdos numa perspectiva interdisciplinar. Nesse ponto, destacamos a relevante contribuição dos roteiros de atividades que se encontram anexados ao Plano de Curso no processo de ensino-aprendizagem ao citarem componentes curriculares da área profissional que poderão estar envolvidos interdisciplinarmente com componentes curriculares do Ensino Médio, mas que pelo fato de apenas terem sido citados, limita a prática docente.

O papel da escola ressoa com maior impacto frente à educação de jovens e adultos, haja vista a função que ela assume no sentido de proporcionar maior igualdade social.

Com efeito, nesse estudo pudemos verificar que a importância do currículo na boa formação profissional na área de gestão, fundamental para atender à demanda quantitativa e qualitativa por técnicos competentes, cujo desempenho possa contribuir para a melhoria dos resultados obtidos pelas empresas. Portanto, estudos dessa natureza revelam-se um recurso potencial para compreender o papel que os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos desempenham na sociedade brasileira em geral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Lei n. 11.741, de 16 de julho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11741.htm>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Parecer CEB n. 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Parecer CNE/CEB n. 39/2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_parecer392004.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2015.

_____. Resolução CNE/CEB n. 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção O Brasil Republicano, v. 2, 3. ed., 2010.

CEETEPS. Plano de Curso para Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/gfac/>. Acesso em: 29 jun. 2015.

DELORS, et. al. Educação: um tesouro a descobrir. UNESCO, 1998

DINIZ, C. A. A educação secundária no interior paulista: estudo histórico sobre o Ginásio Estadual de Matão (1940-1965). Dissertação de Mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras, 2012.

HADDAD, S. Um início de conversa sobre a nova lei de educação. Em aberto. Brasília: INEP, v. 7, n. 38, p. 39-44, abr./jun. 1988.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Coleção O Brasil Republicano, v. 3, 2. ed., 2008.

ROCHA, M. B. M. A política de ensino secundário do Estado Novo e os atores políticos. Educação conformada: a política de educação no Brasil (1930-1945). Juiz de Fora: UFJF, 2000, p. 117-162.

A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cristiano Augusto de Oliveira

cristiano.a.oliveira@terra.com.br

Professor Esp. na Etec Rosa Perrone Scavone, Itatiba, Centro Paula Souza. Orientado por Lidia Ramos Aleixo de Souza.

A educação de jovens e adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas do ensino fundamental e médio, para aqueles que não completaram os anos da educação básica na faixa etária correspondente. São evidentes as diversas dificuldades encontradas nos cursos de EJA, desde a falta de estrutura física adequada, altos índices de evasão escolar devido a diversos fatores, transferência de local de residência, alteração de horário de trabalho, dificuldades de aprendizagem, insatisfação com o curso, professores não preparados para trabalhar com esse perfil de aluno e até mesmo falta de material didático específico. Este trabalho, além de traçar o perfil do aluno da EJA, evidencia os benefícios que a informática e a tecnologia podem oferecer dentro de cada uma das disciplinas, e também auxiliar o aluno da EJA em seu trabalho ou até mesmo inserindo este aluno no mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Informática; Tecnologia; Educação; Inclusão.

The youth and adult education (EJA) is the category of education in elementary and high school stages, for those who have not completed their cycle of basic education in the corresponding age group. Since its implementation, the EJA has been undergoing constant adaptation. The various difficulties encountered in adult education courses are clear from the lack of adequate physical infrastructure, high rates of school dropouts due to several factors, local transfer of residence, work schedule change, learning difficulties, dissatisfaction with the course, Teachers not prepared to work with this profile of student and even lack of specific teaching materials. This paper, in addition to profiling the student EJA, highlights the benefits that computers and technology can offer in each of the disciplines, and also assist the student in adult education in their work or even entering this student in the labor market.

KEYWORDS: Work; Computing; Technology; Education; Inclusion.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e crescente avanço da tecnologia tem sido um fenômeno recente que a cada dia se evidencia. Porém, algumas classes sociais ainda encontram muitas dificuldades para inserir-se digitalmente, algumas vezes por falta de oportunidade, dificuldade no acesso às novas tecnologias ou até mesmo falta de condições adequadas. Neste grupo, destacam-se os alunos adultos maduros e idosos pertencentes às classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que jamais tiveram acesso ao computador ou apenas algum contato de forma superficial. Este trabalho visa abordar a importância da introdução da informática nos cursos de Educação de Jovens e Adultos, inserindo o aluno no mundo digital e utilizando os recursos computacionais como aliado no desenvolvimento das competências e habilidades das disciplinas contidas no curso.

1. PERFIL DO ALUNO DA EJA

O aluno da EJA trata-se de um jovem ou adulto que historicamente vem sendo excluído, seja pela impossibilidade de acesso à escolarização, insucesso na educação regular ou simplesmente por ter que trabalhar.

Normalmente são alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho, ou que anseiam por uma colocação profissional, utilizando a certificação para alcançar seus objetivos. Muitos trabalham durante todo o dia e buscam continuar os estudos no período noturno, além de outras inúmeras barreiras preconceituosas que tiveram de ser enfrentadas em função do desejo de aprender, trazendo consigo dificuldades de aprendizagem e histórias de tentativas frustradas de retorno aos estudos.

O aluno da EJA traz consigo muitos conhecimentos “assistemáticos”, saber nascido do fazer, gerando medos, baixa autoestima e podendo resultar em índices elevados de evasão.

Visando reduzir os altos índices de evasão, os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem dos jovens e adultos devem olhar de forma diferenciada para este público, pois todos acabam trazendo consigo uma enorme bagagem de conhecimento adquiridos no dia-a-dia, na vida. Esses conhecimentos devem ser garimpados pelo professor e utilizados como ponto de partida na busca dos saberes intelectuais, mais o primeiro passo é adquirir a confiança deste discente, que em alguns casos, tiveram

oportunidades anteriores destruídas. Partindo-se da hipótese de que quando há uma expressão de afetividade nas relações professor-aluno e entre os próprios alunos, sobre a forma de incentivos, proximidade corporal, interesse em saber sobre o seu cotidiano e amizades, tudo isso contribui significativamente para a construção e manutenção de um vínculo do aluno da EJA com a escola e com o saber, pois quando há formação de um laço afetivo e uma interação entre o grupo, o processo de ensino-aprendizagem se torna mais efetivo e a permanência na escola em sua maioria é garantida.

Lev Vygotsky (1896-1934), psicólogo interacionista explica o desenvolvimento afetivo sob um ponto de vista sócio-histórico-cultural, o que nos dá condições para apreciarmos a afetividade relacionada à educação da EJA partindo da ideia de que a aquisição de conhecimentos e de sentimentos se dá pela interação do sujeito com o meio escolar.

2. A INCLUSÃO DIGITAL DE ALUNOS DA EJA

A possibilidade de acesso ao Laboratório de Informática traz novas perspectivas para alunos da EJA, há um interesse maior, uma possibilidade de associar os recursos tecnológicos oferecidos pelo computador com os afazeres do cotidiano e atividades profissionais desenvolvidas pelo aluno. O computador desperta a curiosidade do discente, possibilitando ao professor a utilização de novas dinâmicas voltadas ao processo ensino-aprendizagem, que auxiliam então, a permanência, a frequência na escola, tornando concreta a descoberta da capacidade de aprender.

Alguns jovens passaram a utilizar a internet como fonte de pesquisa para seus estudos bem como meio de diversão por meio de sites de games. As redes sociais também começaram a ser utilizadas e acabam por estabelecer relações entre os indivíduos de modo virtual, por meio de comunicação por computador. Essas redes de interação social têm como objetivo buscar conectar as pessoas e proporcionar a comunicação, estabelecendo nesta relação, laços sociais, via internet e páginas da web, porém, é possível que grande parte do público que frequenta a EJA não tenha acesso a essa tecnologia, sequer teve a oportunidade de ligar um computador.

Para introdução do aluno da EJA no mundo virtual, é necessário inicialmente que a escola conte com laboratório de informática atualizado, devidamente equipado

e com acesso à internet, permitindo assim o acesso às inovações tecnológicas para o desenvolvimento dos conceitos técnicos em relação à correta utilização do computador, o manuseio do mouse, teclado e os conceitos básicos necessários para operar a máquina. Para isso, além de laboratório equipado, faz-se necessário a existência de disciplina específica voltada ao aprendizado dos conceitos básicos e professor especialista, contemplando o mínimo necessário para a utilização da máquina, para que numa próxima etapa, as aulas de laboratório sejam estendidas às disciplinas do núcleo comum (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia,...).

3. A UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA NAS DISCIPLINAS DA EJA

A Evolução Tecnológica é algo que sempre esteve presente na vida do homem. Abrange desde os primórdios até, e principalmente, os dias atuais. Cada vez aumenta mais sua relação com o homem, e cada vez aumenta mais seu ritmo de evolução.

O mundo sofreu inúmeras transformações nas últimas décadas, porém, ao se analisar o modelo de sala de aula atual, pode-se verificar pouca evolução, mesmo com todo o avanço tecnológico que o mundo tem presenciado.

O ideal é que turmas de Educação de Jovens e Adultos tenham seus próprios espaços ou aconteça dentro de ambientes destinados a adultos, como universidades públicas e privadas, com murais, cantinas e horários adequados.

Existem inúmeros recursos audiovisuais que podem ser aplicados em sala de aula, melhorando a dinâmica do processo ensino aprendizagem e ilustrando o conteúdo ministrado pelo professor, mais não se pode negar que o investimento para tal transformação ainda é considerado alto e fora da realidade da grande maioria das instituições de ensino.

Dentre os recursos disponíveis atualmente encontra-se o projetor multimídia, que consiste em um aparelho que processa um sinal de vídeo produzido por um computador, televisor, blu-ray ou qualquer outro dispositivo de reprodução de imagens e projeta a imagem correspondente em uma tela de projeção usando um sistema de

lentes. Existem também os amplificadores de áudio que normalmente são utilizados em conjunto com o projetor multimídia reproduzindo o áudio com qualidade superior aos alto-falantes originais existentes em computadores e aparelhos televisores. O projetor multimídia e o amplificador de som podem ainda ser utilizados juntamente com um computador conectado à internet, oferecendo recursos e materiais de ótima qualidade e transformando o ambiente de aprendizagem.

A mobilidade proporcionada pelos Tablets e seus aplicativos trazem uma nova concepção de ferramenta educativa, que apesar de algumas instituições já apostarem nesta tecnologia, ainda é bastante recente e os aplicativos voltados ao ambiente educativo apenas começam a surgir, as perspectivas são de que ainda levará algum tempo para serem introduzidos satisfatoriamente em sala de aula.

Uma das últimas criações inovadoras que se pode utilizar em sala de aula é a lousa digital, uma tela imensa de um computador, porém mais inteligente, pois é sensível ao toque. Desta forma, tudo o que se pensar em termos de recursos de um computador, de multimídia, simulação de imagens e navegação na internet é possível com ela. Ou seja, funciona como um computador, mas com uma tela melhor e maior.

O professor pode preparar apresentações em programas comuns de computador, como Power Point, por exemplo, e complementar com links de sites. Durante a aula, é possível, enquanto apresenta o conteúdo programado, navegar na internet com os estudantes. Pode ainda criar ou utilizar jogos e atividades interativas, contando com a participação dos alunos, que vão até a lousa e escrevem nela por meio de um teclado virtual, como aqueles de páginas de banco na internet, ou por meio de uma caneta especial ou com o dedo, já que a lousa lê ambas as formas.

O ensino conta com novos recursos, pois é possível, por exemplo, fazer apresentações em três dimensões para apresentar o corpo humano, e estudar geografia com a ajuda de mapas feitos por satélite e disponíveis em sites como o Google Maps ou Google Earth. “Na lousa digital, a criatividade é o limite”.

A internet possui inúmeros materiais que podem ser utilizados em sala, tornando a aula mais atrativa, dinâmica e diversificada, levando os discentes a uma aprendizagem significativa. Uma alternativa existente na internet é o portal Khan Academy Brasil – Fundação Lemann, que oferece gratuitamente aulas de Matemática, Artes, Programação de Computadores, Economia, Física, Química, Biologia, Medicina,

Finanças, História e muito mais, gratuitamente. O Google em parceria com a Fundação Lemann, lançou no final de 2003 o YouTube Edu, plataforma educativa com mais de 8.000 vídeo aulas gratuitas. Voltado para estudantes, educadores e colégios o YouTube Edu, conta com vídeos produzidos por professores brasileiros de 26 canais, material que vem sendo amplamente acessado.

4. A INFORMÁTICA COMO FERRAMENTA PARA INSERÇÃO DO INDIVÍDUO NO MERCADO DE TRABALHO

A aula de informática na EJA além de contemplar o ensino dos conhecimentos e habilidades básicas necessários para se trabalhar com o computador, pode também ser aprofundado, possibilitando o trabalho com conteúdos que podem ser utilizados pelo aluno no seu ambiente de trabalho, ou até mesmo permitir a sua colocação no mercado.

Hoje em dia, ter os conhecimentos básicos em informática é fundamental para qualquer um, já que a tecnologia está intrínseca em nosso dia-a-dia. A informática tem se transformado cada vez mais em requisito mínimo para ingresso no trabalho, visto que cada vez mais encontramos processos automatizados. Os computadores vêm ocupando as vagas que antes eram preenchidas por pessoas, executando o trabalho com maior agilidade, precisão e baixo custo, portanto, para não ficar fora do mercado de trabalho, deve-se estar atualizado tecnologicamente e apto a manusear os computadores e sistemas computacionais satisfatoriamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as informações contidas no trabalho de pesquisa pode-se concluir que, desde que foi criada a EJA sofreu diversas transformações que vieram para melhorar a qualidade dos cursos existentes, porém, muito ainda é necessário para que se chegue próximo ao ideal. O aluno que frequenta a EJA, muitas vezes, teve que abandonar os estudos devido a oportunidades frustradas, trabalho e diversos outros fatores. A falta de material didático específico contribui negativamente, pois acaba conduzindo o docente a realizar o trabalho como nas turmas regulares, e também acaba dificultando no planejamento de aula mais atrativa e diferenciada.

O ideal é que turmas de Educação de Jovens e Adultos tenham seus próprios espaços ou aconteça dentro de ambientes destinados a adultos, como universidades públicas e privadas, com murais, cantinas e horários adequados. A EJA, no Brasil, ainda está à mercê dos horários de funcionamento das escolas de Educação Básica. A oferta de turnos é limitada, justamente porque os horários já estão ocupados pelo ensino regular. Além disso, é comum os adultos estudarem em salas com temáticas e materiais infantis dispostos nas paredes.

Para auxiliar na solução de algumas das principais dificuldades encontradas pelos professores em relação ao material didático, evasão e sucesso no processo ensino/aprendizagem, pode-se citar como grande aliado a tecnologia. Através do uso do computador nas aulas de informática básica, o aluno da EJA pode ter a oportunidade de se incluir digitalmente, podendo utilizar os conteúdos básicos no dia a dia do seu trabalho, ou até mesmo na busca de um novo emprego. O computador também oferece softwares que podem ser utilizados nas mais variadas disciplinas com o objetivo de auxiliar o professor no andamento de suas aulas.

Como visto no trabalho de pesquisa, hoje em dia existem diversos portais que oferecem gratuitamente, vídeo aulas sobre os mais variados temas. Essas aulas podem ser utilizadas para ilustrar o conteúdo teórico ministrado em sala de aula pelo professor, fazendo com que o aluno passe a entender ainda mais sobre o tema desenvolvido.

Os recursos tecnológicos atuais possibilitam a utilização de projetor de imagem em sala de aula, de preferência, em conjunto com amplificador de som para o desenvolvimento de atividades multimídia. Outra opção atrativa é a lousa digital, que fornece os mesmos recursos que um computador, porém, com telas muito grandes, semelhante aos aparelhos de TV atuais.

Enfim, pode-se ver a EJA como uma excelente ferramenta de inclusão social e digital, interferindo diretamente na busca de uma sociedade melhor e mais justa.

REFERÊNCIAS

COSTA, Renata. Como funciona uma lousa digital. Formação e Tecnologia. Março de 2014. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/como-funciona-lousa-digital-tecnologia-501324.shtml>> Acesso em: 30 de Julho. 2015.

FREIRE, Paulo & PAPERT, Seymour. Diálogos impertinentes: O futuro da escola. São Paulo: TV PUC, 1996.

MOUTINHO, Simone M.B. Uso do computador na alfabetização de adultos. Informática e EJA. Julho de 2010. Disponível em: <<http://paulofreirefae.blogspot.com.br/2010/07/informatica-e-eja.html>> Acesso em: 30 de Julho. 2015.

Portal de vídeo aulas Khan Academy. Disponível em: <<https://www.khanacademy.org/>>. Acesso em: 09 de Julho. 2015.

VYGOTSKY, L.S. Psicologia Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2003.

A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO MEDIADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Denise de Cássia Mello

mellodenise@hotmail.com

Professora na Etec Prof. Matheus Leite de Abreu em Mirassol, São Paulo, Centro Paula Souza.

Orientada pela Professora Dra. Lucilene Fonseca.

Este artigo, baseado em pesquisa bibliográfica, tem como objetivo analisar os métodos de avaliação formal empregados até os dias atuais, as consequências da sua continuidade, bem como, a possibilidade da implantação da Avaliação Mediadora na Educação de Jovens e Adultos como salvadora de um sistema arcaico, e as consequências da Avaliação Mediadora na Educação de Jovens e Adultos.

PALAVRAS CHAVE: Avaliação Mediadora; Inclusão, exclusão; Educação de Jovens e Adultos (EJA).

This article, based on literature review, has as aim to analyze the methods for formal evaluation used nowadays, the consequences of its continuity as well as the possibility of the implantation of the Mediator Evaluation in the Youths and Adults Education as the savior of an archaic system and the consequences of Mediator Evaluation in the Youths and Adults Education.

Key words: Mediator evaluation; Inclusion and exclusion; Youths and Adults Education.

INTRODUÇÃO

A necessidade de buscar por metodologia de avaliação que resgata a importância do aprendizado como um todo, fica cada vez mais evidente, quando começamos a observar com criticidade o desinteresse dos alunos durante a vida acadêmica, ao ponto de passarem a ver a escola como um peso, uma obrigação interminável. E, conseqüentemente formamos cada vez mais cidadãos ora com medos e traumas, ora despreparados, sem qualificação, quando não ocorrem as duas situações em conjunto.

Tendo conhecimento desses fatos é de grande importância, relevância e urgência que ocorra mudanças na metodologia de avaliação atualmente empregada com um único objetivo, o de revertermos este quadro porque sabemos que um bom aluno jamais abandona os bancos escolares em sua vida.

É evidente que a avaliação tanto burocrática quanto classificatória além de colocar o aluno sob pressão reduzindo suas chances de reproduzir seu conhecimento, ela é incoerente quanto à construção do conhecimento do aluno.

Sendo assim, de conhecimentos de todos, podemos observar a lacuna deixada pelo método de avaliação empregado atualmente e trazendo a tona à importância de redefinirmos o papel do educador, transformando sua atuação de um simples professor para um construtor de saberes.

Só assim a vida pós-acadêmica, momento em que o aluno confronta o verdadeiro aprendizado com a vida prática, fará sentido para estimulá-lo a buscar sempre novos e novos aprendizados, como também no resgate de cidadãos, trabalhando a inteligência cognitiva, o conhecimento prévio.

Sabendo que se trata de alunos com uma bagagem, uma concepção formada a respeito da avaliação exige-se do professor não só conhecimento técnico, mas também conhecimento interdisciplinar, psicológico e didático para o sucesso.

A finalidade é trazer o aluno para realidade afim de que ele possa ir além de seu conhecimento inicial, tornando-se um cidadão com confiança em suas atitudes, com poder de decisão, crítico, capaz de criar, inovar a partir de situações a que for exposto, resgatando sua autoestima.

TRAUMAS E CONSEQUÊNCIAS DA AVALIAÇÃO FORMAL

É comum no início das aulas termos salas lotadas repletas não só de alunos, mas de sonhos, buscas, oportunidades de emprego, de ascensão, mas basta o término do primeiro bimestre para o repleto dar lugar a evasão. E a pergunta surge: Onde está o erro?

A evasão trás prejuízos intermináveis a todos, a escola, que deixa de ter outro aluno frequentando, ao professor que inicia um período de reflexão e ao maior prejudicado o aluno. Este por sua vez retarda a realização de seu objetivo e com sua autoestima dilacerada como se todo seu conhecimento, prévio de vida e experiência adquirida não tivesse valor, surgindo neste momento dois mundos, o real e o acadêmico. Com o intuito de resguardar o pouco de autoestima que lhes resta, diante de todos, surgem as mais diversas desculpas por parte dos alunos, camuflando suas supostas incompetências.

A avaliação contínua sem precedentes só dará manutenção nas desigualdades, mantendo um país de desiguais, onde exatamente fala-se tanto em igualdade, reforçando as contrariedades de uma falsa educação democrática.

METODOLOGIA DA AVALIAÇÃO MEDIADORA

Quando falamos em educação mediadora na EJA existe uma preocupação maior, uma vez que, a maioria dos alunos teve sua base escolar no método de avaliação formal, e quando apresentados ao novo método ficam ao mesmo tempo deslumbrados e cismados, aumentando a responsabilidade do professor.

O objetivo é acompanharmos o aluno em todo processo de construção do saber, do início à conclusão. Cabendo ao professor conhecer o aluno socioafetivamente, tanto em suas experiências de vida, quanto profissionais para adequar o conteúdo a realidade do aluno capacitando-o gradativamente a partir de seu conhecimento prévio, respeitando seu próprio tempo. Sempre aguçando, estimulando e mantendo-se numa posição de auxiliar e não de juiz, valorizando o desenvolvimento, a força de vontade, a dedicação, mesmo que seu trabalho não tenha saído como esperado, salientando que não se trata de trabalho altruísta.

E, por fim termos consciência da importância dos registros que consolidará a evolução do aluno, contrariando o sistema formal, sentencial (inclusório/exclusório) empregado desde a antiguidade, em que a pessoa era julgada de acordo com sua nota.

FUTURO DA AVALIAÇÃO MEDIADORA

Empregar a avaliação mediadora em nossa sociedade tem um importante papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Significa desbravar caminhos nunca trilhados, o caminho libertador, questionador, inquieto, formador de opinião, o que contraria o que até então foi considerado por muitos como incorreto.

Se em todas as sociedades só se destaca quem deixa o óbvio de lado rompendo com barreiras que o limitam, contribuir com este processo é de profunda grandeza para o professor, uma vez que, a função e objetivo de um bom educador é que “o verdadeiro discípulo supera o mestre” (Aristóteles).

“Esqueça tudo o que lhe disseram, ‘Isto é certo e isto é errado’. A vida não é tão rígida. Uma coisa que é certa hoje pode ser errada amanhã, uma coisa que é errada neste momento pode ser certa no momento seguinte.” (Osho).

CONCLUSÃO

Resgatar a importância do aprendizado na Educação de Jovens e Adultos é de suma importância, principalmente quando analisamos o índice de evasão ocasionado pela má formação que gera falta de interesse em concluir ou em retomar os estudos. Cabendo ao professor o papel de transformador de seu próprio papel de educador para mediador, do aluno de alienado para autônomo e conseqüentemente da escola tradicionalista em libertadora.

Acompanhando o aluno em todo o processo da construção do seu aprendizado, respeitando seu próprio tempo e lembrando que no processo avaliativo valorizar não é ser altruísta. Assim sendo, empregar a avaliação mediadora em nossa sociedade

tem um importante papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E, para o professor participar deste processo em que o discípulo supera seu mestre, fará todo o sentido ao trabalho realizado como mediador.

Muito se fala sobre as dificuldades e necessidades de mudanças e pouco sobre o verdadeiro caminho para se renovar um sistema considerado ultrapassado. É de suma importância essa ciência e sua prática mediante as necessidades deste século e suas exigências.

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, Jussara. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2009.

HOFFMANN, Jussara. Mito e desafio: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2010. (40. ed. rev.).

MATHIEU, Elizabete Rodrigues Oliveira. Formação de jovens e adultos: (Re)Construindo a prática pedagógica / Elizabete Rodrigues Oliveira Mathieu; Eva Chow Belezia. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/> Acesso em: 24/08/2015 as 23:45h

Citações:

BECKER, Fernando. Da ação à operação: o caminho da aprendizagem: J. Piaget e P. Freire. Porto Alegre: EST: Palmarinca: Educação e Realidade, 1993. – A importância do diálogo - página 05.

MASUR, Jandira. O frio pode ser quente? São Paulo: Ática, 1980. – A importância do diálogo - página 05.

NÉRICI. Definição de avaliação, na página 01. Extraído em 30/07/2015 as 23:00h. Site https://pt.wikipedia.org/wiki/Avaliação_educacional.

RANGEL, Ana Cristina S. Educação matemática e a construção do número pela criança: uma experiência em diferentes contexto socioeconômicos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MORETTO, Vasco Pedro. Construtivismo – a produção do conhecimento em sala de aula. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RAJNEESH, Osho – Coragem, o prazer de viver perigosamente, Cultrix, 2001.



PERSPECTIVAS E MOTIVAÇÕES PESSOAIS DE ALUNOS DA TERCEIRA IDADE DE CURSOS DE PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL E A RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM COM O PÚBLICO

Janaína Dias Goulart

janaina.goulart@etec.sp.gov.br

Professora da Área de Informática na Etec Paulino Botelho, São Carlos, Centro Paula Souza.
Orientada pela Professora Dra. Lucilene Santos Silva Fonseca.

Este artigo tem como objetivo especificar as justificativas que levam os alunos da terceira idade a frequentar cursos de Informática e como este aprendizado modifica as expectativas e motivações desse público em relação a sua vida pessoal e profissional, fazendo uma ligação com as necessidades e possíveis motivos que atraíam e mantêm o público da EJA (Educação de Jovens e Adultos) na escola apesar dos obstáculos que dificultam a sua volta e permanência na sala de aula. A análise das respostas do questionário aplicado a este público, demonstra uma grande procura por entretenimento, lazer, autonomia e integração de um modo geral tanto com sua família e amigos, mas também com novos grupos que possa interagir após a aquisição desses novos conhecimentos, o que é possível relacionar ao retorno à sala de aula em cursos EJA.

PALAVRAS-CHAVE: EJA; Informática; Terceira idade.

This present study aimed specifying the reasons that lead senior citizens to attend computer courses and how this learning modifies the expectations and motivations of this public regarding your personal and professional life, making a link with the needs and possible reasons that attract and retain the EJA (Youth and Adult Education) students to school despite the obstacles that hinder their back and remain in the classroom. The analysis of the questionnaire answers applied to this group, demonstrates a high demand for entertainment, leisure, autonomy and integration in general with their families and friends but also with new groups that they can interact after the acquisition of new knowledge, which can be related to the classroom return in adult education courses.

KEYWORDS: Adult Education; Computing; Third Age.

INTRODUÇÃO

É crescente no Brasil de acordo com relatório divulgado pela Secretaria de Direitos Humanos (2013) o aumento da população da terceira idade no país, conforme pesquisa do IBGE do censo de 2010. As pessoas com mais de 60 anos somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária era de 10,7 milhões de pessoas. Fazendo uma comparação entre 2009 e 2011, o grupo aumentou 7,6%, ou seja, mais 1,8 milhão de pessoas. Portanto, é de fundamental importância que esse envelhecimento seja acompanhado de medidas que garantam a qualidade de vida dos cidadãos que mesmo não fazendo mais parte da população economicamente ativa, em sua maioria, possam direcionar seu tempo a novos interesses que melhorem sua qualidade de vida e vislumbrem outras expectativas pessoais e até profissionais.

Em vista desse cenário, por meio de questionário aplicado às duas turmas de Informática de uma instituição de ensino, do interior de São Paulo, procura-se entender as motivações dos alunos a buscarem conhecimentos na área de Informática, as mudanças que esse tipo de conhecimento trouxe para sua vida, quais dificuldades encontraram e, finalmente, quais conhecimentos são mais aproveitados.

O questionário é composto por quatro questões objetivas de múltipla escolha, onde o público aponta uma ou mais alternativas que refletem a importância do convívio social, da busca de novas possibilidades em termos de entretenimento, lazer e que a sede por novos conhecimentos é uma constante em todas as etapas da vida.

Por meio do estudo das respostas é possível perceber a mudança de hábitos e atitudes que a inserção da Informática na terceira idade e, portanto, a educação desses adultos, passou a modificar suas vidas de maneira positiva, apontando direções que antes não eram percebidas.

1. O PÚBLICO DA TERCEIRA IDADE E OS CURSOS DE INFORMÁTICA

O estudo começa com a constatação de que a população brasileira e mundial realmente está envelhecendo e não é de hoje, de acordo com Nasri (2008), “no futuro, teremos uma população quase estável, porém mais idosa e com uma taxa de crescimento baixíssima ou talvez até negativa”.

Tais informações fazem áreas como da Educação e Saúde, voltarem sua atenção para estratégias que atendam esse novo perfil da população que está se modificando.

Por conta de tantas transformações é compreensível que as pessoas que já deixaram sua ocupação profissional e agora tenham mais tempo para investir na sua saúde e lazer busquem novas possibilidades de entretenimento e até de carreira.

Além disso, a maioria são mulheres, o que pode ser confirmado por meio do questionário aplicado junto às duas turmas dos cursos de Internet e de Criações Digitais, no dia 30 de junho, na referida instituição, quando 3/4 das entrevistadas são do sexo feminino. Esses dados confirmam o que as estatísticas apontam: que as mulheres têm uma expectativa de vida mais alta e também se mostram mais dispostas a continuar seus estudos em diferentes áreas e níveis de conhecimento.

Segundo Valente (2002), nesta fase da vida há uma predisposição para a aprendizagem, ela é focada na resolução de problemas ou projetos específicos e de superação de desafios impostos pelo próprio indivíduo, ocasionando uma aprendizagem construída e não simplesmente memorizada, ela é diferente, porque traz muitos significados.

Kachar (2010) considera essencial destacar a fase da velhice que não está ligada apenas a um tempo de aposentaria, de enfermidades e de decadência de capacidades e potenciais, tudo dependerá do processo existencial de cada indivíduo, já que o envelhecimento é a consequência de uma trajetória de vida.

Com tantos fatores apontando para a continuidade dos estudos há de se pensar nas estratégias que atraiam e mantenham o público da terceira idade nas salas de aulas nas suas diferentes modalidades e que atendam às expectativas cada vez maiores e específicas desse perfil de aluno.

2. FATORES DE PERMANÊNCIA DOS ALUNOS DA EJA NA SALA DE AULA

Segundo Cardoso e Ferreira (2012), a EJA representa para muitos a possibilidade de elevação de escolaridade e também de promover a qualificação dos alunos trabalhadores ou dos que venham a ser, onde se pode deduzir que é por isso que retornam à escola, pois há sempre esperança de mudar, de superar a condição de exclusão.

As mesmas autoras afirmam que tanto o retorno quanto a desistência dos alunos da EJA é ocasionado basicamente por motivos relacionados à família, trabalho ou ordem pessoal, mas que a escola pode interferir sim, tanto de maneira positiva quanto negativa, nessa decisão. Logo, é preciso ficar atento com as práticas no processo de ensinar.

Portanto, é possível observar uma estreita relação entre os alunos que procuram os cursos da EJA e aqueles que, mesmo com maior escolaridade e tendo carreiras consolidadas, sentem necessidade de adquirir novos conhecimentos. Mas, ainda assim, se sentem defasados em relação às novas tecnologias, o que requer atenção por parte dos docentes e equipes que coordenam e organizam cursos voltados para este perfil de público.

Pode-se também entender que unir o interesse de continuar os estudos aos recursos tecnológicos pode ser um grande atrativo nas diferentes modalidades de ensino, pois supririam as necessidades mencionadas anteriormente.

3. ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

O questionário que serviu de base para este artigo atingiu dezesseis alunos de duas turmas de Informática, sendo doze do sexo feminino e quatro do sexo masculino, a média de idade é de 62,9 anos, onde o aluno mais velho tem 77 anos e o mais jovem 46. Considerando que para instituição, os cursos da terceira idade podem ser frequentados por pessoas a partir dos 40 anos. Das dezesseis pessoas oito são economicamente ativos, enquanto os outros oito entrevistados são aposentados.

Como mencionado anteriormente, o questionário é composto por quatro questões de múltipla escolha e uma questão dissertativa, das quais serão mostrados os respectivos gráficos com o percentual de respostas para cada uma, sabendo-se que o aluno poderia marcar mais do que uma alternativa.

As perguntas foram formuladas para entender as motivações dos alunos a buscarem conhecimentos na área de Informática, as mudanças que esse tipo de conhecimento trouxe para sua vida, quais dificuldades encontraram e, portando, quais conhecimentos são mais aproveitados.

A primeira questão: “O que o (a) levou a entrar no mundo da Informática?” pode ter suas respostas observadas a partir do Gráfico 1:



Gráfico 1: Motivação para aprendizado da Informática na Terceira Idade.

A alternativa mais apontada, com 31%, foi ‘Entretenimento e lazer’, o que demonstra a necessidade de conhecer novas atividades prazerosas e assim desfrutar o seu tempo livre, muitas vezes como não foi possível em fases anteriores da vida. Em seguida, a opção ‘Integração com a família e amigos’, com 27%, pode indicar o desejo de relacionamento com as gerações mais jovens, o que é facilitado pelo conhecimento da Informática nesse momento histórico de utilização em massa da tecnologia. A alternativa ‘Autonomia’, em terceiro lugar com, 23% indica a consciência da necessidade de independência em relação às demais pessoas do seu convívio no que diz respeito à utilização de recursos da Informática.

A partir desses números é possível concluir que apesar desse público não ter as mesmas oportunidades de utilização dos recursos tecnológicos das gerações mais recentes, estão buscando o conhecimento e a atualização para conquistarem novas possibilidades de entretenimento e lazer, integração com seus familiares, mais jovens na maioria e que dominam tais tecnologias, além da autonomia que facilita a aquisição das vantagens anteriores.

As alternativas de 'Estudo' (11%) e 'Trabalho' (8%) foram menos apontadas, mas também refletem o interesse das pessoas da terceira idade em adquirir e ampliar conhecimentos, principalmente para aqueles que ainda exercem alguma atividade econômica, que são 50% dos entrevistados.

A segunda pergunta: "O que representou na sua vida a Informática?", procura buscar respostas para as mudanças que tais conhecimentos trouxeram para a vida dos alunos que muitas vezes demonstram certo grau de resistência à área pelos motivos abordados na questão 3.

O Gráfico 2 mostra a porcentagem de escolha das alternativas propostas para esta pergunta:



Gráfico 2: Importância da Informática na vida do aluno.

Observa-se que 40% dos entrevistados apontam a 'Aquisição de conhecimentos' como o fator mais representativo da inserção da Informática na sua vida, indicando muitas vezes por relatos no início do curso que se consideravam incapazes de aprender tais conceitos e lidar com as novas tecnologias, o que foi desmistificado ao longo do(s) curso(s).

Seguidos de 32% daqueles que acreditam que a 'Ampliação da comunicação' trouxe um impacto significativo nas suas vidas, porque a comunicação mais fácil e rápida

trouxer benefícios no âmbito pessoal e profissional a partir do contato com as ferramentas de Informática.

Outros 20% relatam que o 'Relacionamento com outras pessoas' ficou favorecido, tanto à distância quanto pessoalmente pelo fato de frequentarem um grupo com interesses similares e perfil parecido, pois tiveram os círculos de relacionamento ampliado e a comunicação facilitada, como mencionado anteriormente.

Uma faixa menor dos entrevistados, 8%, registra as 'Novas perspectivas profissionais' como sendo o fator de maior importância, pois o fato de dominar novas tecnologias amplia as possibilidades de trabalho e qualificação profissional.

A terceira questão: "Quais as suas principais dificuldades para se inserir no mundo da Informática?", tem como objetivo levantar os pontos mais delicados do aprendizado deste público. O Gráfico 3 exibe um panorama geral das respostas:

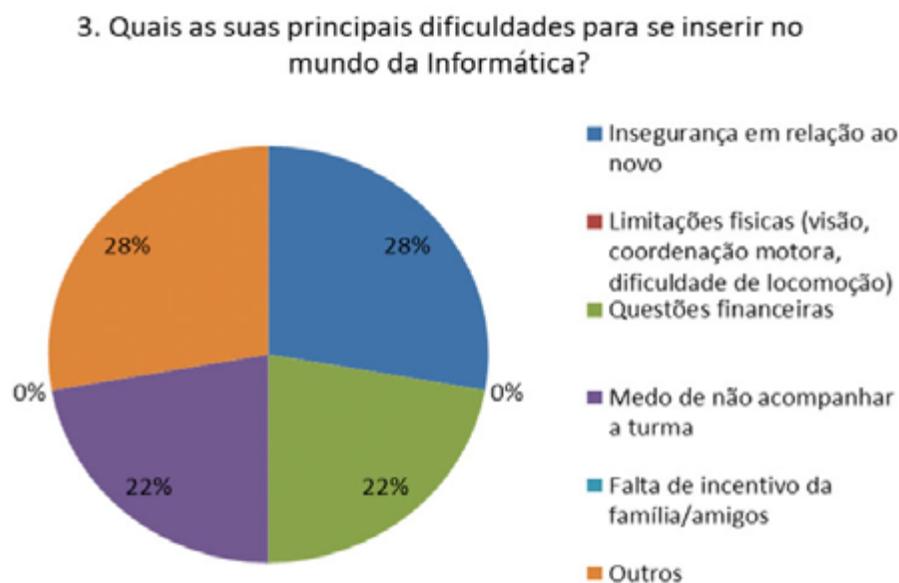


Gráfico 3: Dificuldades para o aprendizado da Informática.

Nota-se que houve um equilíbrio nas alternativas 'Insegurança em relação ao novo', 28%, que vem ratificar a questão de muitas vezes existir certa resistência no aprendizado das novas tecnologias. Muitos alunos se comparam a seus filhos e netos o que é injusto, pois não tiveram as mesmas oportunidades de contato com a tecnologia como as gerações mais novas. Tudo era mais caro, o acesso mais difícil o que dificultava o aprendizado, enquanto os mais jovens já 'nasceram' com a Internet

e outras tantas facilidades do nosso tempo.

A alternativa 'Outros', também com 28%, foi especificada com 'Nenhuma dificuldade' pelos entrevistados. Sem haver maiores explicações, é possível supor que os conceitos vistos no curso não eram tão difíceis de ser assimilados ou as pessoas já teriam certa noção dos assuntos, ou ainda eles foram bem abordados e metodologicamente bem apresentados ao grupo.

As alternativas que obtiveram 22% das escolhas foram 'Medo de não acompanhar a turma' e 'Questões financeiras'. A relação com o medo traz novamente uma provável baixa estima, situação muito encontrada com alunos da EJA que ao se depararem com novas situações e recursos trazem à tona experiências de fracasso anteriores que os angustiam e em certos casos os levam até a desistir do curso, por isso é imprescindível o olhar atento do docente e a sua sensibilidade para orientar e mostrar o curso como uma nova oportunidade de superação de experiências negativas anteriores, o que na maioria das vezes é efetivo.

Muito mais do que conhecimento, é desejo da maioria superar antigos obstáculos, desafiar fronteiras que foram impostas pela falta de tempo, dinheiro, condição física ou social, mas que nessa nova fase da vida é possível modificar.

A opção 'Questões financeiras', também com 22%, pode ser compreendida se fizermos uma relação com a situação econômica do aluno, o que não foi um critério levantado nesta pesquisa. A mensalidade do curso, atualmente é de duas parcelas de R\$ 69,00 para os cursos bimestrais e quatro parcelas de R\$ 35,50 para os cursos semestrais. Deve-se levar em consideração também a aquisição ou atualização de equipamentos de Informática como computador desktop, notebook, celular entre outros.

Não foram escolhidas pelos entrevistados as alternativas 'Falta de incentivo da família/amigos' e 'Limitações físicas', o que demonstra que esse público recebe o apoio de seus familiares e também não apresenta, pelo menos nesta amostra em estudo, questões fortes relacionadas à saúde que atrapalhem o seu desempenho diante dos recursos utilizados nos cursos de Informática.

A quarta questão de múltipla escolha é: “Quais recursos de Informática você mais utiliza?” obteve as seguintes respostas, mostradas no Gráfico 4, a seguir:

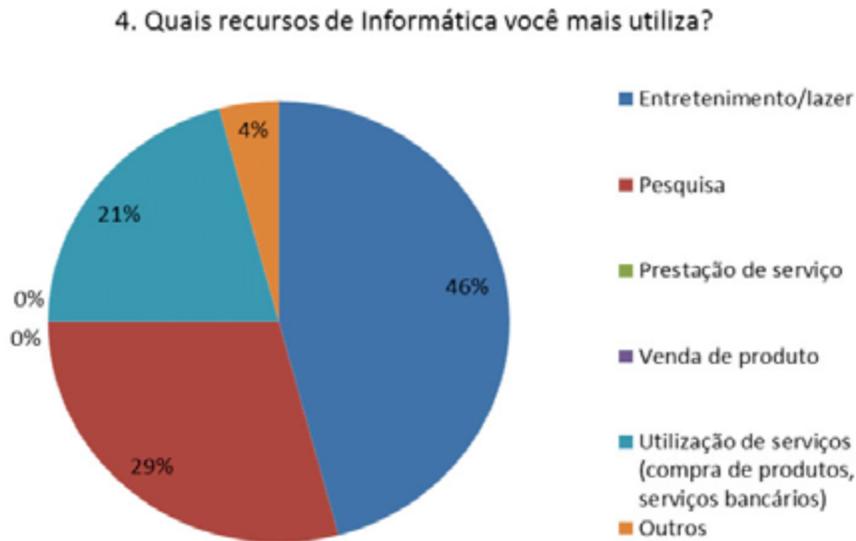


Gráfico 4: Recursos mais utilizados pelos entrevistados.

Essa questão obteve 46% das respostas na alternativa ‘Entretenimento e lazer’, o que vem de encontro com os principais objetivos dos alunos ao entrarem nos cursos de Informática.

A segunda alternativa mais indicada, com 29%, foi ‘Pesquisa’, o que pode demonstrar a importância do aprendizado deste recurso na vida desses alunos, associada à autonomia apontada por muitos na Questão 1. Muitos alunos relatam como se sentem felizes ao conseguir procurar assuntos do seu interesse, se aprofundar neles, além de planejar viagens e eventos através desse recurso antes considerado complicado e pouco acessível.

A seguir a opção ‘Utilização de Serviços (compra de produtos, serviços bancários)’, com 21%, foi escolhida, apontando uma mudança de comportamento desses sujeitos, que passam a ter a possibilidade de adquirir produtos e serviços através das novas tecnologias que aprenderam a utilizar, com mais comodidade e sem depender de terceiros.

A alternativa 'Outros', apesar de ter sido escolhida por 4% dos entrevistados, não foi especificada e as opções 'Prestação de serviço' e 'Venda de produto' não foram mencionadas, mostrando que ainda são pouco exploradas, podendo ser futuramente uma nova possibilidade a ser oferecida em cursos na instituição, pois são atividades muito usadas na atualidade.

A quinta questão, diferente das anteriores, não oferece alternativas, mas pede aos entrevistados para resumir em uma palavra o que representou aprender Informática na vida de cada um.

Ao todo foram mencionadas onze palavras, sendo que 'conhecimento' obteve 18,75% das respostas, enquanto as palavras 'autonomia', 'atualização' e 'comunicação' tiveram 12,5% das indicações e as outras palavras citadas receberam 6,25%: 'aprender', 'muita coisa', 'descobrir', 'diversão', 'aprendizado', 'desafio' e 'importante'.

O objetivo dessa última questão é contar com a espontaneidade dos entrevistados para retratar o seu sentimento em relação à construção dos novos conhecimentos proporcionados pela Informática nas suas vidas. O resultado é exibido na Figura 1:



Figura 1: Nuvem das palavras escolhidas para representar o aprendizado de Informática para o público alvo do questionário.

Com um olhar mais atento e com o crivo da experiência ficaria fácil entender que os cursos de Informática não são atraentes apenas pelos conhecimentos que podem proporcionar, mas também pela oportunidade de revelar outras formas de se divertir e interagir numa sociedade cada vez mais tecnológica.

O fato de estarmos o tempo todo conectados de certa forma também afasta as pessoas do contato direto tão normal ao público da terceira idade o que gera ainda mais solidão e isolamento, contraditoriamente com o que parece.

Em tempos em que a depressão bate à porta de todos e nem as medicações mais modernas e os profissionais mais capacitados conseguem trazer a solução para tais males, pode-se ver que para ligar conhecimento à autonomia não é difícil, pois não se pode voltar atrás depois de aprender de verdade e isso traz independência. Esse conhecimento necessita de atualização, pois a velocidade do próprio tempo parece estar cada vez maior e para se atualizar a comunicação é indispensável. Então ao que parece é preciso aprender muita coisa, descobrir a diversão nesse processo de aprendizado, superando cada desafio para se sentir importante onde quer que estejamos e principalmente conosco.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a comparação das respostas obtidas no questionário, através da leitura de diversos artigos relacionados e da experiência da autora é possível concluir que há sim uma enorme predisposição do público da terceira idade para o aprendizado de inúmeros assuntos e que a Informática é uma ferramenta preciosa para a aquisição desses novos conhecimentos que se apresentam.

Nesta etapa da vida o cidadão já se conhece de maneira mais profunda, já percebe os seus limites e as suas inclinações e precisa se comunicar, necessita se sentir parte de um grupo e interagir com pessoas que acrescentem algo de interessante ao seu viver. Nota-se que muito mais do que conhecimento, é desejo da maioria superar antigos obstáculos, desafiar fronteiras que foram impostas algumas vezes pela falta de tempo, dinheiro, condição física ou social, mas que nessa nova fase da vida é possível modificar.

Pela prática de mais de dez anos de trabalho em sala de aula com alunos da terceira idade e pela troca de experiências e saberes valiosa que esse convívio proporciona é importante afirmar que esses sujeitos têm sim motivos de sobra para continuar o seu aprendizado tanto o formal como o informal, mas que precisam sentir uma necessidade real, perceber como aplicar tais conhecimentos no seu dia a dia e fazer isso de uma forma prazerosa, respeitosa e que vá de encontro a essa busca permanente de todo ser humano.

Ser acolhido, escutado e valorizado, ações tão faladas e discutidas por todos que convivem e que se esforçam por manter o público da EJA nas salas de aula, fazem parte deste contexto. Certamente são fatores de extrema importância e que dependem da preparação dos profissionais envolvidos nesse trabalho que inclui não só a competência técnica, mas afeto, dedicação e condições estruturais favoráveis para este processo de ensino-aprendizagem.

Tudo que foi confirmado nesta pesquisa pode e deve ser aprofundado com questões mais detalhadas e específicas em pesquisas futuras, pois deste começo já foram colhidos dados preciosos, que se não mostram respostas absolutas ao menos indicarão caminhos mais assertivos para a educação de jovens e adultos e em especial ao público da terceira idade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria dos Direitos Humanos. Dados sobre o envelhecimento no Brasil. 2013. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhecimentonoBrasil.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CARDOSO, Jaqueline e FERREIRA, Maria José de Resende. Inclusão e exclusão: o retorno e a permanência dos alunos na EJA. Disponível em: <<http://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/viewFile/47/27>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

KACHAR, Vitória. Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5371/3851>>. Acesso em 28 jul. 2015.

NASRI, Fábio. O envelhecimento populacional no Brasil. 2008. Hospital Israelita Albert Einstein. 2008;6(Supl 1):S4-S6. Disponível em: <http://prattein.com.br/home/images/stories/Envelhecimento/envelhecimento_popu.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

TAGUL. Tagul Word Clouds. 2015. Disponível em: <<https://tagul.com/>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

VALENTE, José Armando. A Aprendizagem continuada ao longo da vida – o exemplo da terceira idade. 2002. Disponível em: <<http://www.redadultosmayores.com.ar/buscador/files/DESAR005.pdf>>. Acesso em: 28 Jul. 2015.



A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA ALUNOS DA EJA

Leonardo Lirussi

leolirussi@yahoo.com.br

Professor de Educação Física / Coordenador de Área de Ensino Médio na Etec 231- Francisco Morato, no Município Francisco Morato - SP, Centro Paula Souza. Orientado pela Professora Silvia Petri.

O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da contextualização no aprendizado, dentro da educação de jovens e adultos, onde por meio de atividades brincadeiras e abordagens que tragam assuntos inseridos no contexto da vida social do público alvo, os alunos consigam interagir e obter um aprendizado com uma condição mais favorável. Para que isso seja possível, este artigo concebe a contextualização como dispositivo central da presente discussão, entendendo suas múltiplas possibilidades presentes no processo de ensino/aprendizagem a partir da prática e vinculados à relação desses fazeres com o processo no âmbito da Educação de Jovens e adultos traçados dentro do ambiente educacional. Este projeto se desenvolverá através de uma revisão literária existente sobre os assuntos mencionados na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Contextualização; Aprendizagem; EJA.

The objective of this study is to show the importance of the contextualization Abstract: The objective of this study is to show the importance of the contextualization in learning on the Youth and Adult Education, where through activities, plays and approaches that bring subjects in the social life context from the target audience, the students get able to interact and learn with more favorable condition. To make this possible, this article conceives the contextualization as a central device of the present discussion, understanding its multiple possibilities in the teaching/learning processes from practice and linked to relationship of those duties with the process in the framework on the Youth and Adult Education planned on the educational environment. This project will be develop through a literary review existed on the mentioned work.

Key-Words: Contextualization; Learning; EJA (Youth and Adult Education).

INTRODUÇÃO

Hoje, é sabido por grande porcentagem da população que o fluxo de informações está aumentando de maneira exponencialmente levando as pessoas a cada vez mais procurar um espaço melhor no âmbito social. O problema é que grande parte dessa sociedade, infelizmente não conseguiu concluir o ensino regular estabelecido na constituição por diversos motivos, sejam eles ligados a falta de condições financeiras, de saúde ou até mesmo por serem obrigados a realizar trabalhos sem remuneração. Esses fatos levam cada vez mais esse público correr atrás dessa lacuna a fim de viabilizar essas conquistas seja elas financeiras ou mesmo o seu próprio bem estar através da EJA, Educação de Jovens e Adultos.

Mas outros problemas assombram esses alunos, como o fato de terem permanecidos períodos fora da sala de aula, do currículo ter sofrido inúmeras mudanças ao longo dos anos e principalmente os inúmeros contextos sociais, religiosos e de gêneros étnicos levam a turmas extremamente heterogêneas desafiando o docente a transpor o seu conhecimento de uma maneira onde o sucesso no aprendizado é o maior objetivo. Diante disso, esse projeto tem o objetivo de verificar através de revisão na literatura existente se a contextualização pode influenciar de maneira positiva o processo de ensino aprendizagem nos alunos de Informática, Administração, Contabilidade e Comércio dos Cursos modulares do período noturno da Escola Técnica Estadual (Etec).

1. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A educação de jovens e adultos é uma ação governamental que leva a oportunidade desses cidadãos voltarem a ter um papel fundamental na sociedade. Regido e regulamentado pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), é assegurado gratuitamente a todas as pessoas que não tiveram acesso na idade própria e permitindo a permanência do jovem e do adulto na escola. Segundo a (LDBEN) "... a EJA Tem o objetivo de preencher a lacuna de anos do direito à educação negada aos jovens e adultos, oferecendo a eles igualdade de oportunidades para a entrada e permanência no mercado de trabalho e qualificação para uma educação permanente".

Podemos mencionar diversos fatores que influenciam a dificuldade e impossibilitam a alfabetização no período “correto” da infância levando o indivíduo ao ver a necessidade de se inserir no meio educacional. Diante dessa necessidade, esse público acaba procurando a EJA (Educação de Jovens e Adultos) oferecido por escolas públicas e por projetos comunitários de alfabetização, onde por meio desta oportunidade acabam tendo acesso e resgatando o acervo de identidade educacional.

Percebemos ao longo das décadas que a EJA passou por diversas modificações e adaptações desde a época da colonização feitas pelos Jesuítas, quando ensina de uma forma tradicionalista voltado para o lado cristão e de certa maneira punitivo que é citada por (GHIR).

“O ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã”. (ALDELLI JR. 2008, p. 24)

Mostrando até a época do regime militar, onde surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, como método de ensino tinha a proposta de ter um foco no ato de ler e escrever chamado MOBREAL. Assim como exemplifica BELLO (1993):

“a respeito de pesquisas e investigações referentes à alfabetização nas séries iniciais, ou seja, temos caminhos que levam a entender que a EJA é primordial para formação das pessoas que deixaram de lado por diversas atividades circulares. Assim sendo, os estudos e adquirem um novo caminho para compreender as disciplinas assim como defende os PCN’s na educação básica”. (BRASIL 2001, p. 21).

A ideia da EJA é levar ao seu público um conhecimento não desenvolvido no tempo adequado, voltado para ao contexto atual da sociedade em que vivemos, estimulando assim uma nova ideia de mercado, empregabilidade, tecnologias existentes como menciona os parâmetros curriculares nacionais.

As propostas da EJA podem ser encontradas em diversos lugares em que se evidencia o conceito de características transmitindo aos alunos o desenvolvimento de três módulos necessário para alcançar o nível adequado de conteúdos no processo de aprendizagem. Outro aspecto fundamental é a percepção por meio da socialização e afetividade desenvolvida no período letivo após um longo dia de trabalho sentem

prazer em frequentar as aulas, isso porque, boa parte dos “clientes que ali estão” possui objetivos em comum e estão ali lutando por eles, pois como supramencionado a maioria deles ingressou ou retomou a rotina escolar escola na fase adulta devido aos fatores já mencionados mesmo que isso dependesse deles. Atualmente a maioria frequenta as aulas por vontade própria independente de suas limitações, é válido mencionar embora os alunos muitas vezes cansados por rotinas estressantes de trabalho lutam e conseguem superar essas dificuldades e alcançar assim seus objetivos passando a serem cidadãos letrados e sem medo de enfrentar novos desafios em busca de novas conquistas.

2. A CONTEXTUALIZAÇÃO

De forma geral, contextualização é a associação do conhecimento a ser desenvolvido à sua origem e à sua aplicação de maneira prática. Essa ideia necessita de uma série de interligações do estudante em todo o processo de aprendizagem junto ao assunto desenvolvido, fazendo as conexões entre os conhecimentos. O aluno será o protagonista no processo, pois, será o protagonista; como um agente que pode solucionar conflitos e responsáveis por mudanças e favoreçam a si próprio ou seu meio.

O fato das turmas que realizam as atividades da EJA serem extremamente heterogêneas bem como a ausência desse público no âmbito escolar ter produzido uma lacuna cognitiva e cultural envolta as diversas mudanças no currículo e nas abordagens educacionais faz com que cada vez mais nós professores tenhamos que nos adaptar ao mundo de novidades culturais e sociais inseridos em cada turma.

Diante disso, é cada vez mais importante que exista uma coerência na abordagem dos conteúdos independente da disciplina trabalhada para que não haja uma desmotivação por parte das aulas. Pensando nisso, é fundamental que seja inserido nas aulas, atividades que vincule o conhecimento à sua origem, prática e à sua aplicação como diz o princípio de contextualização.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM (BRASIL, 1998), informa alguns dos princípios organizadores do currículo do Ensino Médio como podemos visualizar abaixo:

Interdisciplinaridade e contextualização formam o eixo organizador da doutrina curricular expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Elas abrigam uma visão do conhecimento e das formas de tratá-los para ensinar e para aprender que permite dar significado integrador a duas outras dimensões do currículo de forma a evitar transformá-las em novas dualidades ou reforçar as já existentes: base nacional comum parte diversificada, e formação geral preparação básica para o trabalho. (BRASIL, 1998, p.50).

O artigo 28 das Leis de Diretrizes e Bases 9394/96, indica como isso pode ser feito, por expor que “os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente”. Isso significa que o ensino deve levar em conta o cotidiano e a realidade de cada região, as experiências vividas pelos alunos, quais serão suas prováveis áreas de atuação profissional, como eles podem atuar como cidadãos; enfim, ensinar levando em conta o contexto dos estudantes.

Para obtenção de êxito na formação do público na modalidade EJA, é necessário conhecer os aspectos culturais, sociais e até mesmo físicos dos discentes

Para Ramos (2002), a contextualização do ensino é um recurso para ampliar as possibilidades de interação não apenas entre as disciplinas nucleadas em uma área de conhecimento (entre as próprias áreas de nucleação), como, também, entre esses conhecimentos e a realidade do aluno. Busca-se, nesta abordagem, a inserção do conhecimento disciplinar em uma realidade plena de vivências, incluindo aspectos e questões presentes na sociedade e no cotidiano do aluno, tais como: a melhoria da qualidade de vida e as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Em síntese, contextualizar o ensino é aproximar o conteúdo formal (científico) do conhecimento trazido pelo aluno (não formal), para que o conteúdo escolar torne-se interessante e significativo para ele. Nesse sentido, a contextualização evocaria áreas, âmbitos ou dimensões presentes na vida pessoal, social e cultural, mobilizando competências cognitivas já adquiridas.

A proposta de ensinar utilizando-se situações vivenciadas no cotidiano, mostra a forma em que se pode aumentar o nível dos alunos no processo de entender qualquer tipo de conteúdo independente da disciplina técnica ou não seja ela voltada ou não a situações corriqueiras durante o dia, seja na jornada de trabalho, seja em casa dimensionando facilitando assim seu entendimento.

Assim, pode se demonstrar que ocorre uma facilitação no desenvolvimento das aulas e de seus conteúdos propostos a serem trabalhados dentro e fora do âmbito escolar, principalmente como fator de inclusão nas disciplinas e trabalhos propostos.

3. A CONTEXTUALIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O site do Centro Paula Souza informa que a instituição mantém 218 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), distribuídas por 161 municípios paulistas. As Etecs atendem mais de 212 mil estudantes nos Ensinos Técnicos, Técnico integrado ao Médio e Médio, distribuídos nos 135 cursos técnicos para os setores Industrial, Agropecuário e de Serviços. Este número inclui 5 cursos técnicos oferecidos na modalidade semipresencial, 27 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e 4 cursos técnicos integrados ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A cada processo seletivo (Vestibulinho), é preciso conferir quais os cursos oferecidos em cada unidade.

Por se tratar de cursos profissionalizantes, os cursos modulares do período noturno recebem um grande número de alunos no final da adolescência ou já na idade adulta. Muitos desses alunos trabalham durante o dia e estudam no período da noite, pois veem essa oportunidade como trampolim para uma melhora em seus empregos, para uma qualificação profissional ou mesmo apenas para se aprender um novo ofício.

Para obtenção de êxito na formação do público na modalidade EJA, é necessário conhecer os aspectos culturais, sociais e até mesmo físicos dos discentes para que o processo ensino-aprendizagem, desenvolvido em um público alvo onde temos alunos em início de idade adulta até idosos que influencia diretamente na aquisição de novos conceitos já que a realidade é extremamente diferente por isso a importância da contextualização.

Muitos desses alunos, já na idade adulta, devido as atribuições do cotidiano muitas vezes iniciam a jornada escolar com a motivação e com as condições físicas alteradas necessitando assim que as aulas se utilizem de atividades criativas, dinâmicas e que demonstre na realidade como aquela base pode ser inserida no seu contexto diário. Dentro desse cenário, além das atividades contextualizadas, outras estratégias como as atividades lúdicas podem auxiliar aos alunos, pois as mesmas se utilizam de artifícios que elevam a concentração aumentando assim a motivação e o aprendizado em si. As atividades recreativas físicas e mentais, que acionam e ativam as funções psiconeurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento durante o desenvolvimento do processo como salienta Friedman, 1996.

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e internacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo. (FRIEDMAN, 1996).

Assim sendo podemos entender que a contextualização pode alcançar objetivos superiores aos esperados quando utilizados de forma didática correta, podendo assim transmitir diversos benefícios aos seus alunos. Ao desenvolver o atividades que simulam o dia dia dos alunos nos seus ambientes de trabalho os alunos aprendem a lidar com problemas, situações e dessa forma alcançar respostas aos problemas que possam ocorrer no ambiente de trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que por meio deste artigo pode-se entender e identificar as facilidades no processo de inclusão da contextualização na prática docente e auxiliar como um instrumento na prática diária da EJA. Os benefícios que essa ferramenta concede no processo ensino-aprendizagem dos discentes é amplo e gera um nível de interesse maior, aprimorando o conhecimento esperado e as soluções de empecilhos que separam a convivência diária dos discentes no ambiente de trabalho. Para uma incorporação da contextualização no ambiente educacional, faz-se necessário uma política educacional que garanta a formação do profissional e contribuindo para entender a proposta e relacionar os conteúdos a prática dessas atividades.

Para tal é fundamental que o docente traga fatos comuns ao dia a dia dos alunos e o faça agir, trazendo o seu dia dia para a sala de aula e aproximando cotidiano aos

conhecimento científico necessários para a prática das atividades estabelecidas em sua formação.

Relacionar dinâmicas que simulam os conteúdos trabalhados no ambiente profissional leva o aluno a refletir sobre sua postura em relação ao que espera em seu cotidiano, ao avaliar seu educando dentro da metodologia contextualizada, o professor tem uma noção direta sobre a obtenção ou não dos objetivos traçados no plano docente. Por fim, acredito que no processo educacional toda abordagem é válida como forma de transmissão de conhecimento e o lúdico pode auxiliar e ser um mediador de grande importância na abordagem e compromisso do educador com seus discentes.

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória 1993, Disponível em <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 14 de outubro de 2014.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. : Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996... – Brasília: Senado Federal e Subsecretaria de Edições técnicas, 2002.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/ ministério da educação secretaria de educação fundamental. 3ª edição, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996. GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da educação brasileira/ Paulo Ghiraldelli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, M. N. A educação profissional pela Pedagogia das Competências: para além da superfície dos documentos oficiais. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 80, p. 405-427, 2002.

VISÃO DIAGNÓSTICA SOBRE APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Lígia Maria Trolezi

ligia.trolezi@etec.sp.gov.br

Professora na Etec de Fernandópolis, Fernandópolis, São Paulo, Centro Paula Souza. Orientada pela Prof. Ms. Sonia Maria Valsecchi Ribeiro de Souza.

O presente trabalho ressalta a importância de se constituir nos educadores da EJA uma visão abrangente e diagnóstica para a aplicação da Educação Ambiental nas suas práticas docentes para atender as diferenças de aprendizagem do público de faixa etária heterogênea da EJA, através das pesquisas realizadas com adolescentes do ensino regular, e jovens e adultos da EJA, demonstraram a diferença do contato e a forma de aprendizagem de gerações tão diferentes. A pesquisa revela a importância da educação informal e a participação do ambiente de trabalho para a vivência da Educação Ambiental da clientela da EJA e a necessidade de se trabalhar na forma de projetos e outras abordagens de aprendizagem com esse público.

PALAVRAS-CHAVE: Educação ambiental; Jovens e adultos; Escolas.

This study emphasizes the importance of setting up the Youth Adult Education (YAE) educators a comprehensive and diagnostic view to the implementation of environmental education in their teaching practices to meet the different public from learning of heterogeneous age group of adult education, through research conducted with teenagers of regular education, and youth and adults of the YAE, it was showed the difference contact and the so different way of learning generations. The survey reveals the importance of informal education and the participation of the working environment for the experience of environmental education of the adult education clientele and the need to work in the form of projects and other learning approaches with the public.

Key-words: Enviromental education; Young and adult education; Schools.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) segundo Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96 será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. A idade mínima para o ensino fundamental a partir dos 15 anos e para ensino médio 18 anos. De acordo com Parecer CNE/CEB11/2000 os educandos inseridos na EJA compõem um público heterogêneo, são homens e mulheres que retornam à escola por exigências ligadas ao mundo do trabalho e trazem consigo a marca da exclusão social, e conseqüentemente as repetências e interrupções da vida escolar por diversos motivos. Por esse aspecto, ocorre nessa modalidade escolar o encontro de duas gerações, com vivências diferentes do ensino básico e fundamental, são educandos que estão inseridos no mercado de trabalho e na sociedade onde saber sobre as questões ambientais se faz cada vez mais necessário.

A inserção da Educação Ambiental (EA) é recente quando olhamos para história da educação, com início na década de 90. Em 1991, a Portaria 678/91 do MEC, determinou que a educação escolar devesse contemplar a Educação Ambiental permeando todo o currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. A Portaria 1648/99 do MEC criou o Grupo de Trabalho com representantes de todas as suas Secretarias para discutir a regulamentação da Lei nº 9.795/99 MEC e propôs o Programa PCNs em Ação atendendo às solicitações dos Estados como Meio Ambiente sendo um dos temas transversais, para ser trabalhado no ano 2000.

Percebemos quase uma década para a inserção e aplicação da EA nos níveis e modalidades de ensino. A abordagem no processo ensino aprendizagem para EA se apresenta com visões bem diferentes nos níveis e modalidades de ensino de acordo com a faixa de idade e heterogeneidade do público atendido. Crianças e adolescentes constituem uma visão mais natural e próxima de sua realidade sobre os temas ambientais do que os adultos das gerações nascidas nas décadas de 60 e 70 onde o uso indevido dos recursos era até incentivado, e temáticas como energia, água e preservação do solo não constituíam tamanha relevância como nos dias atuais. Diante desta questão, o objetivo deste trabalho baseia-se na pesquisa com alunos de gerações diferentes para diagnosticar as formas de contato, a visão e a aprendizagem de jovens e adultos no que envolve Educação Ambiental.

O trabalho justifica-se pela necessidade dos educadores da EJA constituírem uma visão diagnóstica para abordagens diversificadas na inserção ou aplicação da Educação Ambiental nas suas práticas docentes. A introdução deste tema nas práticas escolares é uma obrigação das escolas, porém, muitas não sabem como fazê-lo. Conforme documentos oficiais do governo federal Mello e Trajber, 2007, (PCN, 1997) a Educação Ambiental traz aos estudantes conhecimentos para que estes exerçam sua cidadania de maneira plena, reconhecendo seus direitos e conscientes de seu papel na sociedade contemporânea, o que vai de encontro com o objetivo da EJA.

O estudo realizado demonstrou a necessidade dos alunos da EJA, em outras formas de apresentação da Educação Ambiental na escola, que apresenta os temas ambientais em sua maioria de forma meramente expositiva, e a vivência dessa aprendizagem restringem-se ao ambiente de trabalho e a Educação Informal, diferente dos adolescentes do ensino regular que desde o ensino básico participam de projetos ambientais.

1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental (EA) é um tema muito discutido atualmente devido ao fato de se perceber a necessidade de uma melhoria do mundo em que vivemos, pois é facilmente notado que estamos regredindo cada vez mais em nossa qualidade de vida de um modo geral (GUEDES, 2006).

Caracteriza-se, então, a EA como um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros (DIAS, 1992). A EA deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária (JACOBI, 2003).

Branco (2000) conceitua EA como todo processo cultural que objetiva a formação de indivíduos capacitados a coexistir em equilíbrio com o meio, despertando para o problema da degradação crescente do meio ambiente.

A EA como eixo transversal no projeto político-pedagógico pode contribuir para que se contemplem ações coletivas que resultarão na elaboração de uma proposta partilhada

entre diferentes disciplinas escolares (RUA e SOUZA, 2010). Nesta perspectiva, a Escola tem que assumir seu papel para contribuir com a transformação da sociedade, despertando a consciência ambiental em crianças e jovens (SILVA e TAVARES, 2009). A EA no âmbito escolar deve ser tratada como científica, ou seja, deve ser uma disciplina que atue separadamente de outras (CUBA, 2010).

1.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no artigo 225, inciso primeiro do VI parágrafo, a Educação Ambiental deve ser abordada em todos os níveis de escolaridade, para promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e conscientização pública para a preservação do meio ambiente. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente correto, bem de uso comum do povo e essencial a sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defender e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Em 1991, a Portaria 678/91 do MEC, determina que a educação escolar devesse contemplar a Educação Ambiental permeando todo o currículo dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Foi enfatizada a necessidade de investir na capacitação de professores. A Portaria 2421 /91 do MEC, institui em caráter permanente um Grupo de Trabalho de EA com o objetivo de definir com as Secretarias Estaduais de Educação, as metas e estratégias para a implantação da EA no país e elaborar uma proposta de atuação do MEC na área da educação formal e não formal. Em 1997, acontece a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs com o tema “Convívio Social, Ética e Meio Ambiente”, onde a dimensão ambiental é inserida como um tema transversal nos currículos do Ensino Fundamental.

Em 1999, é promulgada a Lei nº 9.795/99 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, regulamentada após as discussões na Câmara Técnica Temporária de Educação Ambiental no CONAMA. A Portaria 1648/99 do MEC cria o Grupo de Trabalho com representantes de todas as suas Secretarias para discutir a regulamentação da Lei nº 9.795/99 MEC e propõe o Programa PCNs em Ação atendendo às solicitações dos Estados como Meio Ambiente sendo um dos temas transversais, com aplicação no ano seguinte. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Educação Ambiental é um tema transversal e deve ser estudado em todas as séries e em todas as disciplinas, ou seja, independente da ciência que o professor lecionar ele

deverá inserir temas ambientais.

A Educação Ambiental é um tema que deve ser obrigatoriamente abordado nas escolas, é multidimensional, ou seja, pode ser inserido em todas as disciplinas, pois o aprendizado está fundamentado na interdisciplinaridade, todas as matérias podem ser desenvolvidas na Educação Ambiental, ou vice-versa:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida de despertar. (Morin 2006, p.39).

Sem dúvida, a Educação Ambiental é indispensável na evolução educacional da sociedade que esta se adaptando a nova realidade mundial, que pede um comprometimento com o crescimento sustentável, sempre preservando os recursos naturais:

O ensino sobre o meio ambiente deve contribuir principalmente para o exercício da cidadania, estimulando a ação transformadora além de buscar aprofundar os conhecimentos sobre as questões ambientais de melhores tecnologias, estimular a mudança de comportamento e a construção de novos valores éticos menos antropocêntricos. (Vilmar Berna 2004 p.18).

Segundo Morin (2006) os problemas ambientais ocorrem em nível global, no entanto, também ocorre na escala local, quer dizer, está interligado, por isso é preciso abordar o global nas partes, assim como inserir as partes no global, que é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo interretroativo ou organizacional. Dessa maneira uma sociedade é mais que um contexto é o todo organizador de que fazemos parte. O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo.

2. APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

É evidente a diferença na forma e no ritmo de aprendizagem quando comparamos o aprendizado entre adolescentes e adultos. Há um mito de que adultos possuem menor capacidade de aprendizado, uma vez que comparados às crianças e adolescentes, não apresentam a capacidade de “efeito esponja”, ou seja, não absorvem ou adsorvem o conhecimento de forma integral.

Outro aspecto irrenunciável é o de assumir a EJA como um campo de conhecimento específico, o que implica investigar, entre outros aspectos, as reais necessidades de aprendizagem dos sujeitos alunos; como produzem/produziram os conhecimentos que portam, suas lógicas, estratégias e táticas de resolver situações e enfrentar desafios; como articular os conhecimentos prévios produzidos no seu estar no mundo àqueles disseminados pela cultura escolar; como interagir, como sujeitos de conhecimento, com os sujeitos professores, nessa relação de múltiplos aprendizados; de investigar, também, o papel do sujeito professor de EJA, suas práticas pedagógicas, seus modos próprios de reinventar a didática cotidiana, desafiando-os a novas buscas e conquistas. Moura¹ apud Mathieu, Belezia (2015, p.72).

A modalidade EJA atende um público com faixa etária heterogênea, são jovens e adultos que interromperam os estudos por diversas razões. Segundo Moura:

Cabe destacar o conteúdo de preconceito que carrega essa expressão ‘faixa etária regular’, tão utilizada entre nós, inclusive no meio educacional. Essa expressão traz consigo uma ideia que culpabiliza os jovens e adultos que não tiveram acesso à escola, em geral por falta de oferta pública e gratuita, ou por sua inadequação às características desses jovens. Assim, por contraste com a ideia de faixa etária ‘regular’, esses indivíduos são estereotipados como irregulares, à margem, como se isso fosse opção, responsabilidade e culpa deles. [...]

Além disso, a sociedade Brasileira não conseguiu reduzir as desigualdades socioeconômicas e as famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e

o tempo da escola. Assim, mais tarde, esses jovens retornam, via EJA, convictos da falta que faz a escolaridade em suas vidas, acreditando que a negativa em postos de trabalho e lugares de emprego se associa exclusivamente à baixa escolaridade, desobrigando o sistema capitalista da responsabilidade que lhe cabe pelo desemprego estrutural. Moura apud Mathieu, Belezia (2015, p.71).

Diante dessa reflexão, podemos analisar que o convívio em sala de aula de um público tão heterogêneo, implica em conceitos e princípios arraigados pela geração a qual o indivíduo pertence. Evidencia então a dificuldade de adultos em lidar com saberes novos, inseridos na educação e que não foram vivenciados por eles, como a Educação Ambiental.

A Escola tem que assumir seu papel para contribuir com a transformação da sociedade, despertando a consciência ambiental em crianças e jovens.

O público mais jovem se familiariza com os termos ambientais, porém sua não permanência na escola na faixa etária regular não possibilitou seu aprendizado epistemológico no que se refere aos assuntos ambientais, assim como os adultos seu conhecimento parte da educação informal, ou seja, na sua vivência social e cultural. Os adultos trazem essa educação de forma muito intensa já que é resultado de suas experiências sociais, culturais, e do ambiente de trabalho. Faz-se necessário a avaliação dos educadores da EJA, em conhecer o desenvolvimento biossocial, cognitivo e psicossocial de nossos educandos para assim estabelecer uma aprendizagem significativa no que tange os temas transversais como a Educação Ambiental.

Segundo Berger apud Mathieu, Belezia (2015, p.74-75 adaptado), no processo de desenvolvimento humano, as características nos aspectos biossocial, psicossocial e cognitivo se diferenciam na faixa de 20-40anos e doas 40-60anos de idade. Faixa etária de 20 aos 40 anos, no aspecto biossocial apresenta vigor e vitalidade física, bom funcionamento dos órgãos e acuidade sensorial. No aspecto cognitivo, o indivíduo assume responsabilidade com a família, emprego, estabelece parâmetros

e pontos de vista. Foco na carreira profissional e na formação universitária. Maior interação profissional, social e profissional, essas experiências influenciarão no desenvolvimento cognitivo. Faixa etária de 40 aos 60 anos, no aspecto biossocial, ocorre mudanças fisiológicas e perda da capacidade e vigor físico trazem transtornos.

No aspecto cognitivo, predomina inteligência cristalizada que segundo Berger, refere-se ao domínio de conhecimento e a capacidade de adaptação, podendo ser estimulada por processo de ensino-aprendizagem e das experiências vivenciadas. Em função desta reflexão realizou-se uma pesquisa a campo, em três escolas: ETEC Fernandópolis nos cursos técnicos de Açúcar e Álcool, Mecanização Agrícola, Administração, (público de 16-50anos) e ETIM-Química (14-15 anos); Escola Estadual “Prof.^a Uzenir Coelho Zeitune” e “Prof.^a Enny Tereza Longo Fracaro”, do município de Votuporanga nas classes de EJA (público de 19-48 anos), total de 188 alunos pesquisados.

A pesquisa foi realizada na forma de questionário com questões de múltipla escolha, aplicado nas séries de ensino regular e nas classes de EJA, no período de junho/julho de 2015. Além da faixa etária e modalidade de ensino, foram avaliados itens como o contato com a Educação Ambiental; abordagens pedagógicas destes temas na escola; e vivências em relação a outros meios como mídias e ambiente de trabalho.

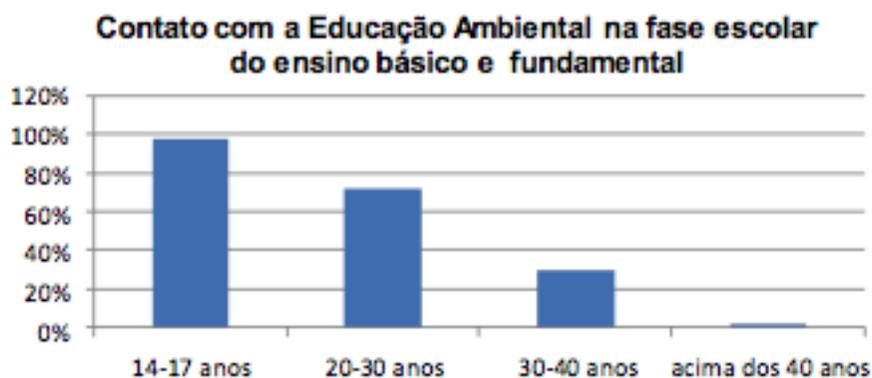


Figura 01. Vivencia escolar com os temas ambientais.

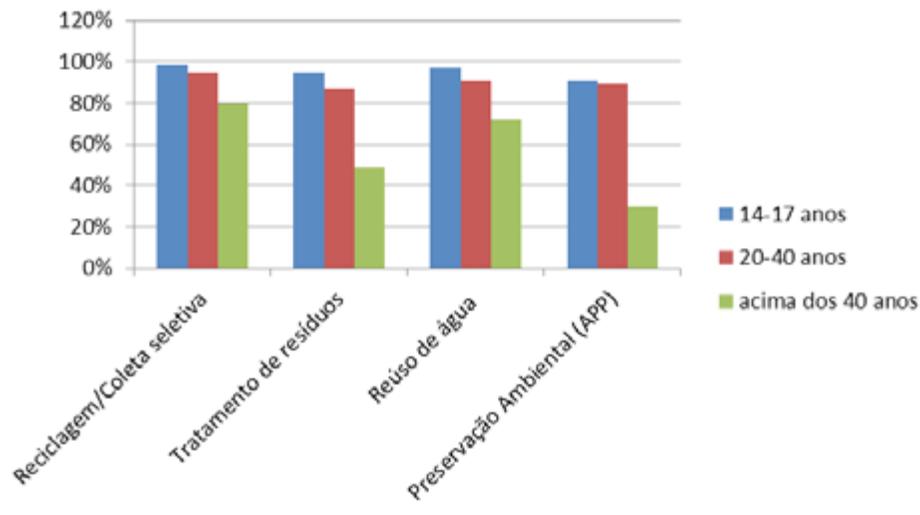


Figura 02. Conhecimento dos termos ambientais.

Abordou-se também a forma de inserção ou aplicação da Educação Ambiental na escola conforme Figura 03:

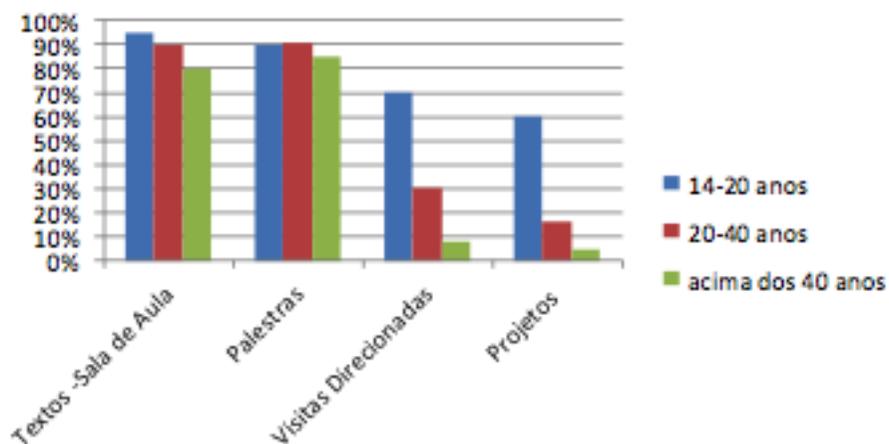


Figura 03. Práticas pedagógicas na Educação Ambiental.

Na Figura 04, a pesquisa identifica a importância da escola (Educação Formal), das mídias de comunicação e do ambiente de trabalho (Educação Informal) na prática da Educação Ambiental.

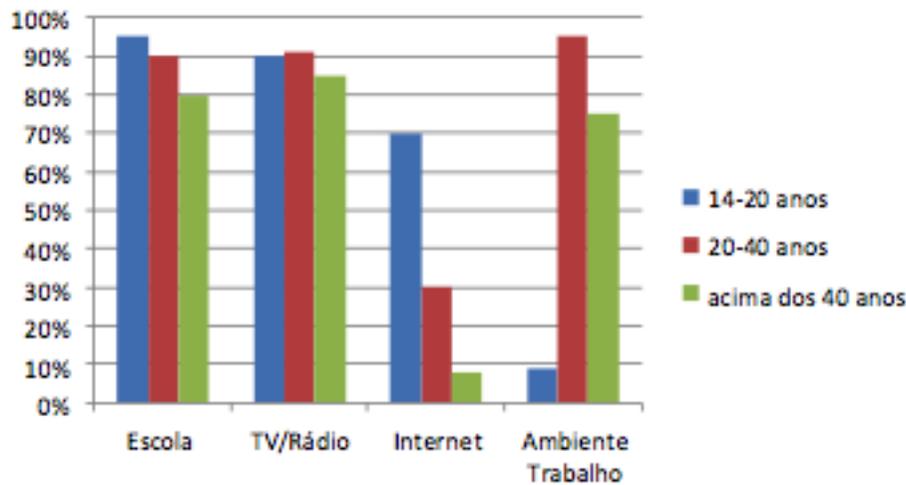


Figura 04. Conscientização e formação de conduta em relação à Educação Ambiental por diversos meios.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela que em função da faixa etária, nossos educandos não tiveram contato efetivo na fase escolar com os temas ambientais, ao contrário dos educandos mais jovens que advém da geração da inserção da Educação Ambiental na Educação em todos os níveis de ensino. Atenção para a contribuição dos meios de comunicação pela educação informal e ressalta o papel da escola na consciência ambiental dos jovens em idade regular, por ser parte de sua realidade. Também evidencia a importância do trabalho na vivência prática da postura ambiental na faixa etária dos adultos e a necessidade da escola de implantar práticas pedagógicas mais significativas com os educandos adultos, normalmente trabalhadores, cuja Educação Ambiental restringe-se apenas a informações textuais e expositivas.

Jacques Delors (1998) aponta os quatro pilares para orientação de uma aprendizagem continuada, dentre eles, o pilar Aprender a Viver Juntos, se refere à tendência de participar e cooperar em projetos com a inclusão de temas/eixos transversais contemplados nos PCN`s na forma de projetos interdisciplinares. Novas práticas pedagógicas como Projetos, Estudos de Casos, Métodos de solução de problemas, seminários, Jogos, Trabalhos em Equipes, Pesquisa-ação entre outras práticas que atende à pedagogia diferenciada são recomendadas para suprir as necessidades e dificuldades de uma aprendizagem significativa na área Ambiental.

REFERÊNCIAS

Brasil. Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. Lei nº 9.394/1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 28/06/2015.

Brasil. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB nº11/2000: Diretrizes curriculares para a educação de jovens e adultos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf. Acesso em 28/06/2015.

BELEZIA, E.C; MATHIEU, E.R.O. Formação de jovens e Adultos: (Re) Construindo a prática pedagógica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

CARVALHO, I.C. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 3ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MELLO, S.S de , Trajber, R, (coord.). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola / . – Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007

BRANCO, S. M. O meio ambiente em debate. São Paulo: Moderna, 2000.

CUBA, M A. Educação ambiental nas escolas. ECCOM, v. 1, n. 2, p. 23-31, jul./dez., 2010

DIAS, G.F. Educação ambiental, princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1992.

GUEDES, J. C. de. S. Educação ambiental nas escolas de ensino fundamental: estudo de caso. Garanhuns: Ed. do autor, 2006.

GUIMARÃES, M. A dimensão ambiental na educação. Campinas: Papirus, 1995

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003.

SILVA, C. C. da M. B. TAVARES, H. M. Educação ambiental e cidadania. Revista da Católica, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 149-158, 2009.

BERNA, Vilmar. Como fazer educação ambiental. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TEMA transversal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 30/06/15.

INCLUSÃO SOCIAL EJA – EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS

Luciano Tronchini

lutronchini@gmail.com

Professor na Etec Elias Nechar, Catanduva, do Centro Paula Souza. Orientado por Prof. Ms. Lidia Ramos Souza Aleixo.

A discussão sobre a inclusão de alunos com necessidades educacionais na modalidade da Educação para Jovens e Adultos (EJA) vem ganhando maior dimensão nos últimos tempos, principalmente no que diz respeito a uma didática de ensino eficaz para atender os alunos. O objetivo deste trabalho é discutir mais profundamente esse assunto tão importante, entender se a metodologia aplicada hoje atende a essas necessidades, analisando a influência da autoestima no processo de aprendizagem, principais dificuldades enfrentadas por eles para continuar a sua escolaridade. Buscar na literatura referente, mostrar que a inclusão social integrada à metodologia da EJA pode proporcionar ferramentas inovadoras na construção do conhecimento.

Palavra-chave: Inclusão social; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Andragogia; Educação inclusiva.

La discusión acerca de la inclusión de los alumnos con necesidades educativas en la modalidad de educación de Jóvenes y Adultos (EJA) ha aumentado en últimos tiempos, especialmente en lo que se refiere a una instrucción didáctica eficaz para atender a los estudiantes. El objetivo de este trabajo es discutir más a fondo un tema tan importante para comprender si la metodología aplicada hoy se ocupa de dichas necesidades mediante el análisis de la influencia del autoestima en el proceso de aprendizaje, las principales dificultades que enfrentan para seguir sus estudios. Buscar en la literatura específica, demostrar que la inclusión social juntamente a la metodología de la educación de adultos puede proporcionar herramientas innovadoras en la construcción del conocimiento.

Palabra clave: La inclusión social; Educación de Jóvenes y Adultos (EJA); Andragogía; La educación inclusiva.

INTRODUÇÃO

Na atualidade retomar os estudos é uma necessidade, visto que o mercado de trabalho busca cada vez mais por qualificação. Com isso, muitos indivíduos considerados “terceira idade”, que devido a problemas financeiros e outros, abandonaram seus estudos no período avaliado como adequado para sua idade/série e retomam seus estudos. Há ainda, indivíduos jovens, que necessitam trabalhar e optam pela Educação de Jovens e Adultos, exigindo do educador uma nova percepção educativa tendo em vista a realidade social, psicológica e biológica desse público.

Sendo assim, um dos motivos que justificam o presente estudo foi, inicialmente, investigar como as teorias definem o desempenho na modalidade educacional do sistema EJA, por meio de conceitos da Andragogia, que se remete a uma educação voltada para adultos.

Estudando a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, vê-se as mudanças que vêm ocorrendo no longo dos anos, nas leis e ao perfil dos alunos que buscam essa modalidade. Percebe-se, então, que se necessita de mudanças em vários setores, entre elas, na metodologia e na inclusão social escolar, que deve permear a qualidade do material didático utilizado na EJA. Este, quando bem elaborado, possibilita ao aluno a auto avaliação constante do seu progresso e de suas dificuldades. Esta é uma forma de provar que o ensino nesta modalidade pode mudar e as ferramentas que o mesmo proporciona podem ser inovadoras na construção do conhecimento.

Sabe-se que a EJA foi criada com a finalidade de reverter a situação de milhares de jovens e adultos que não conseguiram ou tiveram acesso à educação básica no período regular ou em tempo adequado. Conforme se constata no Capítulo II, Seção V, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que, assim, regulamenta:

“Art.37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”

Analisando a citação acima se percebe que dentro de uma sala de EJA, o desafio do educador é buscar metodologias adequadas de inclusão para todos que tem direito, de maneira que seu trabalho possa ser entendido e diferenciado dos demais, a fim de contribuir para a ampliação dos conhecimentos trazidos pelo educando e encontrar

elementos que auxiliem o processo de aprendizagem. Diante deste cenário iremos traçar uma relação entre a formação e a qualidade do mediador desta tarefa.

O presente estudo aborda sobre o histórico da inclusão e alguns conceitos a serem destacados, partindo ainda para uma visão sobre as definições e origens de algumas necessidades para que ocorra o processo de ensino aprendizagem e faremos uma breve abordagem sobre relatos vividos em salas de aula.

1 – CONCEITOS IMPORTANTES PARA A HISTÓRIA DA EJA

1.1 - ANDRAGOGIA

O termo é antigo, e sua definição no grego é andros – adulto e gogos – educar, mas sua aplicação no cenário corporativo é relativamente recente. Tratada por muitos como ciência, metodologia ou simplesmente, arte de ensinar adultos, a Andragogia tem ganhado força na atualidade e contribuído fortemente no desenvolvimento de pessoas. Sua maior colaboração nesse sentido é a quebra do paradigma de que o professor detém todo o conhecimento e deposita o que sabe nos alunos. A Andragogia procura estabelecer uma nova forma de tratar o aprendizado do adulto, de maneira extremamente dinâmica. É a real junção entre o aprender formal e o informal.

Dessa forma, o conceito primário de educação sofre mudanças e deixa de ser restrito ao processo ensino-aprendizagem em espaços escolares formais, transpondo os muros da escola, para diferentes e diversos ambientes. Libâneo (2005) afirma:

De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não escolares. Há intervenção pedagógica na televisão, no rádio, nos jornais, nas revistas, nos quadrinhos, na produção de material informativo, tais como livros didáticos e paradidáticos, enciclopédias, guias de turismo, mapas, vídeos e, também, na criação e elaboração de jogos, brinquedos. (LIBÂNEO, 2005, p. 27).

Este fator é capaz de explorar toda a sua capacidade crítica, a sua competência, a sua relação com o social e o cultural, a sua experiência de vida e, principalmente, o seu potencial colaborativo nas atividades coletivas de reconstrução do conhecimento.

Paulo Freire mostra de uma maneira clara a preocupação com a contextualização da educação às necessidades de sua clientela e ao desenvolvimento da consciência crítica através da educação.

A proposta de Freire, com seu método de alfabetização, impactou o ensino de jovens e adultos. Pela primeira vez na história a educação para adultos era pensada de forma a conscientizar o homem, despertar para uma reflexão crítica das coisas que o rodeiam e não só ensinar a ler e escrever com intuito de atender a demanda do mercado vigente.

No século XX, mais precisamente na década de 70, a palavra ganhou uma dimensão corporativa, quando Malcolm Knowles ampliou o conceito e definiu a Andragogia como a arte ou ciência que estuda a educação para adultos com o objetivo de atingir uma aprendizagem efetiva, capaz de desenvolver habilidades, conhecimentos e competências.

É atribuída a Knowles também a ideia de que pessoas adultas aprendem mais facilmente em ambientes confortáveis, flexíveis, informais e livres de ameaças. Não há como negar que quando o lugar e o clima são agradáveis e propícios para a aprendizagem, os resultados tornam-se mais significativos. É isso o que a Andragogia propõe: o aprendizado maduro e consciente, fluindo em um contexto plenamente favorável.

Posto isto, a educação torna-se de vital na vida humana, é um valor agregado ao indivíduo que não tem limites, ou seja, todos podem e devem aprender.

A escola incluirá o aluno quando se transformar em um lugar da razão crítica, da argumentação, do diálogo intercultural, da democratização do saber.

1.2- EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA JOVENS E ADULTOS

O conceito de inclusão envolve um repensar radical da política pública educacional e da prática pedagógica e reflete um jeito de pensar fundamentalmente diferente sobre as origens das aprendizagens e das dificuldades de comportamento. A educação inclusiva é uma abordagem de desenvolvimento das necessidades de aprendizagem para jovens e adultos, especialmente aqueles que são ou estão vulneráveis à marginalização e exclusão.

De acordo com a Declaração de Hamburgo, a educação de jovens e adultos torna-se mais que um direito, é a chave para o século XXI. É consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação da sociedade.

Segundo Oliveira (1999, p. 62-63) o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente. O adulto tem mais experiência e conhecimento sobre a vida, sobre o mundo e sobre as relações inter e intrapessoais, possibilitando maior reflexão e compreensão sobre os temas abordados, sobre o conhecimento, sendo o agente construtor deste processo de ensino-aprendizagem. Neste momento, onde se insere a educação, é que se possibilita o real exercício de cidadania.

Na Constituição Federal no seu art. 208 – a Educação de Jovens e Adultos tem a primeira referencia à garantia de ensino publico fundamental obrigatório, inclusive “para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

A EJA na modalidade da Educação Básica irá considerar entre outras: as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias desse aluno. Além disso, considerará:

- **O Princípio da Equidade** (a distribuição especifica dos componentes curriculares a fim de propiciar um modelo igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação);
- **O Princípio da Diferença** (a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores);

- **O Princípio da Proporcionalidade** (a disposição e adequação dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas garantam aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica);
- **A Proposição de Modelo Pedagógico Próprio** (apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais).

É válido lembrar que, o aluno da Educação de Jovens e Adultos já desenvolve os conteúdos, se envolvendo nas práticas sociais do seu dia-a-dia. Falta-lhe sistematizar. A dimensão política e social deve fazer parte das discussões em aula a partir do momento em que o interesse do jovem e do adulto, trabalhador ou não, é estar engajado e participante no contexto social e cultural em que está inserida.

2 – DESENVOLVIMENTO

A escola incluirá o aluno quando se transformar em um lugar da razão crítica, da argumentação, do diálogo intercultural, da democratização do saber, com a função de propiciar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, priorizando valores e atitudes, como a solidariedade humana e o respeito às diferenças.

“Tudo em função da vida profissional, da cidadania, da vida cultural, tudo para ajudar na melhoria das condições de vida e de trabalho e para a construção da sociedade democrática.” (Libâneo, 2003, p.24).

É importante destacar que a escola precisa contribuir para que a pessoa viva melhor, pois não tem sentido o ser humano investir em algo que não se converta em melhoria de qualidade de vida. Além disso, para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que ocorra um aprendizado, em que a escola deve dispor de professores com metodologias e estratégias educativas que favoreçam a aprendizagem significativa e que desperte a curiosidade e a criticidade, formando alunos produtores de conhecimento; além da utilização de instrumentos teóricos que permitam aos alunos compreender, enfrentar e resolver as questões colocadas em sua vida diária.

O aluno da EJA está inserido em uma sociedade repleta de transformações, onde os papéis desempenhados não suprem mais a necessidade do mercado e é necessário se pensar na educação/formação deste aluno para atuar num mundo tecnológico, onde as relações são determinantes na sua inclusão neste mundo do trabalho, pois não basta apenas fazer as atividades que sempre desempenhou, hoje é necessário que tenha o domínio das tecnologias, das relações interpessoais e dos conhecimentos prévios para o desenvolvimento de qualquer função, como ler, interpretar, resolver problemas e ter um novo comportamento econômico, social e político.

Frente a este conceito que se tem a necessidade de pensar nesta educação baseada na necessidade desse jovem e desse adulto, e neste caso o jovem/adulto trabalhador, com sua rotina de trabalho e novas possibilidades de aprendizagem através da busca por conhecimento e uma formação mais eficaz, neste cenário, a educação ofertada pela escola formal, com seus horários e formatos já definidos não se adéquam a necessidade do trabalhador, devendo demandar um novo olhar, uma busca alternativa e com qualidade para atender as necessidades deste trabalhador a partir de princípios andragógicos, onde a autonomia sobre esta formação está intimamente ligada à busca de conhecimento.

Conhecimento este que traz embutido os seus valores, desejos, expectativas e necessidade de transformação, pois o adulto ora é professor e ora aprendiz. Por este motivo o professor é considerado um mediador e não mais a figura principal deste processo, pois esses homens e mulheres que buscam transformação, mudanças e crescimento, nos ensinam que somos seres inacabados, mutáveis e passíveis de erros e acertos, nos tornando sujeitos capazes de produzir e transformar o mundo tal qual está posto.

3- EXPERIÊNCIAS OBSERVADAS EM SALA DE AULA – RELATOS:

Já observamos que a EJA é uma modalidade de ensino de muita importância para os que dela necessitam, tendo em vista o que se propõe: ação de resgate de indivíduos marginalizados pelo mercado de trabalho. Uma situação delicada, numa sociedade que exige dos seus trabalhadores conhecimentos buscados através da escola, a qual lhes foi negada anteriormente. Mesmo com dificuldades advindas de diversos fatores, as pessoas, por motivos adversos, procuram o sistema de ensino EJA para atender necessidade de voltar a estudar.

Rompendo, na maioria das vezes, com uma herança educacional de analfabetos (familiar) com a passividade de continuar na ignorância e, aceitar passivamente as funções as quais não requer instrução, estes sujeitos buscam desafios. Nesse sentido, a escola se traduz como instituição importante e necessária nesta busca pelos alunos.

[...] a escola pública ainda é um dos espaços mais democráticos colocados à disposição da classe trabalhadora. [...]. Ao falarmos da EJA é preciso pensar nesta perspectiva: o de possibilitar que jovens e adultos recuperem sua cidadania e voltem a ser protagonistas de seus projetos enquanto cidadãos/trabalhadores. (PERIPOLLI, 2009, p. 50).

Com base neste entendimento, uma metodologia diferenciada que utilizo, com grandes resultados é a metodologia ativa. Levo os alunos para a biblioteca ou laboratório de informática e com minha supervisão e lançamos pesquisa sobre o assunto que será abordado futuramente. Ao tomarem conhecimento dos conceitos e aplicações a compreensão se faz com mais presentes.

R(01) – Em 2014, tive uma aluna de 27 anos, trabalhadora rural, sem formação nenhuma. Não tinha terminado o ensino médio e decidiu fazer curso técnico. Matriculou-se à tarde no modular e concomitantemente à noite no EJA. Sem saber dos fatos, logo percebi as dificuldades que a aluna J tinha com entendimento de vários conceitos necessários para os conteúdos trabalhados. Prontamente, decidi colaborar com um atendimento diferenciado, ou seja, procurando dar mais atenção na resolução dos problemas e interagindo no processo de ensino aprendizagem. Logo, esta aluna tomou gosto pelo conhecimento e tornou-se uma grande pesquisadora do assunto que, incentivou o interesse ao conteúdo. Ao fim do curso, ela estava trabalhando na área e atualmente cursa graduação na área.

R(2) – Em certa ocasião, me foi atribuído aulas de desenvolvimento de trabalho de conclusão de curso. Nesta sala havia um determinado aluno de idade avançada e condições limitadas de relacionamentos interpessoais. Na metade do semestre, fui procurado pela coordenadora do curso e esta me informou que o referido aluno queria trancar o curso, por não querer apresentar o TCC. Após uma avaliação diagnóstica, constatei que o aluno tinha todas as competências para se formar. O trabalho dele estava alicerçado a atividade profissional que este desempenhava a mais de 20 anos. Onde toda prática e conhecimento ele dominava, somente não tinha entendimento do conceito. Através, de uma intervenção premeditada, pedi

para que ele fosse até a minha sala, chegando lá, convidei o a entrar e perguntar sobre o assunto do trabalho. Na presença de outros alunos, ele começou a fornecer as informações que ele dominava e acreditava que estava tirando minhas dúvidas. E com confiança e entusiasmo respondeu e fez uma grande apresentação ao final de sua explanação todos aplaudiram, pois estavam compactados com a abordagem. Em meio à euforia, perguntei:

- E aí Seu D, doeu apresentar seus conhecimentos para minha sala?

E ele, introspectivamente respondeu:

- Não professor, até me deu satisfação, estou pronto para apresentar meu TCC.

R(3) - Recebemos um aluno de idade e bagagem pessoal, um tanto preocupante, filho, irmão de membros de um grupo de pessoas que praticavam atividades fora da lei pelo contexto social. Este mesmo aluno, já era um ex-detento da instituição CASA, a princípio foi motivo de atenção. Com o passar, dos dias este aluno, foi se transformando e mudando sua postura e conduta. À volta á escola aflorou um interesse sobre os produtos obtidos pelas reações químicas. Neste momento, uma empresa veio em busca de profissionais, com minha indicação ele realizou os testes e conseguiu emprego, hoje ele se destaca na empresa e está construindo com a família.

Todos esses relatos de sucesso só foram possíveis com o total apoio de uma escola que deixa de ser mais um espaço de transmissão de conhecimento, para se tornar atuante na função de preparar cidadãos para a vida em sociedade.

4 - CONCLUSÃO

Este trabalho trouxe à reflexão, um pouco da realidade, da Educação para Jovens e Adultos. Sabe-se que existe uma grande dificuldade, no fato de que levar a escola para adultos e jovens que não a frequentaram na idade ideal, é uma tarefa árdua, não bastando a simples oferta de vagas.

A escola deve estar bem estruturada, com professores capacitados e orientados para receberem diferentes perfis de alunos, além disso, uma política de manutenção do

estudante no banco escolar é fundamental para o sucesso da empreitada. A educação deve ser encarada como um fator de mudança nos rumos da sociedade, como um elemento de libertação dos excluídos, que adquirem uma visão crítica do contexto social, buscando algo além de um simples “sobreviver”.

Nesse contexto, a educação só pode ser vista como elemento de inclusão, não somente influenciando na melhora da situação econômica, na medida em que pode propiciar novas oportunidades, mas também como elemento de libertação dos limites impostos pela falta de cultura que impede a compreensão do organismo social e a valorização de bens culturais.

O interesse pela informação transforma o aluno que vê na escola, um meio para a liberdade, afim de, participar em um mundo em que as coisas passam, agora, a serem entendidas. A escola, para esses alunos, significa adquirir conhecimento (formal) para lhes proporcionar uma vida melhor em sociedade. Uma vida digna. Voltarem a serem cidadãos. Tudo isso nos remete ao entendimento do conceito de inclusão.

REFERÊNCIAS

BELLAN, Z. S., *Andragogia em Ação: Como ensinar adultos sem se tornar maçante*, Santa Bárbara d Oeste, SOCEP Editora, 2005.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acesso em 19 jul. 2015.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS. (v: 1997: Hamburgo, Alemanha). Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília: SESI/UNESCO, 1999. 67p.

FREIRE, P., *Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 3. ed. São Paulo, Moraes, 1980.

HAMZE, A., *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos*, Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/andragogia.htm>> Acesso em 21 jul. 2015.

LIBÂNEO, J. C., O sistema de organização e Gestão da Escola: teoria e prática. In. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, J. C., Pedagogia e Pedagogos, para quê. São Paulo, Cortez, 2005.

LOCATELLI, Adriana Cristine Dias. Fundamentos da Educação Especial: pedagogia/ Adriana Cristine Dias Locatelli, Edilaine Vagula. – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

OLIVEIRA, A. B., Gestão Andragógica: Tornando a empresa adulta, Belo Horizonte, UNA, 1999.

PERIPOLL, Odimar João. Expansão do Capitalismo na Amazônia: a mercantilização da terra e da escola. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

CRIAÇÃO DE ROTEIROS DE APRENDIZAGEM DE INFORMÁTICA NOS CURSOS DE MODALIDADE EJA

Máira Salles Báz

maira.baz@etec.sp.gov.br

Professor na Etec Dr. Demétrio Azevedo Júnior, Itapeva e na Etec de Itararé, Itararé, Centro Paula Souza. Orientado por Prof. Dr.hc Geraldo José Sant´Anna.

A tecnologia é hoje um recurso indispensável para o dia a dia de todos, como efetuar uma operação bancária ou fazer uma ligação. Torna-se então necessário o ensino da mesma nos cursos de modalidade EJA para aproximar os alunos à realidade do mercado de trabalho. Com isso, desenvolveu-se um roteiro de aprendizagem, com base nas características das gerações em que se encontram, para facilitar aos alunos o contato com o computador. O objetivo deste trabalho é demonstrar as dificuldades do adulto com a aprendizagem e como pode ser feita a inclusão digital dos mesmos. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, envolvendo o levantamento bibliográfico preliminar, seguido de um modelo de roteiro aplicado em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia; Informática; Gerações; Roteiros.

The technology is now an indispensable resource for day by day of everyone ,how to perform a banking or make a call . it then becomes necessary teaching the same in the forms of the courses EJA to approximate the students to the labor market reality. Therewith, develops a learning script, based on the characteristics of generations which they are, to facilitate students contact with the computer. The objective of this task is to demonstrate the difficulties of the adult with the learning and how it can be made the digital inclusion. The methodology used is the bibliographic, involving the bibliographic preliminary, followed by a model of script applied in the classroom.

KEY WORDS: *Technology; Information technology; Generations; Scripts.*

INTRODUÇÃO

Hoje, vive-se num mundo dominado pela informação e por processos que ocorrem de maneira muito rápida e imperceptível. O uso da tecnologia para acessar essas informações tornou-se indispensável.

O acesso à internet em domicílios chegou a 85,6 milhões de brasileiros, o equivalente a 49,4% da população, segundo indica pesquisa divulgada pelo IBGE. Os dados são referentes a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2013. A pesquisa considerou o acesso de pessoas acima de 10 anos de idade que utilizaram a internet pelo menos uma vez em um período de 90 dias anteriores à realização das entrevistas.

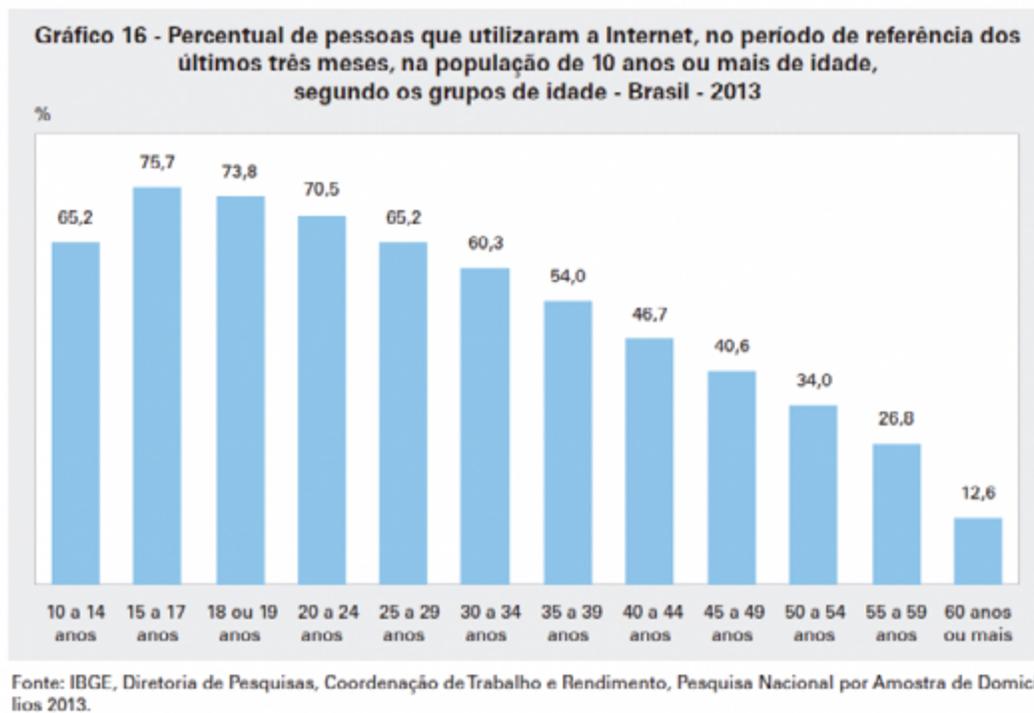


Gráfico 1 - Percentual de pessoas que utilizaram a internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - Brasil - 2013

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2013

Em relação a faixa etária, os jovens entre 15 a 17 anos têm maior percentual de acesso à internet, com 75,7%. Os idosos com mais de 60 anos têm o menor percentual de acesso, com apenas 12,6%.

Portanto, pode-se observar que a utilização da internet no Brasil diminui conforme a idade aumenta, demonstrando assim, que pessoas com mais idade tendem a não utilizar a internet e a tecnologia dentro de seus domicílios.

O ensino de informática para adultos difere de muitos aspectos dos princípios difundidos para o ensino de crianças e adolescentes, haja vista que este não possui familiaridade com a tecnologia por conta de diversos fatores, a serem descritos no decorrer deste artigo.

Malcolm Knowles definiu a Andragogia como a arte ou ciência que estuda a educação para adultos com o objetivo de atingir uma aprendizagem efetiva, capaz de desenvolver habilidades, conhecimentos e competências.

Este artigo tem como objetivo descrever roteiros que facilitem a aprendizagem de informática para alunos do curso da modalidade EJA, dissertando sobre as dificuldades de aprendizagem do adulto, características tecnológicas das gerações baby boomers (termo em inglês que pode ser traduzido livremente para o português como “explosão de bebês”, fenômeno social ocorrido nos Estados Unidos no final da Segunda Guerra, ocasião em que os soldados voltaram para suas casas e conceberam filhos em uma mesma época) e X (geração que surgiu em meados da década de 60 e estendendo-se até o final dos anos 1970, vivenciando no Brasil acontecimentos como as “Diretas Já” e o fim da ditadura), demonstrando exemplos de roteiros de aprendizagem de informática e apresentação de resultados alcançados com a utilização destes roteiros.

A metodologia utilizada neste artigo é a pesquisa bibliográfica, envolvendo o levantamento bibliográfico preliminar, análises e consultas em artigos, livros, documentos dissertados sobre o tema e materiais disponibilizados na internet, seguido de um modelo de roteiro aplicado em sala de aula em alunos com perfil EJA.

1. AS DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DO ADULTO NO ENSINO APRENDIZAGEM

A educação de Jovens e Adultos tornou-se um direito assegurado pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) a todos que não tiveram acesso na idade própria, ficando a responsabilidade de estímulo e permanência na escola, ao poder público. Entretanto, a alfabetização de Jovens e Adultos é uma preocupação antiga, que não se limita apenas a responsabilidade escolar, mas também a expectativas de mudanças que essa educação pode proporcionar ao aluno.

O uso da tecnologia no dia a dia tornou-se um processo imensurável diante da quantidade de atividades diárias que são realizadas através das mesmas.

Existem diversos fatores que não possibilitaram a alfabetização no período de infância. Após a adolescência, o indivíduo ingressa no mundo do trabalho e passa a reconhecer a necessidade do conhecimento escolar e passa a busca-lo através da EJA (Educação de Jovens e Adultos) oferecido por diversas escolas.

Segundo Smith (2001, p. 98):

Sair de casa e ingressar no mundo mais amplo da faculdade ou de uma profissão pode ser difícil e estressante para qualquer pessoa jovem, e não nos surpreende que às vezes seja ainda mais difícil para o adulto jovem com dificuldades de aprendizagem realizar com sucesso essa transição. Problemas contínuos com habilidades escolares, organização, adoção de responsabilidade e estabelecimento de uma rede de apoio pessoal podem prejudicar as tentativas do indivíduo para adquirir a independência econômica e emocional.

O Jovem e Adulto que volta aos estudos, geralmente possui dificuldades no aprendizado por conta de diversos fatores externos que o levaram a estar distante da realidade escolar.

1.1 ASPECTOS DA TECNOLOGIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DO ADULTO

O ensino de alunos da EJA, difere-se do ensino regular por conta do perfil do aluno ingressante, sendo necessário o uso de técnicas e ferramentas diferenciadas para a construção do conhecimento.

Através das teorias educacionais, como o construtivismo e o interacionismo, representadas por Piaget e Vygotsky, propõe aos educadores a dinamicidade ao ensino, tornando-se necessário o uso de tecnologias para o desenvolvimento do conhecimento do aluno.

A inclusão da informática como meio de aprendizado, amplia os horizontes dos alunos, demonstrando que a educação se modernizou e que existe uma relação entre o que é aprendido em sala com o mercado de trabalho.

Para FERREIRA; GALERA; SILVA (2008) apud CONFORTO; SANTAROSA (2002):

As novas tecnologias da informação e comunicação prometem gerar uma transformação radical da vida em sociedade ao permitir de todos falem e se façam ouvir, condição-chave para a construção de uma sociedade participativa e igualitária a todos os cidadãos. Por este motivo, a necessidade de oportunizar o acesso ao mundo digital e virtual a todos, sem exclusão.

Como visto, torna-se necessário a utilização de meios tecnológicos para ampliar os conhecimentos dos alunos, tornando o ensino mais dinâmico e atraente.

O aluno passa a obter uma visão diferenciada da sua própria realidade, permitindo que haja um desenvolvimento no ensino-aprendizado muito maior do que apenas o conhecimento básico. Moran (2009) destaca a internet como um grande apoio a educação, sendo ela uma âncora indispensável à embarcação.

1.2 CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES BABY BOOMERS E X E A TECNOLOGIA

Com relação à aprendizagem de informática, as gerações que possuem maior dificuldade de aprendizado são aquelas que não tiveram muito contato com a tecnologia desde a infância e juventude, são essas as gerações baby boomers e X.

A geração baby boomers são aqueles nascidos entre a década de 1950 e 1960, época em que surgiu a televisão, sendo ela o principal meio de comunicação. De acordo com Conger (1998) a geração baby boomer presenciou a guerra no Vietnã, os movimentos feministas e o surgimento dos anticoncepcionais, um grande momento da história para mulheres que lutavam pelos seus direitos.

Segundo Olhar Digital (2011):

O termo "Baby Boomer" é usado como referência aos "filhos" do baby boom, explosão demográfica pós-Segunda Guerra Mundial, que ocorreu em maior escala nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. Mais do que uma explosão demográfica, essa foi uma transformação cultural. A ascensão da televisão moldou o comportamento desses jovens, visto que ela servia como mensageira e mobilizadora, e ainda retratava a juventude como um grande acontecimento. Essa geração participou da revolução dos anos 1960, o que mudou não só o papel das mulheres na sociedade, mas também o papel dos jovens. Eles desenvolveram sua própria cultura, pelo fato de existir um grande abismo entre eles e seus pais. Devido a isso, criaram seu estilo de vida próprio e tinham a televisão como principal ferramenta de comunicação.

A geração X são aqueles nascidos nas décadas de 1960 e 1970, época em que surgiu a internet como um novo meio de comunicação, embora sendo criada apenas para fins militares, esta geração caracterizou-se como a era da informação.

Segundo Olhar Digital (2011):

Essa geração viveu em uma sociedade onde havia descrença no governo, falta de confiança na liderança, apatia política, aumento do divórcio e do número de mães que transformaram a maneira de se relacionar com a sociedade. Foi a partir dessa geração que surgiram

as preocupações com a destruição ambiental e as questões ecológicas. Este foi o início da internet e o fim da Guerra Fria, outra característica cultural marcante da Geração X.

Como pode-se observar, ambas gerações obtiveram pouco contato com a tecnologia na infância e adolescência, encontrando-se com ela apenas na fase adulta, quando ingressaram no mercado de trabalho.

2. INCLUSÃO DIGITAL PARA ALUNOS DA EJA

O uso da tecnologia no dia a dia tornou-se um processo imensurável diante da quantidade de atividades diárias que são realizadas através das mesmas. Quando se vai ao terminal de atendimento de um banco para realizar uma operação financeira, ao supermercado para verificar o preço de algum produto, ou até mesmo realizar uma ligação de um telefone móvel, são exemplos de como a tecnologia está inserida no meio em que se vive. Diante de tais situações, aprender a trabalhar com ela tornou-se uma necessidade. O programa “Sociedade da Informação”, foi criado no Brasil cujo objetivo seria (TAKAHASHI, 2000):

[...] integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia do país tenha condições de competir no mercado global. A execução do Programa pressupõe o compartilhamento de responsabilidades entre os três setores: governo, iniciativa privada e sociedade civil (p.10).

Mas antes de se falar em inclusão digital é necessário inverter um pouco os fatos e expor o que é a “exclusão digital” e como este problema pode ser invertido. Segundo Eisenberg e Cepik (2002):

[...] o tema exclusão digital é apresentado de maneira simplista: ou seja, como um problema cuja solução depende unicamente da universalização do acesso aos computadores e às conexões com a Internet, em qualquer esfera de atividade, seja na saúde, na educação ou na política [...] (p. 238).

Diante deste cenário, torna-se necessário a minimização da distância entre o computador, acesso à internet e ao cidadão que não tem contato com os mesmos, oferecendo-lhes as habilidades necessárias para manipular a tecnologia de acesso à informação.

Através da inclusão digital, as portas da informação são abertas ao indivíduo, aproximando-o de um mundo desconhecido, permitindo a visão de novos horizontes. Uma vez que o aluno da modalidade EJA já faz parte do mercado de trabalho e do convívio social, torna-se necessário a disciplina de informática para a qualificação profissional.

O mundo do trabalho tem novas exigências, como: novas qualificações, o desenvolvimento de novas competências, aquisição de novas habilidades, facilidade de comunicação, compreensão de textos e raciocínio lógico. FERREIRA; GALERA; SILVA (2008) apud GADOTTI, 2000, p. 230.

Diante de tal cenário tecnológico, é impossível tentar aplicar o ensino tradicional, com lápis e papel e esperar que o aluno se interesse pelo método. Visto que, ainda que não possuam em suas casas acesso às tecnologias, os alunos anseiam por aprendê-la e por metodologias e práticas que as insere no contexto educacional.

A inclusão social dos alunos da EJA na informática é um desafio para as escolas, mais isso não deve ser fator desmotivador para os docentes e sim o desafio de vincular os conhecimentos necessários da educação da EJA com o uso do computador. FERREIRA; GALERA; SILVA (2008)

Embora seja um grande desafio a se enfrentar, é gratificante poder construir com o aluno um conhecimento, até então, desconhecido e tão amplamente utilizado pela sociedade como um todo.

2.1 ROTEIROS PARA APRENDIZAGEM DE INFORMÁTICA

Como visto anteriormente, as gerações que possuem maior dificuldades são aquelas que não nasceram com a tecnologia embutida em suas vidas, e tiveram que, ao longo de sua jornada, aprender a lidar com as mesmas.

Para facilitar a construção do conhecimento de informática, criou-se então, um método e roteiro utilizado nas disciplinas de Aplicativos Informatizados, tornando a apresentação da tecnologia uma forma mais didática do que prática.

Então, foi solicitado aos alunos que possuíam mais dificuldade com o método anterior utilizado (exposição do conteúdo no data show e o aluno fazer o mesmo procedimento no computador que está utilizando) que trouxessem um caderno para anotações e uma caneta.

Assim que a aula se iniciava, a professora relembrava o que foi visto na aula anterior e colocava na lousa, passo a passo, o roteiro de como se chegava ao conteúdo novo aprendido. Os alunos anotavam este conteúdo primeiramente, e a professora demonstrava através da exposição no data show como esses passos seriam executados. Posteriormente, os alunos os executavam sozinhos e faziam os exercícios relacionados com o tema da aula.

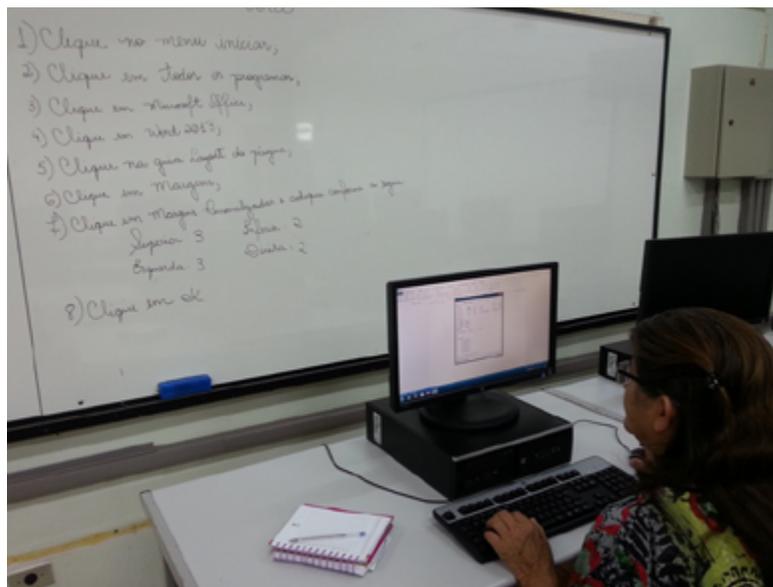


Figura 1: Aluna observando o roteiro colocado na lousa.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como visto na Figura 1, a aluna está observando e analisando o roteiro criado na lousa para a explanação do tema da aula que seria: Microsoft Word: Configuração das normas ABNT – Margens.

Na Figura 2 a aluna já copiou o roteiro em seu caderno, a professora já expôs em data show o modo de como é feito o procedimento e agora, está executando o mesmo no computador.

Após o término da aula, os alunos levam para a casa outro exercício para treinar o que foi desenvolvido em sala, e trazer na próxima aula as dúvidas que surgiram quando foram fazer o exercício sozinhos.

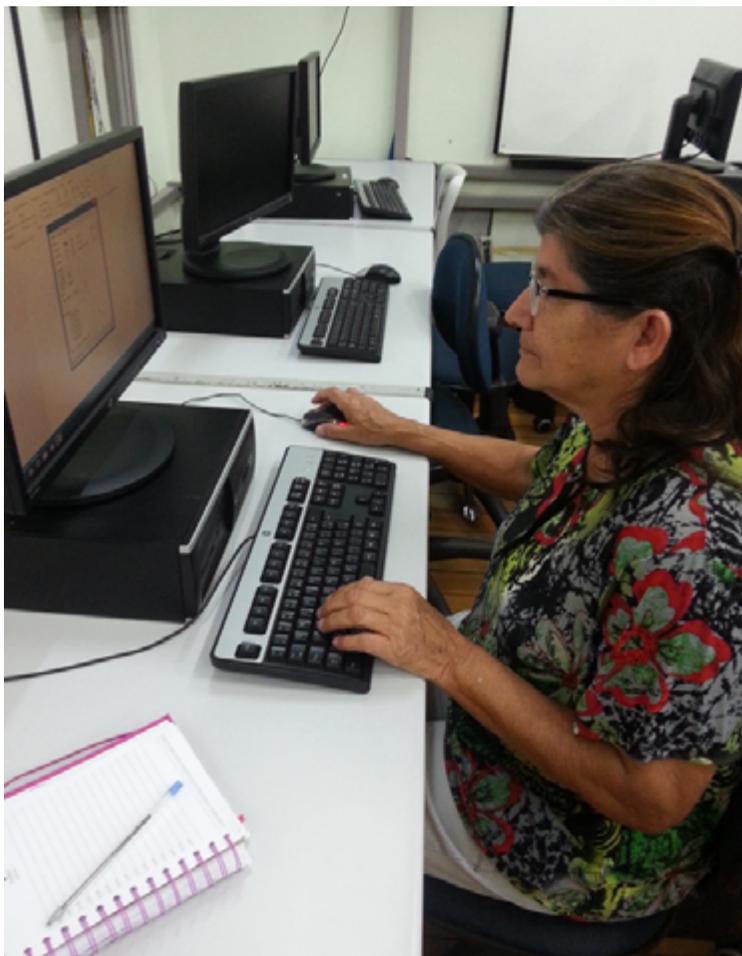


Figura 2: Aluna executando o roteiro no computador.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Aos alunos que não possuem computadores em suas residências são disponibilizados os laboratórios de informática na escola durante o dia, para que eles possam praticar o que foi visto em sala de aula.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da tecnologia na modalidade EJA aproxima o aluno à realidade do mercado de trabalho, do dia a dia e de um horizonte amplo. Visto que, não se realizam mais tarefas simples sem o uso da mesma.

As gerações baby boomers e X demonstraram maior afinidade com o método de criação de roteiros de aprendizagem de informática, motivando-os, até mesmo, a ensinar seus colegas através das anotações feitas em laboratório de informática. Embora os alunos possuíssem dificuldades motoras iniciais, com o tempo eles se adaptavam com o mouse e o teclado e não apresentavam mais dificuldades.

A criação do roteiro levou os alunos a estudarem em suas casas, onde estavam praticamente sozinhos, sem auxílio de professores e colegas, estimulando então a continuidade do estudo. Obteve-se êxito na aprendizagem por meio de roteiros, pela praticidade e proximidade com a realidade de suas gerações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996... – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 2002.

EISENBERG, J.; CEPIK, M. (Orgs.) Internet e Política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

IBGE. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD. Brasil: IBGE, 2013. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal.

CONGER, Jay. Quem é a geração X?. HSM Management, n.11, p.128-138, nov./dez. 1998

KNOWLES, M. S. The modern practice of adult education: from pedagogy to andragogy. 2. ed. New York: Association Press, 1980.

PIAGET, J. A. A psicologia da criança. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SMITH M.; BURGOYNE J.; ARAÚJO, L. Aprendizagem Organizacional e Organização de Aprendizagem: Desenvolvimento na Teoria e na Prática. Atlas, 2001.

TAKAHASHI, T. (Org.) O livro verde. A sociedade da informação no Brasil. Brasília: 2000.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins, 1984.

JORNAL DA GLOBO. Gerações BB, X, Y e Z. 7' 00". Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XayhOoFZ2zc>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

MORAN, José Manuel. A integração das tecnologias na educação. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/integracao/html>>. Acesso em 01 ago 2015.

FERREIRA, Jacques de Lima; GELERA, Joscely Maria Bassetto; SILVA, Margarete Virgínia Gonçalves. Tecnologia como fator fundamental de inclusão social para os educandos da EJA no ensino profissional. 2011. Disponível em <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo12.pdf>. Acesso em 01 ago 2015.

OLHAR DIGITAL. Geração X, Y e Baby Boomers: quem são? 10 Abril 2011. Disponível em: <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/geracao_y_conheca_os_jovens_que_nasceram_junto_da_revolucao_tecnologica/17385>. Acesso em: 01 ago 2015.

Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>>. Acesso em 02 ago. 2015.

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA

Márcio Adriano Bredariol

marciobredariol@gmail.com

Professor de Geografia e Coordenador Pedagógico da ETEC Rosa Perrone Scavone, Itatiba (SP). Licenciado em Geografia pela Unesp, Especialista em Gestão Ambiental pela Ufscar, Mestre em Geografia pela Unicamp e Doutorando em Geografia pela Unicamp.

Este artigo tem por objetivo discutir e refletir acerca das iniciativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), voltadas à Educação de Jovens e Adultos em áreas destinadas a assentamentos de reforma agrária. O debate mostra-se como de extrema importância, pois, a maior parte dos analfabetos brasileiros é composta por pessoas residentes no campo. Dessa forma, as iniciativas voltadas à educação, promovidas pelo MST, mostram-se de grande importância. O movimento social possibilita a aprendizagem com respeito à bagagem sociocultural do educando, além de promover o alcance da cidadania plena e a continuidade da luta pela reforma agrária através do processo de escolarização dos assentados.

PALAVRAS-CHAVE: EJA; Reforma agrária; Profissionalização.

El presente artículo tiene como objetivo discutir y reflexionar sobre las iniciativas del Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), dirigidas a la educación de adultos en zonas de asentamientos de reforma agraria. El debate demuestra que es de suma importancia ya que la mayoría de los brasileños analfabetos se compone de personas que viven en el campo. Por lo tanto, las iniciativas dirigidas a la educación, promovidas por el MST, se muestran de gran importancia. El movimiento social permite el aprendizaje con respecto al bagaje sociocultural del alumno, además de promover el logro de la plena ciudadanía y la continuidad de la lucha por la reforma agraria a través del proceso de educación de los colonos.

PALABRAS-CLAVE: Educación de adultos; La reforma agraria; Profesionalización.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, constata-se no Brasil uma ampliação das oportunidades de acesso da população à educação. Verifica-se que até mesmo a população rural, historicamente excluída do acesso à escola, passou a viver o cotidiano escolar com melhorias nas condições materiais e de estudo. Nota-se, no entanto, que os alunos provindos do meio rural ainda não possuem um sistema de ensino que respeite suas bases culturais, já que nossas escolas estão assentadas num sistema de ensino voltado para a compreensão e entendimento do meio urbano.

Neste contexto, torna-se essencial a compreensão e reflexão da importância da educação voltada para os habitantes de áreas rurais, em especial, quando falamos dos alunos dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, os quais retornam à escola após muitos anos, tendo como alguns dos motivos do abandono da mesma, fatores relacionados à reprovação, a frustração pela dificuldade em aprender, além do difícil convívio com um sistema educacional de características bancárias, onde o “saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.” (FREIRE, 1987, p.33)

Além disso, quando se tratam de alunos provindos do meio rural, há que se destacarem aqueles oriundos de áreas de reforma agrária. Neste caso, além de se mostrar como fator de inserção social, a Educação de Jovens e Adultos mostra-se como fator essencial relacionado à organização e ideal gestão da propriedade rural, dinamizando as formas de produção agrícola, melhorando assim, as condições de vida do pequeno agricultor.

O trabalhador do campo sabe da importância de saber ler e escrever e compreende que a conquista do domínio da linguagem representa emancipação e perspectiva de melhoria de condições de vida.

Giorgi & Rossi (2014, p.653) destacam que a educação no campo, que se desenvolve na luta pela terra entre trabalhadores e trabalhadoras do campo, deve ser pensada sobre as bases teóricas do educador Paulo Freire, ou seja, necessitamos problematizar e pensar sobre a questão, já que a luta não se resume apenas em conquistar um

pedaço de terra, mas sim, garantir direitos, dentre eles, o direito à educação que atenda a uma população que ao longo da história do país se viu excluída, porém, ainda resiste e inova no que diz respeito à valorização educativa na luta que desenvolvem.

Para Andrade & Di Pierro (2009, p.248) a luta dos trabalhadores rurais sem terra até a conquista do assentamento rural, representa a abertura de novos horizontes de inserção econômica, social e política, sendo o ponto de partida para novas demandas por direitos e participação. Segundo as autoras:

A própria categoria social – assentado/a – é expressão dessa identidade em construção. Nesse processo, a educação básica emerge como uma das primeiras demandas da população, relacionada à escolarização e qualificação profissional das novas gerações e também dos jovens e adultos, para os quais se colocam novas exigências de letramento relacionadas à gestão técnica, econômica e ambiental do empreendimento agrícola, à organização sociopolítica dos assentamentos e sua representação perante os poderes públicos. (ANDRADE & DI PIERRO, 2009, p.248)

Desta forma, o presente artigo justifica-se, pois, visa problematizar e refletir sobre a questão da Educação de Jovens e Adultos voltada a atender ao trabalhador rural vinculado às áreas de reforma agrária. A reflexão acerca de suas necessidades de letramento e profissionalização faz-se necessária, perante as novas exigências e demandas da sociedade atual baseada, sobretudo, no advento da informação e do conhecimento.

Além disso, as opções do governo brasileiro voltadas para o desenvolvimento do campo visam apenas o agronegócio que tem por interesse atender demandas de exportação, deixando em segundo plano, camponeses e pequenos agricultores familiares, os quais cumprem o papel primordial de fazer chegar à mesa das famílias brasileiras a maior parte dos alimentos que consumimos diariamente.

1. A IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS RURAIS NO CENÁRIO SOCIAL BRASILEIRO

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos surgiu a partir de demandas e lutas de movimentos sociais, em especial os do campo, por um sistema educacional adequado

que viesse atender às demandas de uma população que não vivia mais, apenas do campo. A educação de Jovens e Adultos associa-se também, à luta dos trabalhadores rurais pelo acesso a terra, e tem como fim, o alcance de melhores condições de vida no campo (LIMA, 2013).

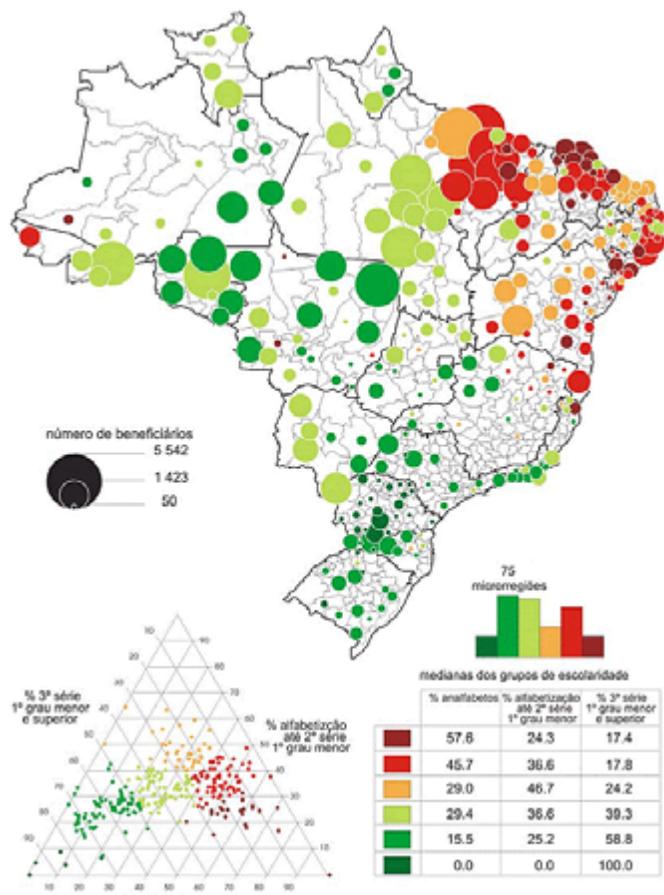
Desta forma, a conquista do assentamento rural e a posterior luta pela educação que se instala nos acampamentos e assentamentos representam uma das facetas da luta dos sem-terra pela conquista da cidadania “plena”. O assentamento deve ser compreendido como o espaço que permite aos trabalhadores rurais a reorganização do modo de vida das famílias. Nessa ótica, os assentados tem plena consciência da importância da escola e dos estudos como caminho para melhoria das condições de vida de toda a comunidade. Sendo assim, o ideal é que a Educação de Jovens e Adultos em áreas de reforma agrária, além de alfabetizar e criar consciência social traga ao assentado os conhecimentos de técnicas de produção agrícola eficientes, de modo que, sua inserção no mercado da agricultura familiar se dê de maneira efetiva.

No entanto, ainda encontramos alta porcentagem de população adulta analfabeta nas áreas de reforma agrária, o que revela grave problema no que diz respeito às possíveis dificuldades no manejo e gerenciamento da propriedade agrícola por parte do assentado, após a conquista do pedaço de terra.

Estudos realizados por Silva et al. (2011), através da análise de dados estatísticos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), revelou a existência de 6.567.682 (32,7%) de analfabetos no meio rural brasileiro. Além disso, o estudo demonstrou que 64% dos 323.429 assentados em áreas de reforma agrária foram considerados analfabetos funcionais. Para as autoras (2011, p.150) esses índices refletem “a realidade educacional dos trabalhadores rurais que lutam pela reforma agrária e que não é diferente do quadro geral de exclusão social presente no campo brasileiro”.

Estudos anteriores, como o realizado por David et al. (1997), já haviam demonstrado a gravidade do problema do analfabetismo nas áreas rurais brasileiras e, em especial, nas áreas de reforma agrária. O estudo chamava a atenção para o alto número de analfabetos em áreas de assentamento rural, equivalente a 30% dos assentados e, em especial para a péssima condição em que se encontrava o Nordeste brasileiro.

Segundo os autores (1997, p.59) para o ano de 1996 foi possível verificar que no Ceará mais de 60% dos assentados em projetos de reforma agrária eram analfabetos e, mesmo sem atingir tal extremo, no restante do Nordeste permanecia uma condição a qual os autores consideravam “deplorável”, já que a taxa de analfabetos, de maneira geral não se situava, a não ser em casos excepcionais, abaixo do índice de 30%, conforme pode ser observado no Cartograma 1.



Cartograma 1 – Nível de escolaridade dos assentados em áreas de reforma agrária

Fonte: David et al. (1997)

Borges (2014) destaca que o Nordeste continua ainda na atualidade, a concentrar grande parte dos brasileiros que não sabem ler ou escrever. Em Alagoas, estado brasileiro com maior índice de analfabetismo, a taxa chega a 19,66%. Já o Maranhão concentra 18,76% das pessoas com 10 anos ou mais, em condições de analfabetismo. A autora ainda aponta que 45% dos analfabetos brasileiros são idosos, ou seja, mais de 6 milhões, o que demonstra a importância de ações voltadas à implementação de

programas de Educação de Jovens e Adultos pelas escolas do país e, principalmente na região Nordeste. Quando falamos de população com mais de 60 anos, no Maranhão chegamos ao índice chocante de 55,6% de pessoas analfabetas. No Piauí, esse índice atinge 48,72% da população com mais de 60 anos e no Sergipe a porcentagem de idosos analfabetos chega a 46,19%. Nos estados da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará o índice de analfabetismo entre pessoas com mais de 60 anos também atinge mais de 40% da população.

Apesar dos altos índices de analfabetismo demonstrados anteriormente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem alertado para o fato de que no Brasil, inúmeras escolas rurais têm fechado as portas. O movimento social alega que há um empenho muito grande do Governo Federal em garantir o transporte escolar rural, mas não em evitar o fechamento das escolas rurais.

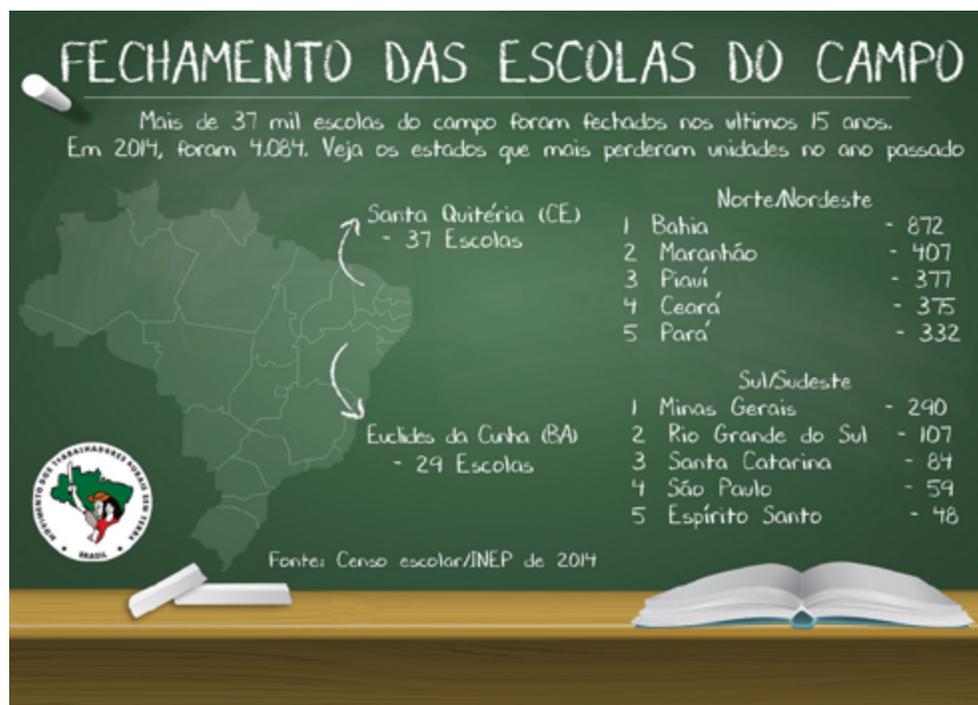


Figura 1 – Fechamento das escolas do Campo

Fonte: SILVA, Maura (2015). Disponível em www.mst.org.br

Tal fato mostra-se como preocupante, pois, as escolas rurais deveriam ter como papel, além de ensinar os conteúdos básicos do currículo escolar, aproximar os alunos de sua realidade social e cultural, relacionada ao meio rural. Os alunos, quando transportados até escolas localizadas no meio urbano convivem com uma realidade

que não respeita suas bases socioculturais. De maneira geral, todo o conteúdo programático é pensado para desenvolver habilidades e competências voltadas para a realidade e compreensão do espaço urbano.

A manutenção da existência das escolas rurais é importante, pois, além de atender às necessidades educacionais de crianças e adolescentes residentes no campo durante o dia, cumprem a importante função social de servir à Educação de Jovens e Adultos no período noturno. Trata-se de alunos que trabalham arduamente na lavoura durante o dia todo e veem na escola uma possibilidade de melhora de vida para toda família.

No caso das áreas de reforma agrária, o fechamento de escolas rurais revela sérios problemas no que diz respeito à organização dos assentamentos e obtenção pelos assentados do direito inalienável à educação, em especial, quando nos referimos àqueles que não puderam frequentar a escola na idade apropriada. Após a luta e conquista do pedaço de terra, caso não existam escolas rurais próximas ao assentamento, inicia-se uma luta incansável pelo acesso à educação.

2. DEPOIS DA CONQUISTA DA TERRA A LUTA PELO ACESSO À EDUCAÇÃO

A luta pela reforma agrária não se encerra com a conquista de um pedaço de terra pelo assentado. De maneira geral, os latifúndios desapropriados para reforma agrária possuem poucas benfeitorias ou infraestruturas tais como, água encanada, energia elétrica, saneamento básico ou escolas. Sendo assim, após a conquista do lote, as famílias beneficiadas ainda permanecem vinculadas ao MST, pois, chega a hora de lutar por direitos básicos a todo ser humano.

Com relação à educação e à cultura, o MST entende que o acesso a tais bens, assim como ao conhecimento e valorização dos saberes populares são considerados como fundamentais para a formação de cidadãos plenos, dignos e ativos. O movimento defende o fortalecimento de espaços de trocas culturais a fim de promover o acesso popular a teatros, cinemas, exposições, sinfonias, amostras, apresentações folclóricas e festas tradicionais, visando celebrar a vida, a luta, a solidariedade e a diversidade do povo brasileiro.

Dessa forma, nota-se que existe plena consciência do movimento a respeito da importância de um sistema educacional adequado que possa levar à mudança de

vida dos assentados. Porém, também há a percepção de que, quando se trata do ensino em escolas rurais existem inúmeros problemas, em especial, relacionados à inexistência de unidades de ensino e falta de qualificação dos docentes que atuam na área. Souza (2002, p.24) argumenta que:

Mais, especificamente, quando se trata da educação nas escolas existentes nos assentamentos rurais, nos defrontamos com a luta pela construção da escola, pela permanência efetiva de um professor, por um conteúdo diferenciado, ou seja, vinculado ao contexto dos alunos; com a luta para que o professor da escola de assentamento tenha um conhecimento acerca do MST, que seja um professor do próprio MST ou, ainda, que tenha se formado em escolas que funcionam em parceria com o MST. (SOUZA, 2002, p.24)

A terra é a representação da possibilidade de trabalho e sustento. Já a educação, representa a continuidade da luta no que diz respeito ao alcance da cidadania. O MST conta um Setor de Educação em cada acampamento e nos assentamentos implementados, cuja responsabilidade está em erradicar o analfabetismo entre jovens e adultos assim como permitir o acesso de crianças e adolescentes ao ensino fundamental e médio. A ideia principal do movimento volta-se para uma educação de base popular, como a defendida pelo educador Paulo Freire.

Apesar de toda organização do movimento social, em especial quando falamos da educação voltada ao homem do campo, o que tem marcado sua história é a “qualificação” pela mídia brasileira quanto ao movimento como invasores de terra/propriedades. As políticas para educação desenvolvidas são desconhecidas pela maioria da população. Existe uma trajetória histórica e compromisso social do MST, em lutas que se desenvolveram pelo povo do campo. As lutas pela alfabetização nos assentamentos representam parte desta trajetória.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o descaso e abandono que vive a população residente no campo no Brasil, leva esta parcela da população a viverem inúmeras dificuldades, as quais, por inúmeras vezes, impossibilitam a estes sujeitos frequentar a escola na idade apropriada. O trabalho nas áreas rurais é exercido desde a infância em condições de

exclusão e miséria, o que faz com que uma das maiores economias do mundo tenha de viver com índices alarmantes de analfabetismo, em especial, nas áreas rurais.

Além disso, a falta de incentivos por parte dos municípios, estados e federação quanto ao investimento e manutenção em escolas do campo tem feito com que nos últimos anos, inúmeras tenham fechado suas portas e deixado de atender aos alunos regulares e de EJA nas áreas rurais.

Infelizmente, tal fator demonstra a postura adotada pelo governo brasileiro nos últimos anos o qual, tem incentivado em massa o agronegócio com vistas à exportação de produtos como grãos e carne bovina, por exemplo. Nesse contexto a agricultura familiar, responsável por fazer chegar às nossas mesas grande parte dos alimentos diários é posta em segundo plano, o que aumenta as dificuldades de sobrevivência do trabalhador do campo e faz com que o êxodo rural ocorra em massa, trazendo problemas relacionados ao desenvolvimento desordenado às nossas cidades.

Nessa conjuntura, o papel assumido por movimentos sociais como o MST é de suma importância. Nas áreas de acampamentos e assentamentos de reforma agrária, a coordenação do movimento através de seu Setor de Educação, acaba por assumir responsabilidades do poder público no sentido de garantir o acesso à escola por crianças e adolescentes e, alfabetizar os jovens e adultos tendo como objetivos, além do letramento e profissionalização, a criação de consciência por parte do assentado de que o mesmo é um cidadão que possui direitos os quais devem ser respeitados.

Dessa forma, após a intensa luta pela conquista do lote em área de reforma agrária apresentam-se novos desafios, sendo um dos principais a luta pela educação. O trabalhador do campo sabe da importância de saber ler e escrever e compreende que a conquista do domínio da linguagem representa emancipação e perspectiva de melhoria de condições de vida. Além disso, a educação que se estabelece no campo a partir de iniciativas como a do MST tem papel de conscientização, de levar o indivíduo a pensar e perceber qual o seu papel na sociedade. O processo de letramento e alfabetização promovido em áreas de reforma agrária leva a reflexão por parte dos alunos de qual seu papel na participação, na luta e conquistas numa trajetória árdua de quem não possuía nada e agora conquista terra e moradia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia Regina & DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização em assentamentos no estado de São Paulo: uma análise da Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária 2004. In: Revista Brasileira de Educação, v.14, nº41, maio/ agosto 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n41/v14n41a04.pdf>>. Acesso em 29/ jun/ 2015.

BELEZIA, Eva Chow & MATHIEU, Elizabete Rodrigues Oliveira. Formação de Jovens e Adultos: (Re) Construindo a Prática Pedagógica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. 173 p.

BORGES, Priscilla. Maioria dos analfabetos vive no Nordeste e é idoso, mas jovem segue nos índices. In: Último Segundo, 06/03/2014. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-03-06/maioria-dos-analfabetos-vive-no-nordeste-e-e-idoso-mas-jovem-segue-nos-indices.html>>. Acesso em 28/ jul/ 2015.

COUTINHO JÚNIOR, José. De tijolo em tijolo, Sem Terra construíram a primeira escola do campo em MT. In: MST, 6/ maio/ 2015. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2015/05/06/de-tijolo-em-tijolo-sem-terra-construiram-a-primeira-escola-do-campo.html>>. Acesso em 31/ jul/ 2015.

DAVID, Maria Beatriz de Albuquerque, et al. Atlas dos beneficiários da Reforma Agrária. In: Estudos Avançados, v.11, n. 31, São Paulo, set/ dez 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000300004>. Acesso em 29/ jul/ 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (1970). 17ª ed. 107 p.

GESTÃO Escolar. Após 10 anos de Brasil Alfabetizado, Sérgio Haddad critica resultados obtidos pelo programa. Disponível em <<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/entrevista-sergio-haddad-brasil-alfabetizado-750640.shtml>>. Acesso em 10/ jul/ 2015.

GIORGI, Cristiano Amaral G. di & ROSSI, Rafael. Paulo Freire e educação do campo: da invasão à ocupação cultural para a liberdade. In: Campo-Território: Revista de

Geografia Agrária, v. 09, n. 17, p.652-671, abr. 2014. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/viewFile/23424/14401>>. Acesso em 30/ jun/ 2015.

LIMA, Nara Lucia Gomes. Percursos educativos e ações do MST: A EJA do campo no Assentamento Bernardo Marin II, Russas/ Ceará. In: I Seminário Regional e Fórum de Educação no Campo – SIFEDOC, I, 2013, Santa Maria, RS. Anais (on-line). Santa Maria: UFSM, 2013. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2010/Nara%20L%C3%BAcia%20Gomes%20Lima.pdf>>. Acesso em 02/ jul/ 2015.

LOPES, Selva Paraguassu & SOUSA, Luzia Silva. EJA: Uma educação possível ou mera utopia? s.d. Disponível em <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaLopes.pdf>. Acesso em 09/ jul/ 2015.

MST. Quem somos. Disponível em <<http://www.mst.org.br/quem-somos/#full-text>>. Acesso em 31/ jul/ 2015.

SILVA, Lourdes Helena da, et al. A Educação de Jovens e Adultos em áreas de reforma agrária: desafios da formação de educadores do campo. In: Revista Brasileira de Educação, v.16, n. 46, jan/ abr 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a09.pdf>>. Acesso em 29/ jul/ 2015.

SILVA, Maura. Mais de 4 mil escolas do campo fecham suas portas em 2014. In: MST, 24/ jun/ 2015. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2015/06/24/mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014.html>>. Acesso em 29/ jul/ 2015.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação e cidadania nos assentamentos de reforma agrária: projetos, possibilidades e limites. In: PUBLICATIO UEPG – C. Humanas, C. Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. v.10, n.1, p.21-40. 2002. Disponível em <http://revistas2.uepg.br/ojs_new/index.php/humanas/article/view/14/11>. Acesso em 11/ jul/2015.

METODOLOGIA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Mislene Beatriz Ciconi

mbciconi@yahoo.com.br

Professora na Etec Dona Sebastiana de Barros, São Manuel, Etec Cidade do Livro, Lençóis Paulista, Centro Paula Souza. Orientada por Sueli Medeiros Nanni.

Argumentar a metodologia utilizada na alfabetização de jovens e adultos e sua importância no processo de ensino-aprendizagem é uma necessidade vertente na Educação. Com isso, apresentar mudanças ocorridas ao longo da história da EJA no Brasil. Nesse sentido, por meio de destaques qualitativos, observação direta e revisões literárias, buscou-se relatar medidas tomadas pelos governos com a intenção de acabar com o analfabetismo. Buscou-se estabelecer relações entre os conhecimentos prévios e seus possíveis resultados na aprendizagem. Assim, conclui-se, que é preciso adotar novas práticas pedagógicas educacionais que atendam suas necessidades na construção de um novo saber.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Metodologia; Jovens; Adultos; Alfabetização.

Argumentar la metodología utilizada en la alfabetización de jóvenes y adultos y su importancia en el proceso de enseñanza-aprendizaje es una necesidad vertiente en la educación. De esta manera se convierte en un medio para su valoración. Con eso, presentar cambios producidos a lo largo de la historia del EJA en Brasil. En esto sentido, a través de destacados cualitativos, observación directa y revisiones literarias, se trató de relatar las medidas adoptadas por los gobiernos con la intención de eliminar el analfabetismo. Para ello, se observaron los métodos de la educación escolar, la cuestión de los conocimientos que los alumnos han adquirido a lo largo de sus vidas. Se trató de establecer vínculos entre los conocimientos previos y sus posibles resultados en el aprendizaje. Así, se concluye, que es necesario adoptar nuevas prácticas educativas de enseñanza que satisfagan sus necesidades en la construcción de un nuevo conocimiento.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje; Metodología; Jóvenes; Adultos; Alfabetización.

INTRODUÇÃO

Analisando a história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, constatamos mudanças que vêm ocorrendo ao longo dos anos nas leis referentes a essa modalidade de ensino. Percebe-se dessa forma, que se fazem necessárias várias mudanças, entre elas, na metodologia adotada pelos docentes.

Atualmente é observado no Brasil que a cada governo surge uma nova campanha educacional, onde buscam envolver a sociedade na responsabilidade pela educação de jovens e adultos. Estes responsáveis muitas vezes são pessoas da comunidade sem uma formação profissional.

Verifica, portanto, que se resolvessem elaborar campanhas utilizando a população para assumir o papel de médicos nos hospitais, com certeza isso ocasionaria uma série de protestos da própria população, pois se alguém vier a tomar um remédio errado poderia ter efeitos colaterais assustadores.

Na educação não é diferente, se a metodologia aplicada não for adequada aos alunos os efeitos colaterais também aparecerão ao longo do tempo. Dessa forma surge a falta de motivação e conseqüentemente a evasão escolar. Se o aluno vai à escola e não aprende, logo ele pensa, porque continuar estudando?

Sendo assim, o maior desafio do educador é aplicar metodologias adequadas aos jovens e adultos de uma forma que seu trabalho possa ser diferenciado dos demais profissionais, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos trazidos pelo aluno e encontrando elementos que auxiliem no processo ensino-aprendizagem.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo argumentar essas metodologias e buscar novas reflexões para a EJA. Apresenta-se aqui uma pesquisa bibliográfica sobre as metodologias utilizadas, verificando se são apropriadas a eles e buscando assim meios que facilitem a aprendizagem.

No decorrer do trabalho encontra-se um breve histórico da EJA no Brasil, desde a colonização até 2003 com o lançamento do programa Brasil Alfabetizado. Ao se analisar a história da EJA, observa-se mudanças ocorridas nas leis referentes a essa modalidade de ensino.

A caracterização do jovem e adulto, é baseada em autores como: Poel (1981), Villanueva (1987), Mucchielli (1981) e Goguelin (1970).

Destaque na aprendizagem dos jovens e adultos e suas particularidades. Assim, contém alguns fatores que podem influenciar tal aprendizagem.

Serão apresentadas algumas metodologias mais apropriadas para o jovem e adulto, pois a EJA necessita com urgência de mudanças nas metodologias aplicadas na atualidade, para que dessa forma seja prazeroso o processo de ensino-aprendizagem.

1. HISTÓRIA DA EJA NO BRASIL

A grande preocupação com a educação dos jovens e adultos já vem de longa data, e se reporta ao início da colonização no Brasil.

Podemos observar que a vinda da família real para o Brasil foi o marco da preocupação com a educação e com a criação de cursos superiores a fim de atender aos interesses da monarquia, dessa forma dando início à construção de fatores determinantes que levaram a Independência do país.

Através do Decreto no. 10.198 de 1913 foram criadas escolas para instruir os soldados analfabetos, porém não com muito êxito.

Em 1945 a educação de jovens e adultos ganha destaque, visto que esse ano marca o fim da ditadura, dessa maneira tem início campanhas a favor da educação de jovens e adultos, onde era de extrema urgência integrar os povos.

Com a pedagogia de Paulo Freire, que surge no início dos anos 60, a educação popular é articulada à ação política junto aos grupos populares.

Dessa forma, Paulo Freire propõe uma alfabetização de jovens e adultos que considera as experiências de vida dos alunos e os respeita como sujeitos de sua própria aprendizagem. O grande desafio proposto por ele era realizar a alfabetização dos jovens e adultos para além da aquisição e produção de conhecimentos cognitivos.

Em 1964, surge o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), sendo seu objetivo

não só erradicar o analfabetismo como também propor um projeto de educação continuada.

Esse programa infelizmente criou analfabetos funcionais, ou seja, pessoas que muitas vezes aprenderam somente a assinar o nome, e que não apresentam condições de ler e escrever no contexto social.

Em 1980, o MOBRAL, foi perdendo suas características de conservadorismo e de assistencialismo até ser extinto em 1985, onde foi criada a Fundação Educar – Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos, que passou a fazer parte do Ministério da Educação e também a apoiar as iniciativas do governo apoiando programas de combate ao analfabetismo.

Em 1988 foi criada a nova Constituição Federal, a qual estendeu o direito à educação aos que ainda não haviam frequentado ou concluído o ensino fundamental. Ela garante pela primeira vez o direito ao ensino fundamental gratuito, incluindo jovens e adultos.

Em 1990 chega à educação básica para jovens e adultos, onde seu grande desafio era garantir a entrada e permanência desse público na cultura letrada.

Até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) no. 9394/96 a EJA era tratada como ensino supletivo e tinha como principal objetivo a recuperação dos estudos. Em 2001 foi implantado o Projeto de Escolarização de Jovens e Adultos, que transferiu aos municípios tal responsabilidade.

Em 2003 visando à educação inclusiva, o governo federal lança o programa Brasil Alfabetizado, onde seu objetivo é aumentar a escolarização de jovens e adultos e erradicar o analfabetismo no Brasil. Coordenado pelo MEC e atua por meio de convênios com instituições de alfabetização de jovens e adultos.

2. CARACTERIZAÇÃO – JOVENS E ADULTOS

Ao completar 16 anos no Brasil, o indivíduo pode votar, mas para tirar a carteira de habilitação o mesmo precisa ter 18 anos. Dessa maneira quem é o adulto?

De forma simplificada e resumida: indivíduo maduro o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade. Entretanto, a maturidade humana apresenta uma certa complexidade para a definição dos seus limites e por isso varia de cultura para cultura.

Notamos que o comportamento do adulto de hoje está totalmente mudado. Parece que as pessoas insistem em adolecer eternamente, até porque o jovem é mais valorizado em nossa sociedade. Contudo, normalmente um adulto maduro é uma pessoa independente financeiramente, com escolhas e gostos definidos. O adulto através de suas vivências é motivado a realizar novas descobertas ampliando cada vez mais os seus conhecimentos. Ser adolescente ou ser adulto implica em uma só afirmação: fazer escolhas, tomar decisões e definir seus projetos de vida.

A aprendizagem dos jovens e adultos deriva de seu desenvolvimento, e principalmente de seu interesse e desejo pelos conteúdos apresentados. O jovem e o adulto trazem o desejo, a motivação e a experiência da vida.

Poel (1981, p.37) define o adulto dizendo que “o termo indivíduo vem do verbo latino *adolescere*, que significa crescer e é a forma do particípio passado *adultum*, significando aquele que terminou de crescer ou de desenvolver-se, isto é, o crescido”. Villanueva (1987) diz que muitas vezes são circunstâncias políticas e sociais que decidem a entrada dos indivíduos na sociedade adulta, e, conseqüentemente, o uso de direitos e responsabilidades.

Mucchielli (1981, p. 17) descreve que conforme o indivíduo entra na fase adulta, ocorrem mudanças:

- A curiosidade universal, a da infância, atenua-se...;
- A impressão de possibilidades infinitas, a da adolescência, apaga-se...;
- A inteligência que culmina em valor absoluto entre 13 e 17 anos decresce e compensa suas perdas por uma maior capacidade de organização dos conhecimentos adquiridos;
- Os papéis sociais marcam a personalidade e, sob certos aspectos, deformam-na, correndo até o risco de abafá-la...;

- As motivações (necessidades, sentimentos, aspirações, expectativas) mudam...;
- A plasticidade do Eu, seus poderes de adaptação quase ilimitados, diminuem e, em seu lugar, instala-se certo equilíbrio defensivo;
- As resistências a qualquer mudança fazem-se cada vez mais fortes.

Goguelin (1970 p. 47) identifica as especialidades do adulto:

“Teve e tem responsabilidades, dentro do trabalho e em relação à família. Possui a noção de um fim a garantir, que é mais clara nele do que na criança. Sabe que o seu futuro depende de si, tem projectos, objectivos. Sente vivamente o conceito de conseguimento, particularmente social e socioeconômico”.

De acordo com os conceitos abordados acima podemos ter uma ideia sobre quem é o sujeito principal da pesquisa aqui apresentada.

Os alunos jovens e adultos, infelizmente são notados por carências sociais, econômicas, afetivas e culturais, como vimos no decorrer do curso de capacitação na educação de jovens e adultos. Frequentar a escola e alfabetizar-se para esses alunos é conservar-se no emprego e integrar-se socialmente.

3. APRENDIZAGEM DOS JOVENS E ADULTOS

Quando falamos em Educação, falamos de aprendizagem, porém de forma diferente. A aprendizagem ocorre porque alguém a busca para satisfazer alguma necessidade. A aprendizagem dos jovens e adultos deriva de seu desenvolvimento, e principalmente de seu interesse e desejo pelos conteúdos apresentados. O jovem e o adulto trazem o desejo, a motivação e a experiência da vida.

A aprendizagem está ligada ao seu processo de compreensão da própria necessidade real do aprender. Quanto mais conseguimos estabelecer uma relação entre aprendizagem e necessidade, melhor será a assimilação do que se vai aprender e conseqüentemente da sua transformação pessoal que se consolidará, propiciando assim, seu desenvolvimento como ser humano que pensa, age e modifica a realidade social. E é por isso que necessitamos como educadores, conhecer, entender e valorizar

os métodos de ensino a fim de proporcionar esta relação entre conteúdo / teoria e prática. O ensino precisa ser relevante, a aprendizagem deve ser significativa. Quanto mais o aluno experienciar, vivenciar sua aprendizagem, melhor será a fixação do que é ensinado.

Ao falarmos de aprendizagem, falamos também da dificuldade que os jovens e adultos possuem em relação ao processo de ensino-aprendizagem. A principal dificuldade encontrada através dessa pesquisa é a memória. Segundo Ferreira (1986, p. 1117), memória é a “faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente”. Os jovens e adultos geralmente lembram de qualquer coisa ocorrida ao longo da vida, isso acontece devido a memória.

Verificamos que a aprendizagem dos jovens e adultos é diferente da aprendizagem da criança e essas diferenças são claras, porém os professores ainda aplicam as mesmas metodologias para ensinar e esperam que os jovens e adultos tenham a mesma facilidade em aprender.

Dessa forma o educador precisa achar melhores maneiras de ensinar, metodologias destinadas aos jovens e adultos para que a aprendizagem ocorra efetivamente.

4. METODOLOGIAS NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

Aqui abordaremos as melhores metodologias a serem utilizadas na educação de jovens e adultos. Que metodologia é mais indicada na alfabetização de jovens e adultos? O que é método? Ferreira (1986, p. 1128) define: “caminho para chegar a um fim”. O caminho é a forma de ensinar e o fim é a aprendizagem.

Para ensinar é preciso que os educadores levem em conta a realidade do aluno, iniciando assim o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Freire (1996): por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidada pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos?

Não basta só pensar em mudanças, é preciso saber por onde e como começar. A mudança deve ocorrer de fato, não apenas ficar na frase feita.

Dessa forma, acredita-se que o caminho para o processo de ensino-aprendizagem é levar em conta as experiências dos alunos, ao invés de ficar transmitindo os conteúdos do ensino regular, sem levar em conta as especialidades de cada aluno.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se observou em meados de 1947 a metodologia da EJA era similar ao da criança, e que tal situação mudou quando surge o trabalho do educador Paulo Freire, pois considera a experiência de vida dos educandos como sujeito de sua aprendizagem. Mas infelizmente suas ideias demolidas pelo golpe militar de 1964, quando surge o então MOBRAL.

Percebemos na história da educação no Brasil que a metodologia não era um fator importante, pois alfabetizava-se de forma infantilizada. Hoje ainda é possível observarmos isso nas salas de aula da EJA.

Ao pensarmos na EJA, deveríamos apreciar as diferenças de cada aluno no decorrer de sua vida para que exista realmente uma aprendizagem efetiva e não apenas uma memorização dos conteúdos.

Se o jovem e o adulto estão de volta à escola, é porque ele realmente está interessado em aprender. É nesse ponto que o professor precisa refletir sobre sua prática pedagógica.

Ao realizar essa pesquisa analisamos a importância que o educador deve dar ao conhecimento que o aluno traz do seu cotidiano e também compreender que as pessoas são diferentes, os alunos e professores são diferentes, por isso cada um tem uma necessidade e uma determinada facilidade, ou não, para aprender. Sendo assim, é preciso que a metodologia utilizada seja diversificada e diferenciada para o grupo como um todo.

Sendo assim, a EJA necessita repensar nos caminhos que tem seguido para desenvolver metodologias adequadas a esse público. Mudar é necessário, porém essas mudanças ainda são muito lentas.

Para que se tenha um processo de ensino-aprendizagem efetivo, é necessário utilizar novas metodologias e propostas didáticas pedagógicas diferenciadas de forma que atenda as dificuldades de aprendizagem de cada aluno e valorize o conhecimento adquirido no dia a dia.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. B. de Holanda, Novo Dicionário Aurélio. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GOGUELIN, Pierre. A formação contínua dos adultos. Trad. Neves, Hermano – Coleção Saber, Publicações Europa-América, 1970.

MUCCHIELI, Roger. A formação de adultos – trad. Pucheu, Jeanne Marie Claire; São Paulo: Martins Fontes, 1981.

POEL, S. V. D. Maria, Alfabetização de adultos: Sistema Paulo Freire: estudo de caso num presídio. Petrópolis: Vozes, 1981.

VILLANUEVA, Pilar. La educación de adultos hoy. Necesidad y perspectiva de cambio. Valencia: Promolibro, 1987.

A GEOMETRIA ESPACIAL NO MUNDO DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Nélia Aparecida Vasiulis Abu-Jamra

nelia.vasiulis@etec.sp.gov.br

Professora de Matemática na ETEC de São Sebastião, Centro Paula Souza. Orientada por Lídia Ramos Aleixo de Souza.

A matemática está presente na vida de qualquer cidadão, seja consciente ou inconscientemente. A geometria é uma área da matemática que trabalha com as propriedades e medidas das figuras. O presente relato busca apresentar uma forma lúdica de inserir figuras geométricas através de trabalhos práticos aos discentes, bem como estimular o seu raciocínio e despertar o interesse pelo o “aprender”. O relato é sobre a prática de uma atividade na qual foi realizada a construção de barracas para estudo de suas propriedades. A experiência vivida entre os alunos proporcionou não só uma melhor fixação de conceitos, mas também permitiu a interação entre os discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Geometria; Barracas; EJA; Matemática.

Mathematics is present in the life of any citizen, whether consciously or unconsciously. Geometry is an area of mathematics that works with the properties and measures of the figures. This report seeks to present a playful way to insert geometries through practical work to students as well as stimulate their thinking and arouse interest in the “learn”. The story is about an activity in which the construction of tents to study their properties was conducted. The experience among students has provided not only a better fixing concepts, but also allowed the interaction between the students.

KEYWORDS: Geometry; Tents; Adult education; Mathematics.

INTRODUÇÃO

A matemática é uma disciplina temida sob o ponto de vista de muitos alunos e ainda, se formos verificar a aceitação por parte dos discentes, a geometria apresenta-se como uma área da matemática não muito bem quista, uma vez que cada situação exige o conhecimento de conceitos diferentes.

Sabemos que o fracasso escolar muitas vezes está associado à disciplina de Matemática, ora por ser cobrada de forma exagerada, ora devido ao não entendimento do aluno, entre outros fatores.

O principal objetivo deste relato de caso é apresentar uma proposta didática que mostre opções de trabalho para o professor e que, ao mesmo tempo, sirva como ponto de apoio às reflexões sobre sua prática em sala de aula. Não desejamos trabalhar com alunos que já tivessem sido transformados em “máquinas” de pensar, uma vez que alunos seguidores de regras são difíceis de conseguir desenvolver seu próprio raciocínio.

Um aspecto positivo no estudo da Geometria é que estimula o desenvolvimento da criatividade do aluno, que é colocado diante de problemas nos quais precisa encontrar uma solução.

Geralmente as aulas preparadas para os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentam-se, de um grosso modo, com a linguagem dirigidas aos alunos adultos, levando-se em conta todo o esforço que é inerente a quem tem uma jornada tripla. Mas devemos lembrar que muitas vezes os adolescentes estão presentes em turmas da EJA, assim as dificuldades com a condução da turma são aumentadas, principalmente quando se fala de motivação do aluno, até porque este discente já não está mais com turma da mesma faixa etária, gerando uma auto-exclusão.

De acordo com Ferrari, o grande aumento da procura por turmas da EJA nos leva a refletir sobre a Educação Brasileira:

A Educação de Jovens e Adultos apresenta hoje uma identidade que a diferencia da escolarização regular e essa diferenciação não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade sóciohistórico-cultural. Os novos rumos da Educação Brasileira enfatizam a difusão dos valores de justiça social e dos pressupostos da democracia, do respeito à pluralidade fundados a crença na capacidade de cada cidadão ler e interpretar a realidade, conforme sua própria experiência, o que exige reorientar o olhar para propostas educativas que incluam o desenvolvimento da pessoa humana de forma integrada e completa, no atendimento de suas necessidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais (FERRARI, 2005).

A prática pedagógica jamais pode esgotar-se, sempre é preciso inovar, buscar novos conhecimentos, usar a criatividade e a vivência docente para pular todas as barreiras que, por ventura, possam aparecer.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A matemática faz parte da vida de qualquer indivíduo, visto que ela permite a realização de diversas atividades, assim como a compreensão de diversos fenômenos que fazem parte da nossa vida cotidiana.

Alves e Matos em 2006 já relatava que a matemática traz o indivíduo para uma percepção mais clara da sociedade:

A matemática não é neutra e a educação matemática pode proporcionar aos alunos o desenvolvimento de capacidades e aptidões necessárias ao seu crescimento enquanto cidadãos. [...] É necessário incluir outras perspectivas no ensino da Matemática que permitam aos alunos reconhecer os modelos matemáticos presentes nos fenômenos sociais e que os ajude a obter ferramentas que lhes possibilitem desocultá-los, analisá-los, compreendê-los, criticá-los e até reformulá-los. Estamos perante uma perspectiva de educação matemática crítica (Alves e Matos, 2006).

A palavra Geometria vem do grego, geo significa terra e metria medida. A palavra surge devido ao desenvolvimento da agricultura nas terras próximas ao rio Nilo no Egito Antigo.

A Geometria é um ramo da matemática que estuda as propriedades e as medidas das figuras no espaço ou no plano. Para tanto, faz-se necessário o conhecimento de conceitos referentes a pontos, retas, planos, curvas, entre outros.

Desde antes de Cristo o homem já se preocupa com o estudo de formas geométricas, como, por exemplo, as pirâmides do Egito. Isto mostra que a Geometria desenvolveu-se da necessidade do homem na busca de conhecimentos para estruturar o mundo ao seu redor:

A evolução das noções geométricas como formas e medidas foi possível devido a capacidade e necessidade do homem em transformar a natureza buscando aumentar o seu conforto permitindo a realização de construções, primeiramente precárias, as quais procurava aperfeiçoar cada vez mais acumulando cada vez mais conhecimentos. [...] Essa suposição se baseia na idéia de que o homem, buscando aperfeiçoar seu trabalho manual, desenvolve a noção abstrata de forma, vendo o mundo é inerentemente geométrico e passando a dominar as relações geométricas conforme podemos comprovar nas construções do mundo antigo (CENTRO DE ESTUDOS MEMÓRIA E PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – CEMPEM, 2008).

Um aspecto positivo no estudo da Geometria é que estimula o desenvolvimento da criatividade do aluno, que é colocado diante de problemas nos quais precisa encontrar uma solução. Também permite montar e desmontar, compor e descompor figuras, recortar, dobrar, pintar, etc., aguçando mais ainda a criatividade do discente.

Um dos recursos que pode ser lançado pelo docente no auxílio do conhecimento de figuras geométricas e suas propriedades é o geoplano (material didático-pedagógico que auxilia os alunos a desenvolverem habilidades que possibilitem compreender de uma forma melhor diversos conteúdos), que facilmente pode ser construído.

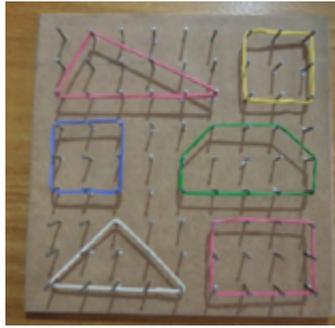


Fig. 1: Geoplano

Como o geoplano, existem diversos instrumentos que podem ser usados para colaborar no ensino da Geometria, tais como construção de sólidos, recursos tecnológicos, entre outros.

2. RELATO DE CASO

Esse projeto foi elaborado para desenvolvimento prático da Geometria Espacial que faz parte da base de Matemática da segunda série do ensino médio.

O trabalho tem como objetivo mostrar a presença da geometria no nosso cotidiano, aguçar o interesse dos alunos nesta área e trabalhar a sua visão espacial, auxiliando-os na distinção entre o tridimensional e o plano. Consiste também no desenvolvimento de técnicas para a percepção tridimensional das formas através dos conceitos básicos de Geometria, estimulando a curiosidade, o interesse e a criatividade do aluno utilizando como ferramenta a construção de barracas.

O sólido escolhido para uso no presente trabalho foi a pirâmide que deveria ser construída em forma de barraca.

O desenvolvimento do trabalho foi realizado da seguinte forma:

- A turma era formada por quarenta alunos que foram divididos em cinco grupos de oito pessoas.
- A escolha dos grupos se deu da seguinte forma: os alunos foram numerados de forma aleatória de um a cinco, seguindo a sequência

das carteiras em sala de aula. Logo os grupos foram formados unindo todos os números um, dois, três, e assim sucessivamente.

- Usou-se alguns critérios para a escolha dos materiais utilizados na confecção das barracas. Foi permitido apenas o uso de materiais recicláveis e não era permitido o uso de isopor.
- Os trabalhos só seriam aceitos mediante a apresentação de um relatório que deveria conter: a barraca propriamente dita, a quantidade exata de materiais usados na construção, o valor gasto e o tempo despendido. Também deveria estar descrito o cálculo de área e volume do sólido, bem como todas as suas resoluções.
- Os trabalhos foram apresentados e todos os alunos de cada grupo deveriam falar. Os cálculos precisaram ser demonstrados aos demais grupos. Foi solicitado que os grupos interagissem na hora da apresentação dos colegas de classe.
- Durante a apresentação, os demais grupos podiam fazer perguntas ao que estava apresentando.



Figura 2: Barraca construída com arestas de bambu e faces com caixa de leite.

Os critérios de avaliação utilizados foram: conhecimento, criatividade, as participações na atividade, qualidade das barracas, resolução correta de todos os cálculos e relatório entregue no prazo.

Resultados obtidos:

- Quatro grupos entregaram as barracas consistentes (montadas de forma sólida) e apenas um apresentou uma barraca que não conseguia ficar firme no chão.
- Apenas um grupo não usou somente materiais recicláveis.
- A entrega do relatório foi concluído por todos os grupos.
- Três grupos conseguiram apresentar sem nenhum erro matemático, os demais tiveram alguns erros de cálculo.
- Todos os integrantes de cada grupo falaram durante a apresentação.
- A valor gasto e a discriminação dos materiais usados foram apresentados por todos os grupos.



Figura 3: Barraca construída com tubo de PVC e tecido.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A matemática é uma disciplina que sempre causou um certo receio entre os alunos e a geometria também não fica de fora. Atividades que fogem da prática de ensino tradicional são alternativas que podem ser usadas para estimular e aguçar nos discentes o gosto pelo saber. Precisamos de alunos que saibam pensar e se tornem cidadãos críticos.

A atividade que foi proposta neste relato atingiu os seus objetivos, uma vez que fixou conceitos e favoreceu a interação entre os alunos. O mercado de trabalho necessita de profissionais que saibam trabalhar em grupo, expor suas ideias, aceitar críticas e usá-las para o seu crescimento.

O trabalho de campo favoreceu a aprendizagem de trabalho em grupo e fortaleceu a absorção do conteúdo, com isso, o aluno da EJA, que muitos já estão no mercado de trabalho, pode colocar em prática a atividade que contribuirá de forma significativa na sua formação.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. S.; MATOS, J. F. Educação matemática crítica na escola. Lisboa (Portugal): Grupo de Investigação Aprender – Tecnologia, Matemática e Sociedade/Centro de Investigação em Educação/Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006.

CEMPEM. Centro de Estudos Memória e Pesquisa em Educação Matemática. 2008.

FERRARI, S. C. O aluno de EJA: jovem ou adolescente?. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_ShirleyCostaFerra.pdf>. Acesso em 10 julho 2015.

A INTERATIVIDADE E AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

Pablo de Souza Vespasiano

pablo.vespasiano01@etec.sp.gov.br

Professor na Etec Dr. Demétrio Azevedo Junior, em Itapeva, SP. Centro Paula Souza.
Orientado por Prof. Dr.hc. Geraldo José Sant'Anna.

O presente artigo tratará identificar a importância da relação afetiva no processo de ensino e aprendizagem entre o professor-aluno da Educação de Jovens e Adultos, tendo base, a relevância da existência do vínculo afetivo do trabalho pedagógico estabelecendo a mediação entre a interação e o conhecimento. Apresenta-se um sucinto estudo sobre a atuação do docente na Educação de Jovens e Adultos, as diferentes formas de aprendizagem, e a importância da afetividade como estratégia pedagógica, estabelecendo vínculos afetivos entre os docentes e discentes, realizado por pesquisas bibliográficas. Em linhas gerais o presente estudo reporta-se a presenciar a educação como transformação, na busca de práticas mais humanas, distanciado dos modelos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Educação de Jovens e Adultos, Professor-Aluno.

This article will identify the importance of affective relationship in the process of teaching and learning between teacher-student of the Youth and Adult Education, and base, the relevance of the existence of the affective bond of pedagogical work establishing mediation between the interaction and knowledge. It presents a brief study about the teacher's performance in the Youth and Adult Education, the different forms of learning and the importance of affection as a pedagogical strategy, establishing emotional ties between teachers and students, carried out by literature searches. Generally speaking this study refers to education as transformation in the search for more human practices, distanced from traditional models.

KEYWORDS: Affection; Youth and Adult Education; Teacher-Student.

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará o tema sobre a interatividade e afetividade como estratégia de aprendizagem no ensino de jovens e adultos, buscando o objetivo de relacioná-los como elemento que condiciona o comportamento do aluno no processo de ensino e aprendizagem. Acredita-se que o docente assume um papel importante neste processo, pois é através desses traços afetivos que se constrói e conduz o fazer conforme as necessidades do discente. Nota-se que o fator afetivo tem assumido tal relevância na atuação docente, por contribuir para o desenvolvimento e a construção dos conhecimentos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Cunha (2008) o autor afirma a importância que o professor deve ter ao conhecer o aluno, principalmente quando consegue identificar seu estilo de aprendizagem, para pode utilizar de metodologias adequadas e que provoquem estímulos aos alunos.

Por fim, este artigo se ampara em pesquisa bibliográfica, analisa, discute, compara a relevância deste assunto na prática da docência, e na receptividade dos discentes da educação de jovens e adultos.

1. EMPATIA: CAMINHO PARA A AFETIVIDADE

Como seres humanos maduros, os alunos da Educação de Jovens e Adultos, mesmo não sendo alfabetizados detêm conhecimentos que adquiriram durante suas experiências de vida influenciada pela convivência com o outro em diversas fases da vida, desta forma considera-se que o aluno é " membro da sociedade ao qual cabe a produção social, a direção da sociedade e a reprodução da espécie" (PINTO, 1997.p.79).

Aafetividade poderá ser entendida como o amadurecimento dos sentimentos seguidos de cada fase da vida ocorrendo à maturação, para Barros (2004) a aprendizagem eficiente surge da integração entre professor-aluno e da existência de um ambiente harmonioso entre todos. Neste sentido, considera-se importante a constituição de interações, por um docente que se esforça para compreender os sentimentos dos estudantes e demonstra aceitação positiva para conduzir toda estratégia de ensino e aprendizagem aos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O estabelecimento dos laços afetivos dentro da sala de aula contribuirá para integração diária estimulando no processo de ensino e aprendizagem que se destacarão pela transmissão dos conhecimentos. Contudo, Rogers (1977) considera que atitudes como motivação, afetividade, atitudes de confiança são indispensáveis na construção do conhecimento do aluno da Educação de Jovens e Adultos, despertando-os um ensino que envolve sentimentos. Ao tratar deste processo da Educação de Jovens e Adultos, considera-se peça fundamental o docente além de ensinar, elaborar metodologias ativas de aprendizado, estimulando-os ao clima afetivo a fim de promover a aprendizagem estabelecendo-o uma conexão da razão, emoção e conhecimento.

Associando-se esse enfoque, Freire (1996) afirma que se torna fundamental o professor e aluno desenvolverem posturas como um bom diálogo, respeito, alegria, capacidade científica, de forma que não haja uma relação de autoritarismo, mas sim uma relação necessariamente de aprendizagem.

1.1. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A palavra afetividade tem sido discutida nos dias atuais, dentro e fora dos ambientes escolares, por se tratar do desenvolvimento afetivo e emocional dos indivíduos em todas as relações do ser humano. Esses aspectos poderão ser tratados na Educação de Jovens e Adultos possibilitando ao indivíduo reforçar o potencial de relacionamentos, habilidades e seus conhecimentos decorrentes das experiências da própria vida. Na Educação de Jovens e Adultos, essa linha de perspectiva segue uma mesma dimensão, por se referir de alunos que poderão atualizar seus conhecimentos, trocar as experiências vividas e viver novas experiências com os demais alunos e professores.

Ensinar exige querer bem aos educandos. Esta abertura ao querer bem não significa na verdade, que porque o professor me obriga a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. A afetividade acha excluída da cognoscibilidade (FREIRE, 1996, p.141).

Segundo Freire (1996), o autor ainda ressalta que a afetividade assume um papel a ser desenvolvido pelo docente que deve conhecer o meio em que o educando está inserido, de forma a identificar sua realidade para promover a motivação necessária a aprendizagem, estimulando nele o protagonismo para buscar o conhecimento. Neste contexto educacional, o aluno da Educação de Jovens e Adultos, deixa de ser visto como mero espectador da aprendizagem e passa a ser visto como mediador do processo de ensino e aprendizagem.

Guedes (1979) por sua vez ressalta que um ambiente escolar deve ser encorajador, compreensivo, acolhedor, permissivo e que estimule as trocas afetuosas, de forma a deixar o aluno da Educação de Jovens e Adultos seguro e a vontade para poder se expressar, dar opiniões e declarar suas emoções, respeitando e reconhecendo o seu espaço e dos outros.

Educar transcende a mera apreensão ímpar com desenvolvimento cognitivo, está associado a correlações de afeto trás alegria e alegria contagia o processo de ensino e aprendizagem (FREIRE, 1996, p.142).

A partir dessas considerações, Barros (2004) afirma que a aprendizagem surge da qualidade de interação entre professor-aluno e do clima estabelecido entre ambos. Deste modo, pode-se afirmar que a escola se torna um espaço de vivências, de convivências, espaço este constituído pelas diferenças de valores, e acima de tudo uma instituição de importância para formação de todos os indivíduos nela inseridos. Assim, pode se acreditar que o indivíduo é um ser social e cultural, logo pode modificar suas ações e pensamentos e formar conceitos através das relações propiciadas pela escola, desenvolver sentimentos afetuosos valorizando sua autoestima, atrelado ao ambiente inserido.

A escola se torna um espaço de vivências, de convivências, espaço este constituído pelas diferenças de valores, e acima de tudo uma instituição de importância para formação de todos os indivíduos nela inseridos.

2. ACEITANDO AS DIFERENÇAS: SOMOS DIFERENTES, APRENDEMOS DE FORMA DIFERENTE

Os seres humanos apresentam diferentes estilos de aprendizagem, com características distintas a forma de se apropriar das informações, e de construir novos conhecimentos. Diante desse cenário, observa-se que existem estilos relativos de aprendizagem, no qual o aluno da Educação de Jovens e Adultos se torna capaz de aprender diante das suas individualidades integrado ao ambiente escolar. Brown (1993, p.105), afirma que este estilo de aprendizagem acontece de maneira peculiar para cada aluno durante o processo de ensino e aprendizagem.

Já para Roger (1977, p.73) o autor relata uma perspectiva história a respeito dos diferentes estilos de aprendizagem por afirmar que o processo de ensino e aprendizagem era fundamentado com base ao processo cognitivo do aluno. Já Brown (1993, p.105) diz que os estímulos de aprendizagem dependem de como os alunos interiorizam as informações, e por sua vez esse processo não poderá ser tratado isolado, mas sim como um processo que envolverá os domínios cognitivos, físicos e afetivos tratados de maneira multidimensional no processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito aos diferentes estilos de aprendizagem, o mesmo poderá ser tratado de maneira natural segundo Skinner (1982, p.140), por considerar que aprendizado como basicamente uma mudança de comportamento.

Segundo Goulão (2002, p. 80) os entendimentos sobre os diferentes estudos de aprendizagem vêm demonstrando que diferentes discentes e docentes desenvolvem características distintas para aprender e disseminar as informações em conhecimentos. Entre os modelos de aprendizagem, este artigo destaca o modelo de Felder Silverman, que classifica a aprendizagem em cinco grandes estruturas: ativos/reflexivos; sensoriais/intuitivos; visuais/verbais; indutivos/dedutivos; sequenciais/globais sendo que:

- **Ativo - Reflexivo:** os aprendizes ativos preferem participar do cenário de aprendizagem de forma ativa, inserindo-se em seminários, trabalhos em grupos, liderança na sala de aula, dinâmicas, pesquisa de campo e dificilmente concordam apenas em assumir a figura de aluno espectador de informação. Já os aprendizes reflexivos, desenvolvem um comportamento mais pensativo, interiorizando todas as

informações antes de socializá-las para o grupo. Também, apresenta um comportamento mais isolado dos demais da sala e não age com precisão em determinadas situações impostas pelo docente.

- **Sensorial- Intuitivo:** os aprendizes sensoriais demonstram interesses por mais situações práticas e concretas, preferem os estudos de caso como objeto de estudo, e mantem um comprometimento maior dos demais alunos por serem metódicos. Os aprendizes intuitivos se apropriam mais nos conceitos e teorias, que surge através de toda linha de imaginação, não demonstram preocupações como complexidade e não se atentam a detalhes.
- **Visual – Verbal:** os aprendizes visuais priorizam a aprendizagem por meio de imagens, símbolos, esquemas, ao invés de captar a informação por meio de escritas, e teorias. Já os aprendizes verbais, ao contrário dos visuais, demonstram pela satisfação em aprender com o auxílio das teorias, explicações e diálogos apresentado pelos docentes.
- **Indutivo- Dedutivo:** este tipo de aprendiz, já demonstra preferência em associar um caso específico com a teoria, e relacioná-las com os conhecimentos já adquiridos por ele mesmo. Os dedutivos, ao contrário desse tipo de comportamento, já preferem ter o contato com as teorias para depois vivencia-las como objeto de estudo. Os indutivos, também preferem exemplos práticos, para relacionar com o que já dominam, devido a aceleração e a velocidade da absorção da informação, enquanto os dedutivos esperam as explicações do professor e depois tentam desenvolver os exemplos práticos fundamentados nas teorias e explicações.
- **Sequencial- Global:** os aprendizes sequenciais demonstram satisfação de aprender de maneira minuciosa, assimilam cada passo da informação antes de formar seu conhecimento. Dificilmente terão habilidades em resolver situações gerais do que esta sendo abordado. Enquanto os aprendizes globais absorvem rapidamente as informações quase aleatoriamente, são holísticos e costumam ver os conteúdos como um todo. Pode-se considerar que esse tipo de aprendiz terá facilidade em resolver exercícios num prazo curto de tempo.

Como se pode observar, existem vários conceitos que vem sendo discutidos em relação aos diferentes tipos de aprendizagem, e essa mistificação de contextos se relacionam aos exercícios na sala de aula e pela atuação do docente. A questão, é que todos esses conceitos partem da construção conjunta entre o equilíbrio e os sentimentos de cada discente, e de acordo a realidade da sala de aula o docente desenvolverá estratégias difundidas do modelo avaliado como o melhor para o processo de ensino e aprendizagem.

3. CONHECENDO MELHOR AS PESSOAS: A APRENDIZAGEM DO ADULTO

Os alunos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos trazem traços de vida e experiências marcados por costumes, hábitos, cultura, sentimentos e históricos de aprendizagem diferentes. A peculiaridade entre estes alunos é dada por já vivenciarem o mercado de trabalho e manterem-se no mundo capitalista cumprindo com obrigações sociais e familiares.

O autor Arroyo relata que:

Essas diferenças podem ser uma riqueza para fazê-lo educativo. Quanto interlocutores, falam de coisas diferentes, o dialogo é possível. Quando só os mestres têm o que falar não passa de um monólogo. Os jovens e adultos carregam condições de pensar sua educação sua educação como diálogo, quando esses interlocutores são jovens e adultos carregados de vivências, essa diferença deverá ter um significado educativo especial. (Arroyo, 2006, p.35).

Ao escolherem retornar á escola, esses alunos optam por desenvolverem suas habilidades pessoais e profissionais. Trata-se de uma decisão que envolve vários fatores como família, trabalho, localidade, custos, determinação e entusiasmo.

O objetivo de voltar à escola envolve a satisfação pessoal, integração á sociedade moderna, a necessidade de aprendizagem, sensação de capacidade e a perspectiva de mudança de vida. A Educação de Jovens e Adultos vem assumindo tal importância na sociedade atualmente, por sua atuação social e ativa exigindo-se uma nova concepção do conhecimento.

Com essas considerações o processo de ensino e aprendizagem dos Jovens e Adultos, exige metodologias e estratégias dos docentes, mas também se refere a um programa eficiente por se tratar de pessoas adultas que buscam conhecimentos e almejam mudanças, sejam elas na vida pessoal e profissional.

4. CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível identificar a importância que tem a afetividade e a interatividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, considerando em questão o ato da docência, e seus métodos que se enquadram em um modo particular de ensinar, e os alunos, com seus diferentes estilos de aprendizagem, diferenças de maturidade, expectativas, níveis de aprendizagem.

No sentido de garantir para esse trabalho um encaminhamento metodológico, através dos conceitos apresentados a interatividade quanto à afetividade fazem parte das práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos não só se limitando apenas aos aspectos cognitivos, mas no processo de ensino que possa colaborar na construção de um ambiente favorável para aprendizagem, sendo que o diálogo estabelecido entre o docente e os discentes será um fator importante no processo de aprendizagem, haja visto que esses formam os elos e os traços afetivos que despertam a motivação dos discentes.

Conclui-se, portanto em busca de melhores práticas pedagógicas voltadas para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, a sensibilização e a percepção de um olhar humanista fazem toda diferença na relação professor e aluno na sala de aula, buscando o dialogo para apoiar-los para que busquem superar as dificuldades e alcançar seus sonhos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

BARROS, Célia Guimarães Silva. Pontos de Psicologia Escolar. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2004.

BROWN, H. Principles of language learning and teaching. NJ: Prentice Hall, 1993.

CUNHA, Antônio Eugênio: Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários á prática educativa, 7ª Ed, Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GOULÃO, M.F. Ensino Aberto a Distância: Cognição e Afetividade. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, na Especialidade de Formação de Adultos, Universidade Aberta, 2002.

GUEDES, Sulami Pereira. Educação. Pessoa e Liberdade: Propostas Rogerianas para Uma Práxis- Psico-Pedagógica Centrada no Aluno. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete Lições Sobre Educação de Adultos. 10ª Ed, São Paulo: Cortez, 1997.

ROGERS, Carl R. Liberdade para Aprender. Minas Gerais: Interlivros, 1977.

SKINNER, B.F. Sobre o Behaviorismo. Cultrix São Paulo. 1982.

FELDER, Richard M. Reacging the second tier: learning and teaching styles in college Science education. 04 fev. 2000. Online. Disponível em <http://www2.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/Papers/Secondtier.html> (a).

O DESEMPENHO ESCOLAR DAS GERAÇÕES X, Y E Z NO CURSO DE TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO DA ETEC PREFEITO JOSÉ ESTEVES, EM RELAÇÃO AOS MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Ronaldo Alves da Silva

professor.ronaldoalves@gmail.com

Diretor de Escola na Etec Prefeito José Esteves, Cerqueira César-SP, Centro Paula Souza. Orientado por Prof. MSc. Ivone Marchi Lainetti Ramos.

Este artigo investiga o trabalho do professor de Educação Profissional quanto a sua prática pedagógica, considerando as Gerações X, Y e Z e o desempenho de cada uma nos processos de avaliação. Através da pesquisa em documentos escolares, foram comparados os resultados a fim de avaliar se cada faixa etária obteve o mesmo rendimento. Constatou-se que os alunos da Geração X e Z não apresentaram o mesmo nível de aprendizado que os da Geração Y, sobretudo quando se utilizaram métodos tradicionais de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Desempenho Escolar; Gerações X, Y e Z; Andragogia.

En este trabajo se investiga el trabajo de los profesores de Formación Profesional en cuanto a su práctica pedagógica, teniendo en cuenta las Generaciones X, Y y Z y el rendimiento de cada uno en los procesos de evaluación. A través de la investigación de los documentos escolares, se compararon los resultados con el fin de evaluar si cada grupo de edad presentó los mismos resultados. Se observó que los estudiantes de la Generación X y Z no mostraron el mismo nivel de aprendizaje que la Generación Y, sobre todo cuando se utilizaron métodos de enseñanza tradicionales.

PALABRAS CLAVE: Educación de Jóvenes y Adultos; Rendimiento Educativo; Generaciones X, Y e Z; Andragogía

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios enfrentados atualmente pelas escolas, sobretudo as escolas técnicas, é o de promover o aprendizado em turmas numerosas e heterogêneas, constituídas por pessoas de características singulares, com objetivos e expectativas diferentes. Uma dessas diferenças é a idade, que pode produzir comportamentos específicos de acordo com cada faixa etária.

Uma ampla literatura indica a existência de diferentes perfis perante a vida, trabalho e a educação para as gerações. (VELOSO; DUTRA; NAKATA, 2008). Os indivíduos dentro de uma sociedade sofrem influências do contexto social, bem como do contexto histórico em que estão situados e passam a compartilhar das mesmas experiências e percepções, apresentando comportamentos, objetivos e aspirações similares, seja na vida profissional ou educacional (SMOLA; SUTTON, 2002).

Este trabalho limitou-se a analisar se dentro de uma turma numerosa e heterogênea, a idade pode ser fator de melhor ou pior rendimento, considerando-se os métodos de ensino-aprendizagem e os instrumentos de avaliação, que deveriam atender às necessidades e expectativas dos alunos de maneira particular e não tratá-los todos como uma “pessoa igual” (MATHIEU & BELEZIA, 2013, p. 83). Na prática, muitos professores acabam por nivelar a turma em um padrão por ele escolhido, atuando com mais empenho junto ao grupo que se constitui maioria e, de certa forma, marginalizando os demais alunos. Segundo Perrenoud (2000, p.72), “absurdo ensinar a mesma coisa no mesmo momento, com os mesmos métodos, a alunos muito diferentes”.

Optou-se pelo estudo das turmas dos cursos técnicos do período noturno, cujos alunos são, em sua maioria, jovens e adultos ingressando ou já fazendo parte do mundo do trabalho, em contraste com os do diurno que, em sua quase totalidade, ainda frequentam o ensino médio regular e não ofereceriam amplitude de comparação, considerando-se o critério idade. Dentre essas turmas analisadas, selecionou-se a do primeiro módulo do curso de Técnico em Administração em virtude da mesma ser uma das mais numerosas, contemplando pessoas com idade entre 15 e 50 anos, bem como idade média de 22 anos.

1. CLASSIFICAÇÃO DOS ALUNOS SEGUNDO A IDADE

A fim de realizar um estudo sobre o desempenho dos alunos dentro de uma faixa etária específica, comparando-os entre si, optou-se por classificá-los e enquadrá-los como Geração X, caso sua idade fosse igual ou superior a 35 anos, Geração Y se a idade estivesse entre 20 e 35 anos, ou em Geração Z se estivesse com menos de 20 anos.

O termo Geração X foi utilizado para denominar um grupo de adolescentes no início da década de 60 a partir de um estudo realizado por Jane Deverson e publicado juntamente com Charles Hamblett (DEVERSON; HAMBLETT, 1965), que os consideravam muito rebeldes para os padrões de então. Já a definição Geração Y foi criada pelo Advertising Age, revista de publicidade e propaganda Norte Americana que definiu os hábitos de consumo dos adolescentes dos anos 90 (GENERATIONS ..., 1993, p. 16). Como eram filhos dos integrantes da Geração X, achou óbvio chamá-la pela próxima letra do Alfabeto.

O mesmo ocorreu com a Geração Z, o que gerou certa discussão sobre como se dará a sequência de letras, uma vez que nosso alfabeto se encerra na letra Z, porém as gerações continuarão a se suceder cada vez mais rápido (SERRANO, 2011). Um ambicioso modelo explicativo das diferenças entre gerações e da forma como estas interagem foi criado por Strauss e Howe, que embora recorra a estereótipos, possibilita compreender os valores e o comportamento das mesmas e as relações entre si, bem como formular hipóteses a esse respeito (FEIJOO, 2014). No Quadro 1, elaborado a partir da série de programas chamada "Gerações", apresentada no Jornal da Globo no ano de 2010, pode-se observar alguns dos principais comportamentos de cada uma (GERAÇÕES ..., 2010). Elas sofrem influência de diversos fatores, como a tecnologia, desenvolvimento econômico do país, comportamento social, movimentos culturais, dentre outros.

Contudo, o simples fato de ter nascido no último dia de uma Geração não representa que o indivíduo apresentará determinadas características e que as mesmas seriam outras caso tivesse nascido no dia seguinte. Essa representação indica comportamentos mais frequentes e comuns numa determinada época e local, mas que poderiam ocorrer em quaisquer outras. Além disso, não há uma concordância entre os autores quanto ao período em que uma termina e outra inicia, tendo o quadro abaixo sido elaborado segundo a reportagem citada.

| Geração X (35 a 55 anos) | Geração Y (20 a 35 anos) | Geração Z (até 20 anos) |
|--|--|--|
| 1961-1980 | 1981-1995 | 1996- |
| <ul style="list-style-type: none"> • Buscam estabilidade, valorizam a carreira • Resistem a mudança • Gostam de tranquilidade • Valorizam a segurança financeira • Defendem a hierarquia e valorizam o poder • Sentem-se desiludidos com os valores vigentes • Estão desacreditados com as instituições | <ul style="list-style-type: none"> • Buscam ascensão rápida • Preferem inovar • Gostam de movimento, mudam de emprego com facilidade • Fazem várias coisas ao mesmo tempo • Tem energia, desenvoltura • Possuem intimidade com a tecnologia • São desfavoráveis a hierarquia • Dão grande valor à educação | <ul style="list-style-type: none"> • São imediatistas • Tem comportamento individualista • Preferem relações virtuais à pessoais • São nativos digitais • Tem dificuldade para trabalhar em equipe • Não gostam de ser contrariados • Distraem-se constantemente • Tem baixo engajamento político • São descrentes na educação e carreira formal • Valorizam o conhecimento, não o diploma |

Quadro 1: Principais características das Gerações X, Y e Z.

Elaborado pelo autor a partir de GERAÇÕES, 2010.

2. CLASSIFICAÇÃO DOS ALUNOS SEGUNDO O RENDIMENTO ESCOLAR

O Conselho de Classe é um colegiado que se reúne regularmente em época prevista no Calendário Escolar. Dentro de suas finalidades, devem “analisar o desempenho dos alunos da classe, individual ou coletivamente” e “decidir sobre a retenção ou aprovação dos alunos da classe”. A partir da análise das Atas do Conselho de Classe Final, documento elaborado para registrar as sínteses finais de avaliação atribuídas pelo professor ao aluno após conclusão do módulo, levantou-se a porcentagem dos que obtiveram cada uma das menções possíveis: MB - Muito Bom, B - Bom, R - Regular e I - Insuficiente (SÃO PAULO, 2013), dentro de cada Geração e por componente curricular, agrupando os resultados dos que obtiveram MB e B, por tratarem-se de menções de aprovação com alto grau de qualidade, desconsiderando-se os alunos desistentes ou com aproveitamento de estudos.

De posse dos resultados, traçou-se um comparativo com os métodos de ensino definidos no Plano de Trabalho Docente e efetivamente utilizados, de acordo com os registros do Diário de Classe, a fim de se obter maior coerência entre o que foi planejado e executado. Desse comparativo, buscou-se melhor entendimento a respeito do rendimento dos alunos, e se os mesmos são de fato favorecidos quando se utiliza métodos diferenciados em contraste com as tradicionais formas de ensino, e se o mesmo sofre significativa variação de acordo com a idade do aluno.

No quadro 2, constata-se que somente um aluno da turma foi retido, sendo ele pertencente à Geração Z. Nesta mesma Geração, também observa-se que ocorreram seis desistências, um número muito maior do que na Geração Y ou X.

| GERAÇÃO | PROMOVIDO | RETIDO | DESISTENTE | TOTAL |
|--------------------|------------------|---------------|-------------------|--------------|
| X | 5 (16,66%) | 0 | 0 | 5 (12,82%) |
| Y | 8 (26,67%) | 0 | 2 (25%) | 10 (25,64%) |
| Z | 17 (56,67%) | 1 (100%) | 6 (75%) | 24 (61,54%) |
| TOTAL | 30 | 1 | 8 | 39 |
| PORCENTAGEM | 76,9 % | 2,56% | 20,51% | |

Quadro 2: Agrupamento de alunos segundo o resultado final

Já no quadro 3, observa-se a porcentagem de alunos de cada Geração (X, Y ou Z) que obtiveram, como resultado final, as menções MB e B, R ou I, por componente curricular. No mesmo quadro foram incluídas informações sobre a quantidade de Instrumentos de Avaliação utilizadas, bem como a diversidade dos mesmos, isto é, um professor pode ter se utilizado de vários momentos (Quantidade) porém de poucas modalidades (Diversidade).

Também buscou-se qualificar os métodos utilizados pelos professores, classificando-os em Tradicionais, Diferenciados ou Intermediários. Essa qualificação deu-se a partir do levantamento dos registros efetuados nos diários de classe, durante todo o semestre letivo. Considerou-se “Tradicional” quando o professor utilizou-se quase que exclusivamente de uma única modalidade didática, geralmente aula expositiva dogmática, onde o aluno limita-se apenas a esclarecer dúvidas (MATHIEU & BELEZIA, 2013, p. 92), “Diferenciado”, quando os professores variaram suas atividades e técnicas, valorizando as experiências e contribuições dos educandos, e “Intermediário”, quando algumas aulas utilizaram-se de métodos que permitiram o protagonismo do aluno, porém, em grande parte delas ainda predominou o tradicionalismo.

A nomenclatura oficial dos componentes curriculares foi substituída por uma letra a fim de preservar os respectivos professores.

| Componente Curricular | RENDIMENTO DOS ALUNOS POR COMPONENTE CURRICULAR E GERAÇÃO (X, Y e Z) | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|--|-----|----|-------|----|----|-------|---|----|---------------|------------------|------------|
| | MB e B (%) | | | R (%) | | | I (%) | | | Método | Instrumento (Un) | |
| | X | Y | Z | X | Y | Z | X | Y | Z | | Diversidade | Quantidade |
| E | 80 | 100 | 72 | 20 | 0 | 28 | 0 | 0 | 0 | DIFERENCIADO | 4 | 8 |
| H | 80 | 100 | 83 | 20 | 0 | 7 | 0 | 0 | 10 | DIFERENCIADO | 5 | 5 |
| A | 100 | 100 | 86 | 0 | 0 | 7 | 0 | 0 | 7 | INTERMEDIÁRIO | 3 | 8 |
| B | 60 | 88 | 83 | 40 | 13 | 17 | 0 | 0 | 0 | INTERMEDIÁRIO | 2 | 4 |
| C | 100 | 88 | 78 | 0 | 13 | 5 | 0 | 0 | 17 | INTERMEDIÁRIO | 3 | 3 |
| F | 100 | 100 | 94 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 | TRADICIONAL | 2 | 2 |
| D | 100 | 100 | 89 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 11 | TRADICIONAL | 1 | 1 |
| G | 60 | 100 | 82 | 40 | 0 | 12 | 0 | 0 | 6 | TRADICIONAL | 3 | 4 |

Quadro 3: Rendimento dos alunos por componente curricular e Geração (X, Y e Z), considerando-se os métodos e instrumentos de avaliação.

Analisando num primeiro momento apenas o rendimento dos alunos segundo sua classificação etária, constatou-se que as menções insuficientes (I) concentraram-se entre os alunos da Geração Z, que compreende os de idade inferior a 20 anos. Já com Geração Y, cujos alunos estão com idade entre 20 e 35 anos, há evidências de excelente desempenho em quase todos os componentes curriculares, com uma pequena exceção nas disciplinas B e C em que 13% obtiveram menção regular (R). Na Geração X, composta pelos alunos com idade superior a 35 anos, os resultados oscilaram entre excelente (MB ou B) e regular (R), apesar de não terem recebido nenhuma menção insuficiente (I).

Confrontando esses resultados com os demais critérios (Métodos e Instrumentos de Avaliação), observa-se que a Geração Z, comparada com as outras, obteve pior desempenho nas aulas “Tradicionais” (F, D, G), onde os professores utilizaram menor quantidade e diversidade de instrumentos de avaliação. Esse indicador não influenciou a Geração X, que obteve 100% de aproveitamento em algumas aulas “Tradicionais” (F, D) mas também teve seu pior desempenho no componente curricular “G”, cuja linha didática foi semelhante. O mesmo ocorreu em componentes curriculares “Intermediários”, nos quais um desempenho excelente (MB ou B) aconteceu em dois componentes curriculares (A, C) e desempenho regular (R) no componente curricular “B”.

Dos sete professores que atuaram junto à turma, cinco deles (86%) pertencem à Geração Y, e ministraram os componentes curriculares “A”, “B”, “C”, “E” e “G”. Os outros dois professores (14%), pertencem à Geração X e ministraram os componentes curriculares “D” e “F”, justamente dois terços cujas aulas privilegiaram métodos tradicionais de ensino e não diversificaram os instrumentos de avaliação.

Em entrevista com o Coordenador de Curso, discutiram-se algumas características adicionais destacadas para os integrantes da turma, considerando-se a faixa etária em que se situavam:

Geração X – grande exigência pelo conhecimento advindo de referenciais teóricos; valorização da história e da experiência individual; esclarecimento de dúvidas exclusivamente de maneira pessoal e presencial; valorização do certificado que será obtido.

Geração Y – grande dinamismo nas atividades; resistência aos referenciais teóricos; valorização de aulas com recursos multimídia; respondem além do que lhes é exigido.

Geração Z – dispersão em sala de aula; comprometimento apenas com as atividades que lhes interessam; facilidade para aprender; valorização do conhecimento útil e não do certificado; não aceitação do que é imposto.

Para obter melhores resultados pessoais e institucionais, a escola precisa saber aliar as diferentes gerações dentro de um mesmo ambiente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem indícios de que os jovens e adultos que frequentam as escolas de Educação Profissional apresentam dificuldades em conciliar suas atividades profissionais com a escola, e se não tiverem seus anseios e expectativas atendidas, dentro das características próprias de sua geração, poderão constituir uma indesejável estatística de abandono escolar.

Podemos também conceber que, para obter melhores resultados pessoais e institucionais, a escola precisa saber aliar as diferentes gerações dentro de um mesmo ambiente, extraíndo de cada aluno o que ele tem de melhor e equilibrando os potenciais individuais em função de um aprendizado coletivo.

Já os professores devem estar preparados para atender a essa demanda e dispostos a serem suficientemente flexíveis, com a missão de aprender com a diversidade para poder tirar proveito de um ambiente realmente colaborativo.

O estudo indica a necessidade de se aprofundarem os debates e a investigação sobre o tema, a fim de que capacitações sejam promovidas para que os métodos de ensino e as avaliações possam ser melhor compatibilizados com o público alvo da instituição. Há um desafio especial em desenvolver novos modelos de ensino para os jovens da Geração Z, cujo comportamento em muito difere das Gerações anteriores. E justamente nas Gerações X e Y é que estão concentrados os professores que hoje atuam nas escolas e que não estão, em sua maioria, devidamente preparados para explorar todo potencial desses alunos que, em breve, estarão inseridos no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

DEVERSON, Jane e HAMBLETT, Charles. Generation X. United Kingdom: Tandem Books, 1965.

FEIJOO, João Paulo. A Teoria Geracional (Straws e Howe). Cranberry Toolbox, Lisboa: nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cranberryabc.com/wp-content/uploads/2014/11/Cranberry-CBT-Teoria-Geracional-Strauss-Howe.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2015.

GENERATION Y. Advertising Age, New York: Craim Communications, v. 64, n. 36, ago. 1993.

GERAÇÕES. Jornal da Globo, Rio de Janeiro: Rede Globo, nov. 2010. Programa de TV.

MATHIEU, Elizabete Rodrigues de Oliveira e BELEZIA, Eva Chow. Formação de jovens e

adultos: (Re) Construindo a prática pedagógica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013.

PERRENOUD, Philippe. Pedagogia Diferenciada: das intenções às ações. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SÃO PAULO (Estado). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Regimento Comum das Escolas Técnicas Estaduais do Centro Paula Souza. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/etec/regimento-comum/regimento-comum-2013.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SERRANO, Daniel Portillo. Geração X, Y, Z ...IFDBlog, São Paulo: mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ifd.com.br/marketing/geracao-x-geracao-y-geracao-z/>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. D. Generational differences: revisiting generational work values for the new Millennium. Journal of Organizational Behavior. U.S.A.: 2002. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.147/pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras Inteligentes: Diferenças entre as gerações Y, X e Baby Boomers. XXXII Anais do EnAnpad. Rio de Janeiro: Anpad, 2008.

CHAMADA DE TRABALHOS

Período de envio de trabalhos: **15/07/2016 a 30/08/2016**

Envie seu trabalho para: perspectivas@cps.sp.gov.br

1. A Revista

A Perspectiv@s: um novo olhar para a educação de jovens e adultos é editada pela Unidade do Ensino Médio e Técnico, com apoio do Programa Brasil Profissionalizado, e tem por objetivo apresentar pesquisas em educação, tendo como foco a educação de jovens e adultos e sua relação com o mundo do trabalho.

2. Os trabalhos

A temática da revista é Educação, nos diversos aspectos metodológicos, políticos e estruturais da educação profissionais de jovens e adultos.

3. Submissão dos Trabalhos

A submissão de Trabalhos para análise da Comissão Editorial é feita única e exclusivamente pelo e-mail perspectivas@cps.sp.gov.br. Ao submeter os Trabalhos, os autores ficam cientes e concordam com as normas editoriais da Revista.

4. Normas de Padronização

Os Trabalhos não devem ultrapassar quinze laudas e devem obedecer à norma culta da língua portuguesa, no formato ABNT.

Na primeira página o título em letras maiúsculas, em negrito e centralizado; abaixo do título o nome do (a) autor (a) e coautor(es) (no máximo dois) com identificação das instituições de origem, e e-mail do(s) autor(es); abaixo informar mini currículo e finalmente, resumo, palavras-chave, introdução, desenvolvimento e considerações finais/conclusão.

As notas de rodapé, sendo indispensáveis, devem ser colocadas no final do Trabalho, antes das referências bibliográficas.

Os títulos das seções internas devem estar em negrito e alinhados à esquerda. Os subtítulos devem ter recuo para parágrafo de 1,5 em relação aos títulos. Utilizar fonte Arial, tamanho 12 e espaçamento entre linhas de 1,5 linha.

5. Prazos

Pré-seleção de artigos recebidos: **15/07/16 a 30/08/16**

Análise dos artigos pela comissão: **01/09/16 a 30/09/16**

Eventuais correções nos artigos, de acordo com as sugestões da comissão: **01/10/16 a 30/10/16**

Editoração: **15/11/16 a 15/12/16**

Lançamento da revista: **2ª Quinzena de janeiro de 2017**

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Estas diretrizes editoriais têm o objetivo de garantir instruções para submissão e publicação na revista *Perspectiv@s: um novo olhar para a educação de jovens e adultos*, é editada pela Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, de periodicidade semestral, com o objetivo de promover e divulgar estudos, reflexões e pesquisas na área de educação, com foco na educação de jovens e adultos e na educação profissional.

Os artigos produzidos serão submetidos à análise da Comissão Editorial, que poderá ou não aceitar tais artigos, e eventualmente, sugerir modificações ao(s) autor(es), a fim de adequar os textos à publicação. O Centro Paula Souza e a Comissão Editorial não se responsabilizam pelas opiniões, ideias e conceitos emitidos nos textos, que são de inteira responsabilidade do(s) autor(es).

Todos os trabalhos serão submetidos à leitura de, no mínimo, dois pareceristas da Comissão Editorial ou de especialistas convidados, sendo garantido sigilo e anonimato tanto do(s) autor(es) quanto dos pareceristas. Os nomes e demais dados do(s) autor(es) informados serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros. As sínteses dos pareceres, em caso de aceite condicionado ou recusa, serão encaminhadas, pela Comissão Editorial, exclusivamente ao(s) autor(es).

O artigo deve conter em sua estrutura Título, Resumo, Palavras-chave, Introdução, Desenvolvimento e Conclusão/Considerações Finais. Deve considerar adequado tratamento para citações, correta indicação para ilustrações, tabelas e gráficos e apresentar a exposição de referencial utilizado. A escolha, pela Comissão Editorial, dos artigos para publicação priorizará a relevância e atualidade do tema e a abrangência do estudo. Cada parecerista, de forma individual, efetuará a análise, considerando o que se segue:

- a) pauta nos aspectos técnicos do artigo, independente de o material ser controverso, contraditório ou mesmo contrário às suas teorias às teses em uso, mas que, tecnicamente, esteja adequado aos padrões de qualidade da revista.
- b) o parecerista, em sua análise, poderá sugerir adequações quanto às terminologias utilizadas pelo(s) autor(es).
- c) será recusado o artigo que fizer alusão depreciativa a qualquer indivíduo quer seja no âmbito pessoal ou profissional.

CONTATOS

Centro Paula Souza
Praça Coronel Fernando Prestes, 74 - Bom Retiro - São Paulo - SP
01124-060

Profa. Eva Chow Belezia
Professora Coordenadora EJA
perspectivas@cps.sp.gov.br



Ensino e aprendizagem
na educação de jovens e adultos

